

COMPRADO  
ABR. 1911  
N.º 69  
MARÇO 1911

# SERÕES



MUSEU D'ARTE. — DÜRER (1471-1528) Escola alleman. — Retrato de homem

Proprietaria e editora : Livraria Ferreira — Director litterario : Antonio Sergio de Sousa — Director gerente : Caldeira Pires — Séde da redacção e administração : Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27.

## Summario

### MAGAZINE

PAG.

RETRATO DE HOMEM ( <i>Frontispicio</i> ) . . . . .	162
SIENA, A SANGRENTA ( <i>9 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por JUSTINO MONTALVÃO . . . . .	163
LUIZINHA ( <i>2 illustrações e 1 vinheta</i> ) por CLARA DÁSI . . . . .	178
PADEREWSKY — UMA LIÇÃO DE UM GRANDE MESTRE ( <i>5 illustrações</i> ) . . . . .	186
MYSTICISMO CHRISTÃO ( <i>Soneto</i> ) por EDUARDO METZNER . . . . .	192
MADRUGADA DE SONHO ( <i>5 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por AYRES DE CARVALHO . . . . .	193
UMA EXPERIENCIA MARITAL ( <i>3 illustrações e 2 vinhetas</i> ) . . . . .	199
HAMBURGO — HANNOVER — BERLIM ( <i>6 illustrações e 1 vinheta</i> ) por DOM THOMAZ DE NORONHA . . . . .	205
SOUSA VITERBO E A SUA OBRA POSTHUMA ( <i>4 illustrações e 1 vinheta</i> ) por VICTOR RIBEIRO . . . . .	210
FELIZES OS QUE MORREM ( <i>Versos</i> ) por SOUSA VITERBO . . . . .	215
NOTICIA BIBLIOGRAPHICA ( <i>1 illustração e 1 vinheta</i> ) . . . . .	216
SOBRE A QUESTÃO ORTOGRÁFICA ( <i>1 illustração e 1 vinheta</i> ) . . . . .	218
RESENHA PORTUGUEZA ( <i>5 illustrações e 1 vinheta</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	220
THEATROS ( <i>3 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	226
PELO MUNDO FÓRA ( <i>12 illustrações e 1 vinheta</i> ) . . . . .	230
CHRONICA DA MODA ( <i>4 illustrações e 1 vinheta</i> ) . . . . .	238



# Diccionario Prático Illustrado

---

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugûsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

**Lingua portugûsa**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

### O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

**pronúncia figurada** (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brasileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

**Locuções latinas e estrangeiras**, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

**Noticias biográficas**, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugêsa e brasileira;

**Monographias de obras de arte famosas**: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

**Personagens e typos** symbolicos, literários, sociaes.

---

## **ILLUSTRAÇÕES**

---

**6:000 gravuras** distribuidas no texto.

**110 quadros encyclopedicos**, 3 dos quaes a côres.

**1:000 retratos** de individualidades celebres, portugêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

**90 mappas geógraphicos**, 8 dos quaes a côres.

---

### **Preço da obra completa**

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

**3\$000 RÉIS**

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

**CADA TOMO, 500 RÉIS.**

# Serões



Historia \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Sciencia  
Romance \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Arte  
Actualidades \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ etc. \_\_\_\_\_

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores  
e artistas portugueses e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

**Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados**

---

**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.

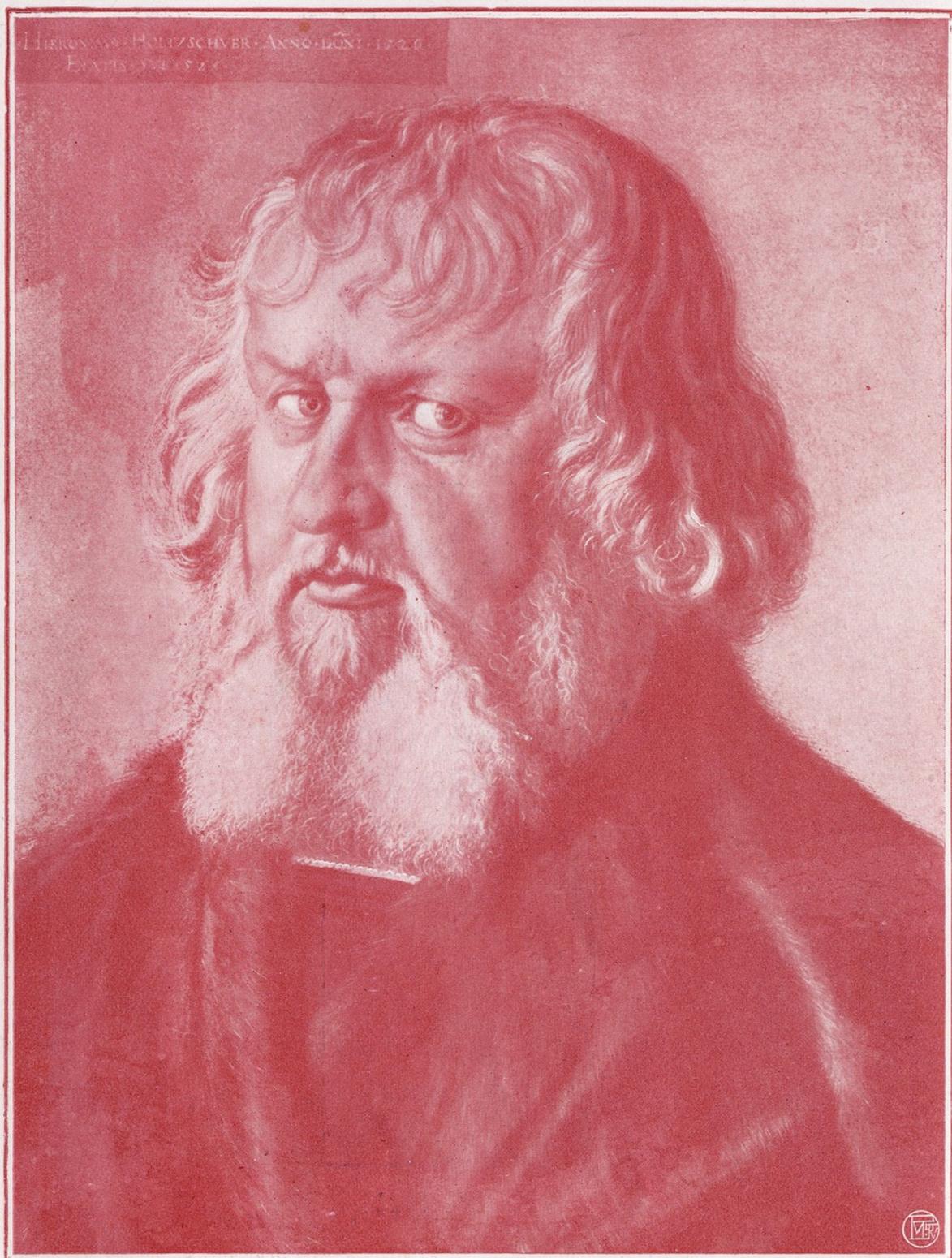
N.º 69



SERÔES  
REVISTA  
MENSAL  
ILLUSTRADA



MARÇO 1911



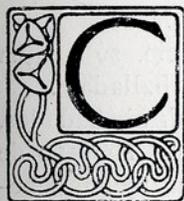
MUSEU D'ARTE. — DÜRER (1471-1528) Escola alleman. — Retrato de homem



# SIENA, a sangrenta

## I

### Siena ao crepusculo



CINGIDA por muralhas côr de sangue coalhado, com os telhados cobertos de neve da casaria de tijolo a despenhar-se em avalanche pela collina abrupta que o domo de marmore branco e negro corôa — assim me appareceu a gothica Siena, ao cair d'uma tarde roxa e triste d'inverno.

Cheguei á gare deserta, depois de atravessar durante tres horas a paysagem de olivaees cinzentos e vinhedos já resequidos, que desde Florença se desenrola, alternativamente fertil e agreste, até aos monticulos argilosos que a partir de Poggibonsi começaram a ascender em ondulações d'um castanho ruivo, salpicadas a espaços pela geada, como por um manto real d'arminhos que se tivesse esfarrapado nas ravinas.

Sob o ceu d'uma inalteravel limpidez azul, que contrastava estranhamente com a côr sangrenta das collinas e a desolação congelada da natureza, ruinas de conventos e castellos, vestidos d'heras, sob vôos de corvos crucitantes, davam um aspecto de romantismo feudal a esta parte da Toscana, onde a edade media foi mais rude e guerreira que no resto da Italia.

Para dominar o frio, que nos paizes meridionaes parece mais aspero que no norte, galguei a pé a via Garibaldi espiralando n'uma longa curva, da porta ameada de San Lorenzo ao topo d'um dos tres montes em que Siena se eleva. Pelas estreitas ruas tortuosas que enormes palacios sombreavam, e sobre cujas lages corriam velozmente caleches tiradas por cavallos enfeitados com uma pluma esguia, cheguei emfim á Via di Cittá. E ao lado da *Loggia dei Nobili*, pelo viccolo da Macta Salaia descendo sob a abobada escura, n'uma ladeira tão ingreme que sem os degraus seria impraticavel, avistei a Piazza del Campo que se arredonda ao fundo, d'um pittoresco imprevisto que olhos artistas nunca mais esquecem.

Concava, rosea, escavada ao centro como uma enorme concha marinha, a estranha praça que a lenda diz modelada pela capa d'um peregrino desconhecido que atravessára a cidade, lembra o vasto hemicyclo dos theatros antigos. Arcadas sombrias fazem-lhe roda. Altas casas ameadas acotovelam-se, com anneis de bronze e tocheiros de ferro forjado entre os balcões e sobre os porticos d'alpendre. Em frente, o *Palazzo Pubblico*, massiço e quadrado como uma fortaleza medieval, com a fachada de tijolo vermelho onde as quatro filas de ogivas divididas por columnetas finas de marmore recurvam a sua graça gothica, projecta nos ares

a gigantesca torre *del Mangia*, em cuja plataforma, dominando a cidade e as colinas, resoavam outr'ora os rebates, nas sedições.

A floresta nua das torres eriçava n'esse tempo a nobre Siena, como ainda hoje San Gemignano, que n'um relicario de pedra ruiva guarda intacta a architectura do seculo de Dante.

Um painel de Biccherna mostra como ellas coroavam com orgulho os palacios patricios, em 1527. De todas as que faziam cortejo á *Mangia*, como a uma rainha do espaço, só resta, sobre o Domo, o campanario.

Junto da base da torre, a capella erguida pelos sienezes para commemorar o termo d'uma d'essas epidemias que na idade média faziam mais victimas do que as guerras modernas, abriga sob o baldaquino esbelto os *frescos* de Sodoma, que o ar e a humidade deliram. Sobre uma columna de pedra, á direita do palacio publico, a loba heraldica de Siena assignala o orgulho da sua origem romana.

Sentei-me no rebordo de marmore da *Fonte Gaia*, tão linda, com os baixos relevos biblicos que Jacopo della Quercia esculpiu. E no silencio evocativo do crepusculo que começava a indecisar na sombra o scenario novellesco do *Campo* deserto, mais uma vez absorvi o fluido de sonho, que como um opio allucinante me exalta em todos os logares magnificados pela historia ou idealizados pela arte e pela lenda.

Tudo, n'esta velha praça, transporta invencivelmente o pensamento ás épocas decorativas, e facilita este subtil prazer de nos integrarmos no passado, de nos sentirmos, por momentos, reviver a existencia anterior, de que só certas almas conservam a rememrança consciente.

Na fluctuação das sombras que iam mystificando a *piazza* archaica, a visão dos dias de esplendor avivava-se, tomava pouco a pouco relevo, vibrava de vida real. Revia, como se verdadeiramente os tivesse presenceado, os sumptuosos torneios do *Palio*, que então faziam a gloria da cidade heroica, e em que todo o povo, ainda hoje, em julho e agosto, cada anno, celebra a victoria de Montaperto, ganha nas margens do

Arbia, contra os guelfos de Florença, pelos banidos gibelinos, aliados aos sienezes.

Em pannos de treva, entretanto, fôra a noite amortalhando, em torno da praça deserta, os mudos palacios d'outr'ora. E no grande silencio inerte, que mais morto ainda me parecia depois da evocação de tanta vida extincta, sómente a agua eterna, na bella Fonte Gaia, cantava aos écos attentos a sua cantilena de fáda...

## II

### Siena ao luar

A noite dramatisara Siena. Sobre a confusa architectura dos palacios que a penumbra acarvoava, os telhados cobertos de neve alvejavam espectralmente. Sob as arcadas gothicas, as sombras agrupavam-se, enigmaticas, em embuscada. Compacto, macisso, o *Palazzo Publico*, projectando no espaço o torreão gigantesco, dir-se-ia talhado n'um immenso bloco de treva petrificada.

Somnambula, no frio silencio, só a agua da Fonte Gaia cantava a sua ballada...

Por um dos ingremes *viccoli* abobadados, onde a chamma sangrenta do lampeão de ferro pestanejava deante d'um nicho, penetrei no labyrintho das ruas desertas, sem destino, á procura d'essa allucinante sensação de me perder n'uma cidade desconhecida, que é a ultima aventura romantica das viagens.

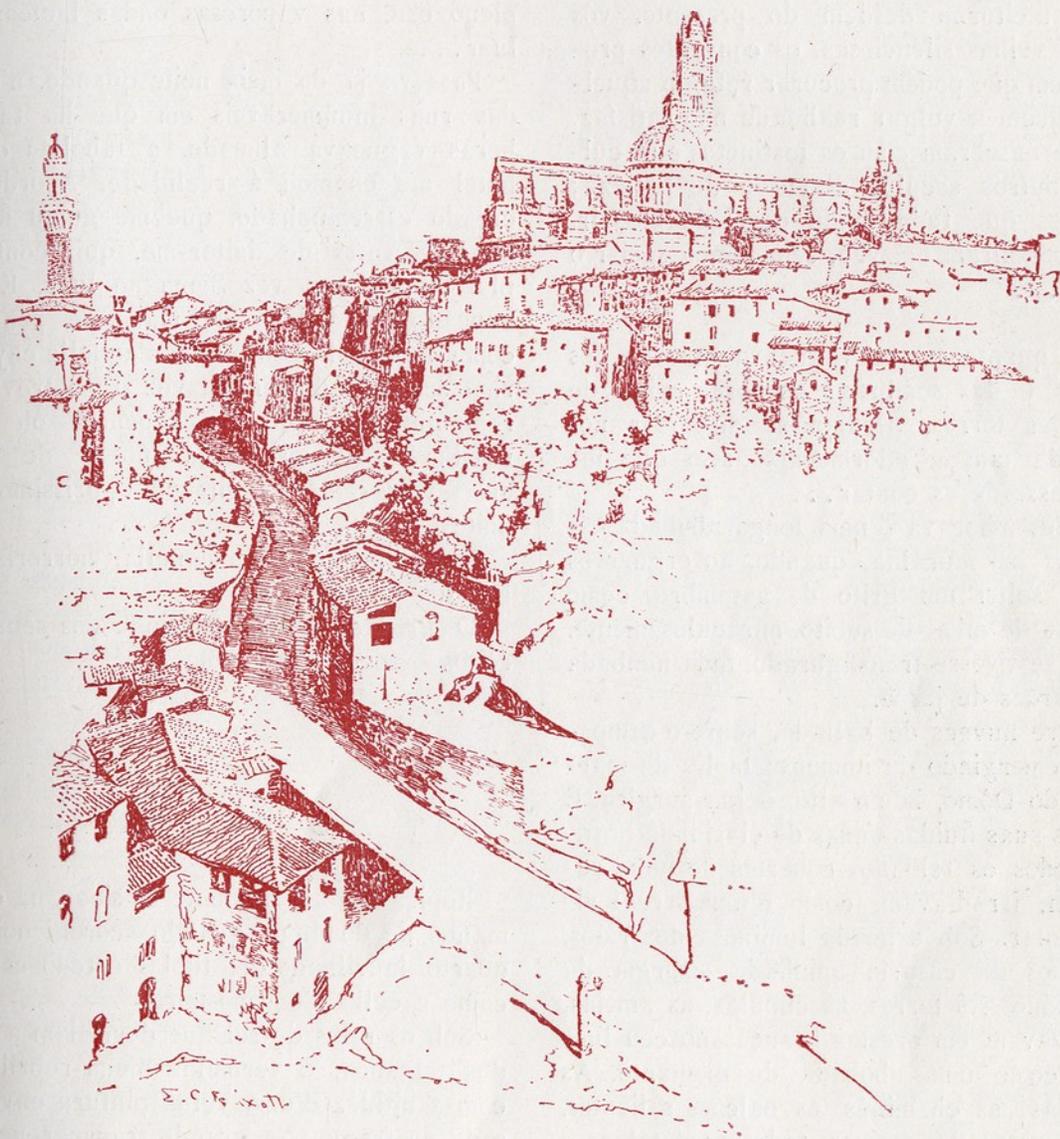
Nove horas apenas, e já todas as casas fechadas. Exceptuando o bocado da *via di citta*, em frente do Café Grecco, todo illuminado, a cidade inteira parecia amortalhada no silencio e na escuridão.

Nenhuma necropole pode exprimir melhor o sentimento da morte do que esta medieval Siena, á noite. As ruellas estranguladas, como galerias subterraneas, enroscando-se e encruzilhando-se com uma fantasia que desorienta; as altas casas ameaçadas como bastiões; as escadarias despenhando-se como cascatas congeladas; as mudas praças onde os passos ecoam lugubrememente, dão-lhe o aspecto d'uma *cidade encantada*. Nem um vulto humano, nem um rumor de vida. De longe a longe, ao fundo d'uma ruella tortuosa, hiante como a guella d'um

antro, a chamma d'um candieiro, vacillando no seu halo arroxeadado, faz a obscuridade mais enygmatica.

Para tornar a impressão de imprevisito ainda mais singular, o solo todo em declives bruscos, em curvas inesperadas, dir-se-ia convulsionado por um terramoto.

cia ladeiras de lages polidas, que os meus passos faziam resoar sob abobadas profundas, tão estreitas, que abrindo os braços tocava com ambas as mãos as muralhas de tijolo, viscosas de humidade... E de repente recuava, transido, contra o parapeito baixo d'uma esplanada, ante im-



SIENA E O DOMO VISTOS DE SAN DOMENICO

Sem saber onde iria ter, subia escadarias que desembocavam em largos solitarios, onde a neve estendia mortalhas brancas e enormes egrejas se erguiam com estatuas tragicas como aparições, gargulas, monstros, chymeras, toda uma fauna de pedra, diabolica e esphyngica, immobilisada nos ares, como n'um pesadelo... Depois, des-

previstos barrancos de trevas, onde as fórmas confusas de casarias em derrocada, sob os telhados branquejantes, precipitando-se umas por cima das outras, sugeriam uma multidão atropelada n'uma fuga de panico, e que a morte bruscamente paralyzara.

Ao acaso, ia indo... Na solidão absoluta, tinha a impressão deliciosamente inquietante

de ser o unico vivo, vagueando n'um burgo fantasma, subitamente restituído ás edades extinctas. Nenhuma nota discordante de vida moderna interrompia o sonho antigo em que a minha imaginação voluptuosamente se exaltava... Cidades mortas, como eu vos amo entre todas! Imobilizadas no passado, fóra da vida, na vossa solidão orgulhosa, no vosso taciturno desdem do presente, vós sois, ó velhas silenciosas, os conventos profanos em que podem procurar refugio aquelles a quem a vulgar realidade não satisfaz, porque nasceram com os instinctos e os cultos d'outros seculos d'arte e de belleza; aquelles que tudo tendo desejado possuir, tudo possuiram em vão, sem nunca saciar o desejo...

Ha quanto tempo vagueava atravez dos sonhos e das sombras? As horas caíam do alto das torres, perdiam-se dispersas nos ecos da cidade adormecida, sem que me lembrasse de as contar...

E desembocava d'uma longa abobada escavada na muralha, quando, ao erguer os olhos, soltei um grito de assombro, como se ante de mim, de subito, miraculosamente, Siena se tivesse transfigurado, toda nimbada de clarões de jaspe.

Entre nuvens de ballada, sobre o campanilho emergindo da immensa molle de marmore do Dómo, lá no alto, a lua surgira. E sob as suas fluidas ondas de claridade branca, todos os telhados cobertos de neve reluziam, irradiavam, como n'uma irreal visão polar. Sob a geada luminosa dos raios, o cahos da casaria apinhada emergia da escuridão. As torres, as cupulas, as ameias, destacavam em arestas brancas no ceu limpo como uma abobada de diamante. As cornijas, as chaminés, os balcões salientes, os recortes das ogivas, todos os detalhes e florões da architectura gotica dos palacios, dir-se-iam esculpidos em alabastro, no ar diafano. Recortadas de clarões azulados, as ruas tomavam uma nitidez prodigiosa d'agua-forte. Todos os cimos, batidos pelo luar, refulgiam, emquanto os planos inferiores rastejavam na obscuridade. Aqui e além, havia agrupamentos de fórmulas singulares, cujas sombras a lua projectava sobre as pedras claras das praças silenciosas. Na bruma misteriosa de certos recantos, bran-

curas vagas palpitavam, reflexos ondeantes pareciam agitar-se, vibrar de vida propria, como enxames voantes de fogos-fátuos. E sobre a cidade adormecida, no topo da collina mais alta, a cathedral maravilhosa, erigindo o campanario como um mastro, lembrava uma fantastica caravella de prata, uma colossal arca biblica fluctuando em pleno ceu, nas vaporosas ondas lacteas do luar...

Passava já da meia noite quando, n'uma das ruas innumeraveis em que ha tantas horas vagueava alheado, a taboleta d'um hotel me chamou á realidade. Acordei o creado estremunhado, que me guiou a um quarto. Antes de deitar-me, quiz contemplar ainda uma vez Siena ao luar. E debruçado no balcão de marmore pensava como seria delicioso ouvir, n'aquelle chymérico scenario d'opera, a voz d'um trovador romantico, quando de repente—oh maravilha!—as primeiras notas de uma aria vibraram no silencio purissimo da noite...

Mas logo fechei a janella, horrorizado. Era um phonographo...

O Progresso não prescinde dos seus direitos — mesmo em Siena.

### III

#### Siena ao sol

Repicavam alegremente os sinos, na clara manhã de domingo, quando acordei no meu quarto ladrilhado de tijolos e todo caído, como a cella d'um mosteiro.

Sob os raios de sol que derretiam a neve dos telhados, a vermelha Siena rebrilhava com a nitidez d'uma velha pintura envernizada de fresco. Na grande transparencia do ar frio e azul, as côres adquiriam maior relevo e os ruidos mais sonoridade. As ameias das casas, os balcões ogivaes, as cupulas, os campanarios, todos os contornos e arestas que o sol tocava, vibravam de tintas vivas, emquanto ao fundo as ruas estreitas jaziam ainda na penumbra.

Povoada pelos *contadini* dos arredores, a cidade parecia por algumas horas, acordar do lethargo secular. Ao galope dos cavallos guisalhantes, pequenas carrocellas de duas

rodas altas, corriam rapidamente sobre as lages lisas.

Em frente das vitrines coloridas da via di Citta, sob as arcadas da loggia do Casino dos Nobres, á volta dos chafarizes ornados de estatuas da via Cavour, havia grupos alegres conversando, na ociosidade do dia de festa. Na Piazza del Campo, debaixo das arcadas, o sol fazia luzir os taboleiros de laranjas, que na Italia se chamam «portogalli».

No meio d'um circulo de gente immobilizada pela attenção religiosa que a musica desperta sempre n'este povo artista, um homem alto, trigueiro, e uma rapariga em cabello, de grandes olhos pretos, envolta no chale escarlate todo esfarrapado que lhe modelava o corpo esculptural com tão esbelta nobreza como se fosse um manto de rainha, cantavam ao som do violão que elle dedilhava com o gesto theatral d'um troveiro vagabundo.

As vozes, subindo no ar fino, tomavam uma pureza harmoniosa e voluptuosa, em que as imagens floridas d'uma canção popular, celebrando os dois motivos eternos da poesia italiana, *il amore e la giovinezza*, vibravam com o timbre incomparavel que faz a lingua dos siennezes famosa entre as da Toscana.

E ao rythmo da canção amorosa brilha-

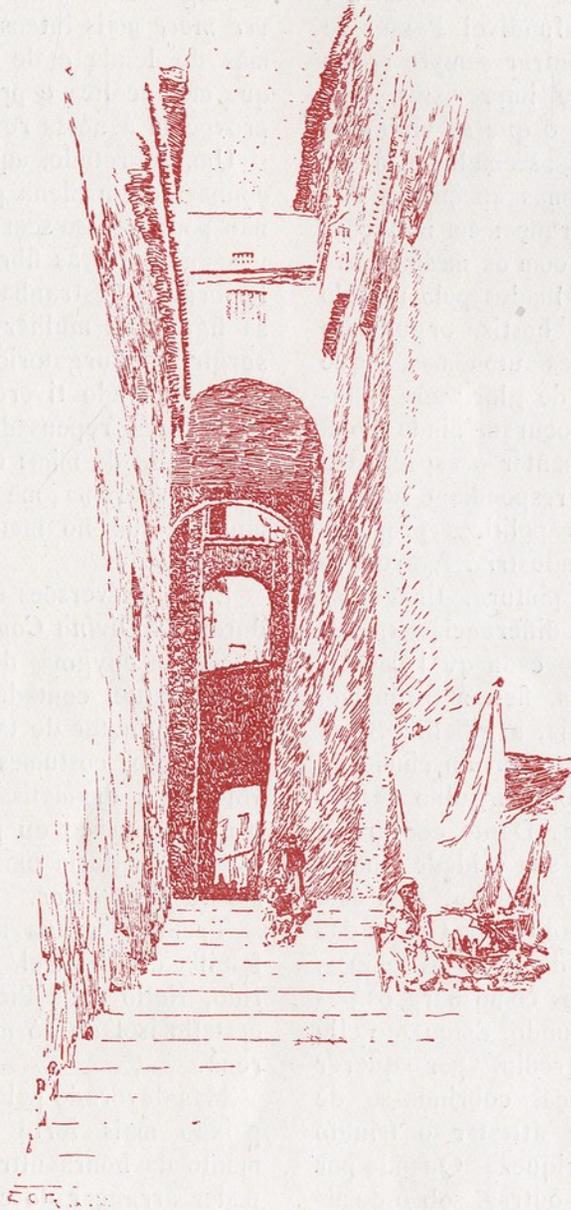
vam mais languidos, nos rostos morenos, os olhos aveludados das *contadine*, a que os grandes chapéus de palha leve, emplumados de branco e gracilmente arqueados sobre os cabellos pretos, dão uma originalidade característica.

Se não fossem os trajos contemporaneos, poderia imaginar-me, n'aquella praça antiga, entre as mais bellas creaturas lendarias que serviram de modelos aos pintores que fizeram a gloria da escola sieneseza.

Tudo de resto, n'esta terra singular, facilita a delicia incomparavel de evocar, de *reviver*. Apesar das lojas de modas, das tabacarias, dos cafés instalados no rez-do-chão dos palacios ogivaes, o sentimento da existencia d'outr'ora persiste tão vivo como nos tempos em que Siena contava cem mil habitantes, sob o dominio de Pandolfo Petrucci, o Magnifico, que Machiavelo apresentou como o modelo dos tiranos.

Das cidades italianas, e a que conserva mais o aspecto medieval, a imagem exacta

da architectura gothica italiana dos seculos XIII e XIV. Nas outras, são raras as casas modernas. Não me lembro de ter visto uma só, destacando com o seu ar insolente de modernismo, de tal modo a impressão de antiguidade alli é total. As da Renasçaça, mes-



UMA RUELLA DE ARCOS

mo, são poucas. Veneza a oriental, Veneza a gothica, algumas ruas archaicas de Genova, Pisa a morta, certos recantos e praças de Florença, deram-me decerto emoções inolvidaveis — mas não com esta harmonia extraordinaria de conjuncto.

Cada cidade, em Italia, tem com effeito uma fisionomia differente das outras, um character particular, inconfundivel. Passar de uma para outra, é encontrar sempre novas surpresas, visões sempre imprevistas, sem nada que se pareça com o que se viu anteriormente. Nenhumas se assemelham, á semelhança d'essas monotonas «pequenas Paris» que pullulam em França, em imitações reduzidas de provincia, com os mesmos banaes *boulevards*, todos talhados pelo modelo dos da capital. Rivaes, hostis, orgulhosas do seu passado de rainhas autonomas, o que procuravam na sua era de gloria era differenciar-se, e o que procuram ainda hoje, apesar de decaidas, é manter o aspecto typico. A cada uma correspondiam não só costumes, leis, systemas politicos proprios, mas outra arte, outra industria. A architectura, a esculptura, a pintura, tinham as suas escolas altivamente differenciadas, com os respectivos nomes de cada qual das cidades em que florescia, fieis á tradição.

Durante a edade-média, a gibelina Siena odiou a guelfa Florença com um ciúme de rival exaltado por todo o orgulho da sua aristocracia mais antiga. Dante censurava sobretudo aos sienezes a sua vaidade «maior ainda que a «vaidade franceza». Mas este sentimento tão condemnado pelos Catões enfaticos, pelos Tartufos de todos os tempos, é tanto para as mulheres como para os povos, o estímulo mais fecundo. Emquanto elle a animou, Siena progrediu, por querer sempre superar Florença, cobrindo-se de joias mais raras, para attestar o triumpho da sua força e da sua riqueza. Quando por fim caíu, como todas as outras, sob o dominio da real odiada, ferida no orgulho vital, não quiz mais levantar-se.

No seu insaciado rancor contra o destino, ficou para sempre inerte, com a cathedral por acabar — essa prodigiosa cathedral que devia ser a mais grandiosa, a mais colossal do mundo, e de cuja nave immensa só restam as tristes muralhas de tijolo, caindo em ruinas, sob o crucitar dos corvos. Desde o

dia em que as suas portas se abriram ao invasor, um letargo a prostrou para sempre, como no conto da Bella do bosque dormente.

Sem a vida magica e ondeante dos irisdos canaes em que se reflectem os de Veneza, os velhos palacios de Siena exalam uma nostalgia mais tragica, uma poesia de *never more* mais intensa ainda. Com seus nomes de lenda e de romance de cavallaria, que melancolica e profunda fascinação elles provocam á nossa reverie!

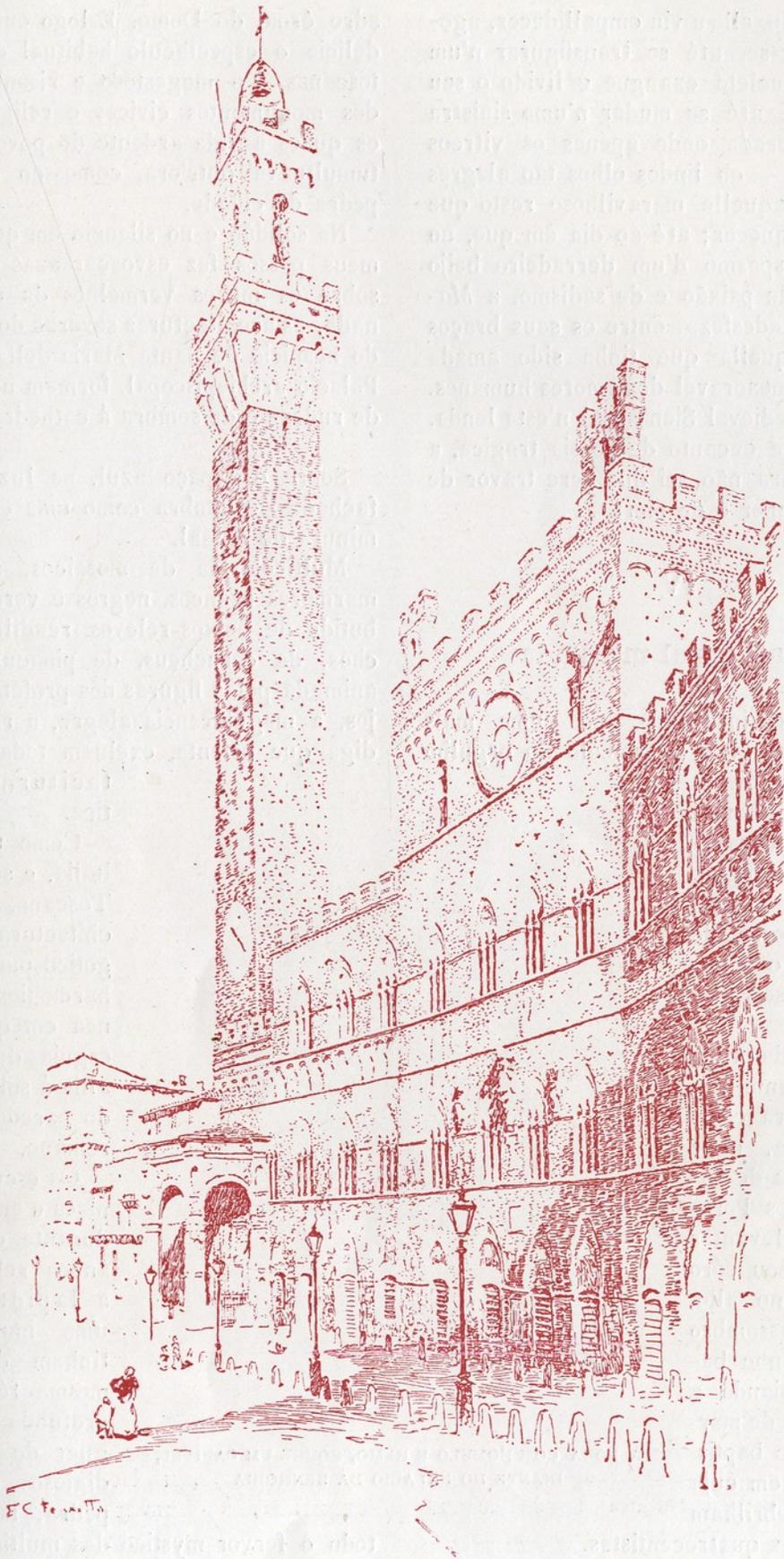
Um, sobretudo, aquelle que ainda hoje é conhecido em Siena pelo nome «della Pia», não pôde ver-se sem que um estremecimento nos agite até ás fibras mais intimas, ao lembrar a estranha historia da mysteriosa figura de mulher cuja sombra Dante vê surgir, no Purgatorio, dizendo-lhe:

— «Quando tiveres voltado ao mundo e te sentires repousado d'esta longa viagem, recorda-te de mim: eu sou a Pia. Siena me fez, a Marema me desfez. Elle o sabe, aquelle que no meu dedo metteu o anel nupcial.»

Entre as versões diversas dos commentadores da *Divina Comedia*, que tentaram decifrar o enigma d'estes versos, ha uma emocionante, contada por Bandello, o hispo d'Agen, auctor de tantas novellas libertinas pintando os costumes do seculo xvi°. Desenvolvida e dramatisada como eu a visiono, por um musico ou por um poeta de genio, esta lenda daria uma tragedia lyrica sublime de *mors-amor*.

Traido por sua mulher, que pertencia á familia de Tolomei, illustre em Siena, o marido, Nello della Pietra, encarcerou-a n'um castello isolado no meio do pantano da Marena.

Mas devorado pelo cancro ardente d'uma paixão mais forte que o proprio sentimento da honra ultrajada, odiando-a sem a poder arrancar do coração, adorando-a sem a poder matar, não podendo viver com ella nem sem ella, enclausurou-se juntamente com a victima n'esse sepulcro vivo, á espera de que a atmosfera envenenada da solidão o vingasse. Dia a dia, noite a noite, respirando o ar mortal que o allucinava, ao fundo do castello solitario, nesse lugubre idyllo d'horror e de pesadello, povoado pelos espectros verdes da febre, longe da vida,



PALAZZO COMUNALE

fóra do mundo, elle a viu empallidecer, agonisar, mirrar-se, até se transfigurar n'um macabro esqueleto exangue e lívido o seu corpo divino, até se mudar n'uma sinistra caveira macerada onde apenas os vitreos olhos ardiam — oh lindos olhos tão alegres outr'ora! — aquelle maravilhoso rosto que não podia esquecer; até ao dia em que, no inominavel espasmo d'um derradeiro beijo de delirio, de paixão e de sadismo, a *Marema* emfim «desfez», entre os seus braços crispados, aquella que tinha sido amada com o mais inexoravel dos amores humanos.

Toda a medieval Siena está n'esta lenda, com seu rude encanto de poesia tragica, a que se mistura não sei que acre travor de sangue, de amor e de morte...

#### IV

### A cathedral mutilada

Colossal e inacabada, no cume mais alto, a cathedral é o symbolo do orgulho mutilado de Siena.

Vista de longe, sobranceira á casa-ria côr de sangue, lembra uma fortaleza cuja torre de vigia fosse o campanario de seis andares.

Da profunda praça de San Giovanni, humida e escura como uma cisterna, onde fui ter depois de subir a via dos Peregrinos, ao levantar os olhos, o seu côro enorme, lá no alto, deu-me o assombro de um estranho baluarte, apoiando a pesada molle de marmore sobre o baptisterio antigo, em cuja penumbra rebrilham as esculpturas quatrocentistas.

Galguei, ao canto da praça, a escadaria que sob um arco desemboca no solemne

adro êrmo do Domo. E logo encontrei com delicia o espectáculo habitual das cidades toscanas — o magestoso e risonho conjunto dos monumentos civicos e religiosos, entre os quaes a vida ardente do povo refervia e tumultuava outr'ora, como no coração de pedra da cidade.

Na solidão e no silencio em que o eco dos meus passos fez esvoaçar azas espavoridas sobre os muros vermelhos da nave arruinada, as architecturas severas do Paço Real, do hospicio de Santa Maria della Scala e do Palacio archiepiscopal, formam uma moldura de rudeza e de sombra á cathedral rutilante.

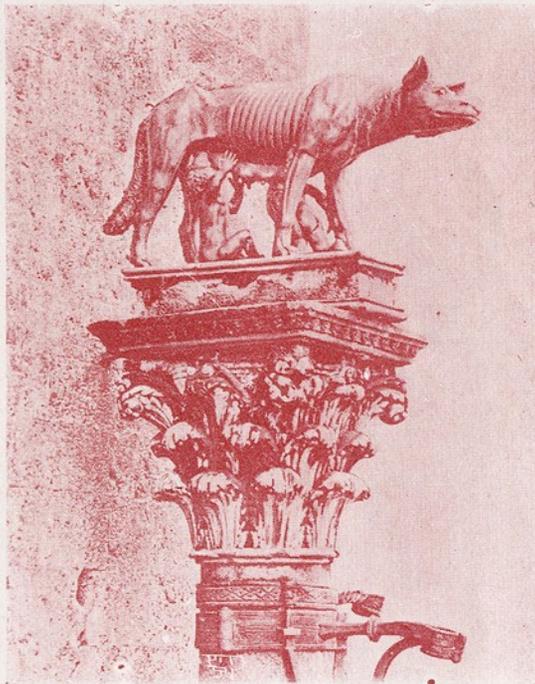
Sobre o espaço azul, na luz limpida, a fachada deslumbra como uma enorme illuminura de missal.

Multicolorida de mosaicos, avivada de marmores brancos, negros e vermelhos, embutida de baixos-relevos, rendilhada de nichos, de corucheus, de pinaculos floridos, animada pelas figuras dos profetas e dos anjos, a magnificencia alegre, a riqueza prodiga que ostenta, excluem toda a ideia de taciturnidade asctica.

Como todas as da Italia, e sobretudo da Toscana, a sua architectura não é o gotico puro, mas uma harmoniosa miscelanea em que a graça esguia da ogival se allia á solidez esbelta do arco d'abobada romano.

Os esculptores geniaes e anonymos que durante cento e dez annos religiosamente a lapidaram como uma immensa joia, tinham de certo a mesma fé ingenua e profunda que fez erguer do chão, prodigiosos canticos de pedra, latejantes de

todo o fervor mystico das multidões medievicas, as cathedraes do norte — mas illuminada por uma poesia mais espontanea e



A LOBA COM ROMULO E REMO, SOBRE UM CAPITEL, DIANTE DO PALACIO DA SENHORIA

sã, aquecida por um amor mais humanamente perfeito, porque glorifica, em vez da morte, a immortalidade da vida.

Durante as rudes eras feudaes, nas cidades toscanas, tão ensanguentadas continuamente pelas luctas intestinas dos partidos, mas onde o commercio accumulava riquezas e o instinto da magnificencia, do luxo e da belleza se desenvolvia livremente, a cathedral era o centro de actividade artistica, em que se reuniam as manifestações da intelligencia collectiva.

Todas as classes concorriam para que ella fosse mais bella, mais opulenta que as dos estados rivaes. Desde os senhores e os burguezes ricos que para a sua construcção doavam parte das fortunas, até aos obreiros pobres que contribuiam, sem salario, com o seu esforço constante, todos a amavam como symbolo triumphal da sua fé, e a veneravam como o brazão sagrado do orgulho da Republica. Todos os actos decisivos da existencia moral e politica alli se celebravam, nas horas de perigo, de lucto, ou de victoria. A cathedral era o coração palpitante da cidade inteira.

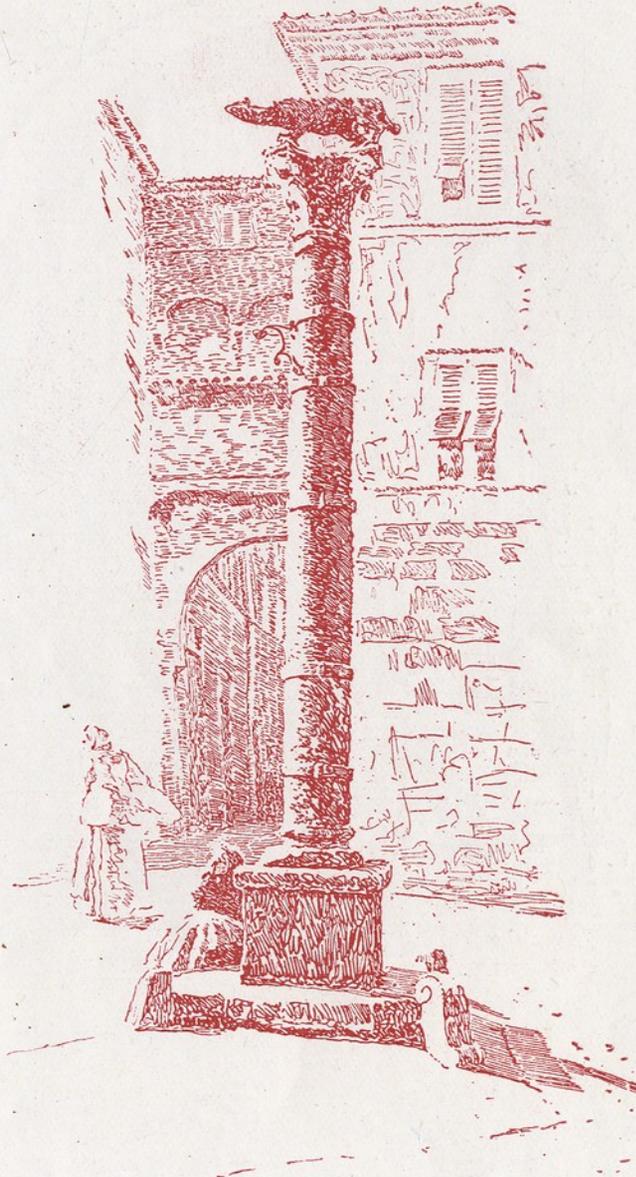
Devagar, encantando os olhos na riqueza da architectura harmoniosa, dei a volta á escadaria de marmore que lhe faz pedestal. E enquanto os meus passos echoavam no silencio d'aquelle logar outr'ora tão animado, ia relembrando com emoção o episodio historico que com

tão eloquente simplicidade e poesia tocante conta, na sua prosa saborosamente arcaica, um chronista contemporaneo da batalha famosa de Montaperto.

Na vespera «da carnagem e do massacre que tingiram de vermelho o Arbia» como diz Dante, o syndico Buonaguida propoz ao povo que se desse a cidade e o seu territorio, com todos os corpos e bens, á Madona.

«E o sobre-dito Bounaguida, de cabeça descoberta e pés descalços, em camisa estreme, com a corda ao pescoço, fez tirar as chaves de todas as portas de Siena, e, levando-as nas mãos, com lagrimas e gemidos, se encaminhou

para a cathedral, seguido por todo o povo, e entrando n'ella, clamou misericordia. Adiantou-se então o bispo, e todo o povo se pôz de joelhos. O bispo pegou na mão de Buonaguida, e ergueu-o do chão, depois abraçou-o e beijou-o, e todos os cidadãos



A LOBA DE SIENA

fizeram o mesmo, cheios de piedade e d'amor, esquecendo todas as injurias passadas, e Buonaguida deu-os todos á Virgem Maria.»

confundiram-se com os da patria; um pregação annunciou a todas as rameiras que d'oravante lhes era vedado usarem o nome



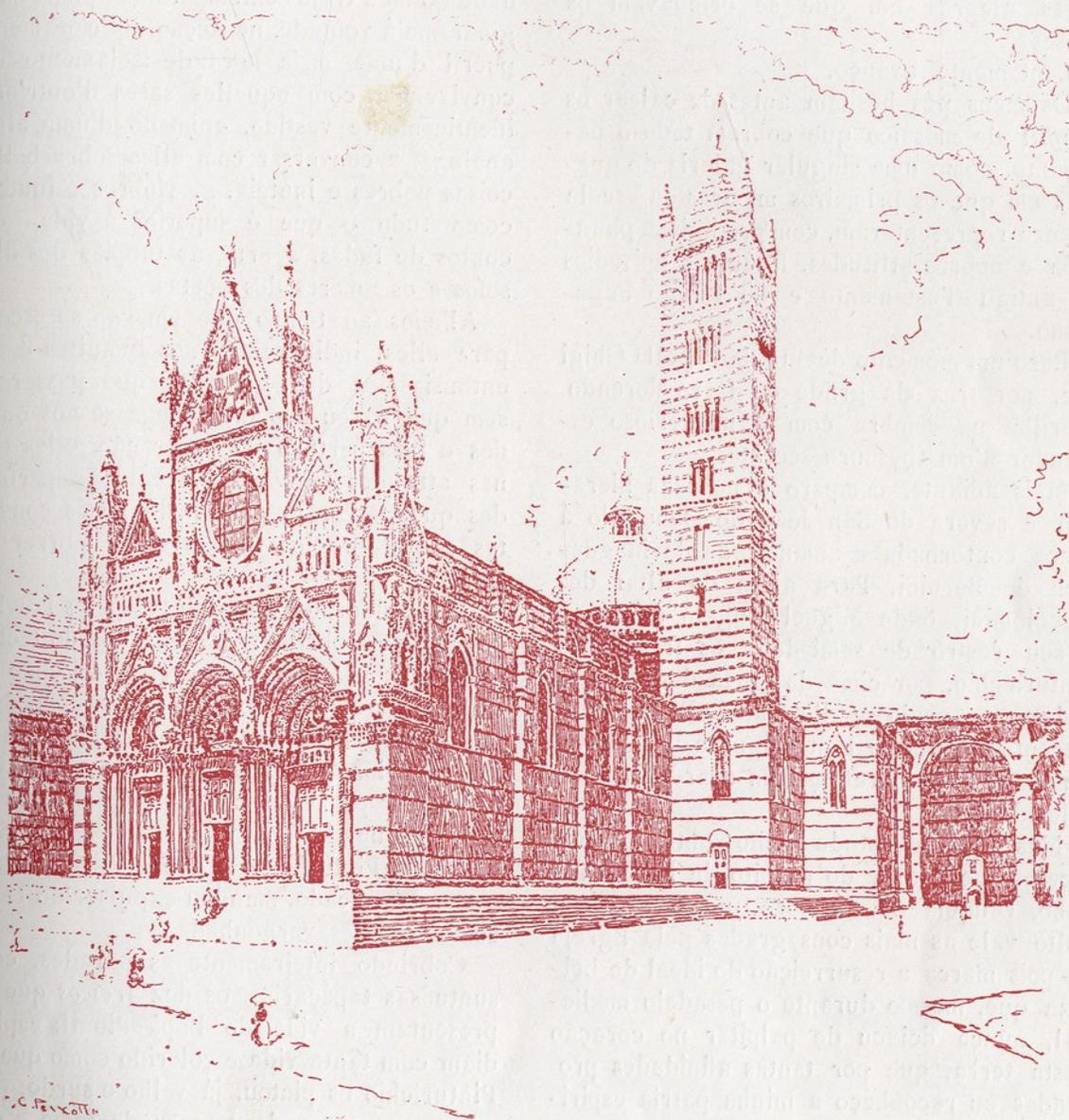
RUA DE SIENA

No dia seguinte, que era o segundo do mez de setembro de 1260, para commemorar a victoria, Siena tornou-se oficialmente a Cidade da Virgem; os altares da Madona

de Maria. E, pelas ruellas ingremes que vão dar á cathedral, n'esse dia toda engalanada de mil lumes e florida, vibrando do hosana festivo dos carrilhões, as morenas sienezas,

rindo d'orgulho e d'alegria, erguiam os bambinos nos braços para que vissem, entre os despojos dos vencidos, o estandarte do lirio vermelho, arrastado pela poeira e pelo lixo, como um frangalho d'irrisão, atado á cauda d'um burro lazarento.

Da penumbra luminosa, ao passo que os olhos se habituam, resaem as altas columnas listradas de marmore branco e de basalto negro, os capiteis corinthios que as corôam, os bustos dos papas mitrados, esculpidos em terra cota sobre as arcarías, o azul estrel-



A CATEDRAL

Levanto o pezado reposteiro de couro que pende sobre o largo portal esculpido, e entro.

Filtrada pela rosacea que desabrocha ao alto como uma miraculosa rosa mystica, de petalas roxas, purpureas, doiradas, a luz palpitante do sol illumina, n'uma nevoa irreal, as trez naves profundas que se alongam até ao côro.

lado das cupulas, os paineis coloridos dos altares lateraes, — e ao fundo, sob a lua feerica d'outro vitral em que as tintas rutilam em irizamentos chymericos, o altar de bronze e prata, refulgindo sob o chammejar aerio dos lampadarios.

Filigranadas como de marfim, duas columnas gracilissimas sustentam sobre a

grande porta central a tribuna admirável.

Os beniterios, em cujo marmore um dos discipulos melhores de Jacopo della Quercia esculpiu cachos d'uvas, flôres sylvestres, cupidos e nymphas nuas, evocam as taças onde os vinhos de Salerno espumavam nas festas alegres em que se brindavam os deuses.

Lentamente, avanço.

Os meus pés hesitam antes de calcar os *graffiti* de mosaico que cobrem todo o pavimento, como uma singular galeria de quadros em que os primeiros mestres da escola sieneza representaram, com prodigiosa phantasia e nobres attitudes, figuras e episodios do antigo Testamento e do antigo Paganismo.

Paro um momento deante da capella Chigi que, por traz da grade de ferro floreado, rebrilha na sombra com o mysterioso esplendor d'um thesouro secreto.

Mais adiante, comparo a nobreza hieratica e severa do San João de Donatello á graça contornada e amaneirada da Magdalena de Bernini. Para além do altar dos Piccolomini, onde Miguel Angelo deixou o o seu rastro de semi-deus, os frescos do Pinturicchio, por cima da porta da *Libreria* onde o seu genio se alliou ao de Rafael adolescente para crear tantas figuras de encanto, embriagam-me a retina com o ardor do seu colorido fulvo.

Mas onde sobretudo tenho vontade de me ajoelhar, é deante do pulpito de Nicolo Pizano, reliquia de marmore que para o meu culto vale as mais consagradas pela Egreja — pois marca a resurreição do ideal de belleza que, mesmo durante o pesadelo medieval, nunca deixou de palpitar no coração desta terra, que por tantas afinidades profundas eu reconheço a minha patria espiritual.

## V

### Fantasmas resplandecentes

Agradecendo a *mezza lira* com um sorriso que lhe illuminou a cabeça gothica e serafica como as de Duccio, o velho sachristão fechou a porta da *libreria* do Domo de Siena.

E, como se entrasse de repente n'outro mundo encantado, fiquei sósinho no meio da multidão silenciosa e resplandecente que parecia fitar-me, do fundo do passado.

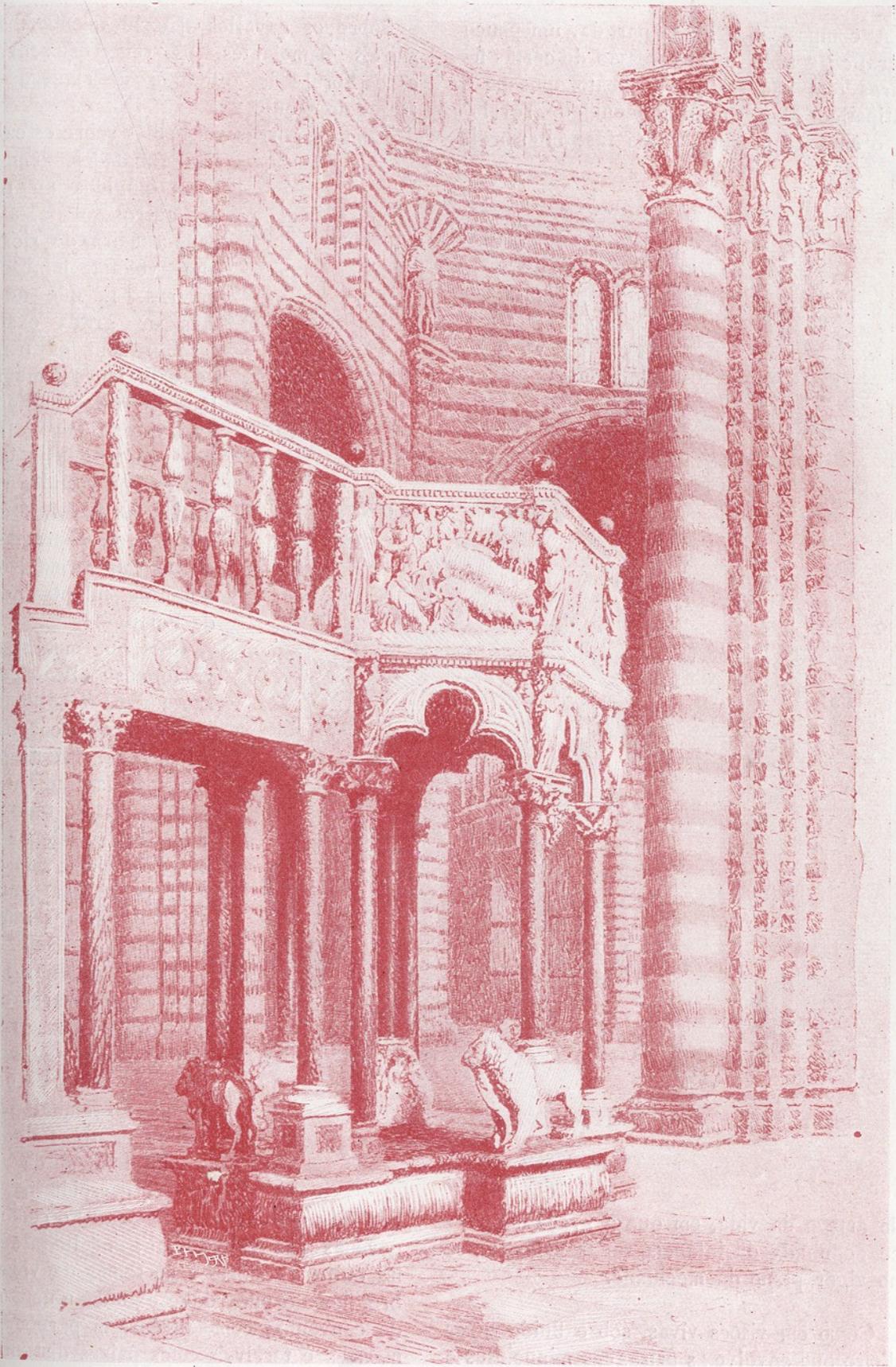
Sem a voz enervante d'um cicerone que quebrasse o silencio evocador, nem a ironia d'um espelho que me mostrasse a triste fealdade do meu traço contemporaneo, podia imaginar-me á vontade, na ficção deliciosamente pueril d'uma meia hora de isolamento, em convivencia com aquelles seres d'outr'ora, identicamente vestido, animado d'uma alma analoga, a conversar com elles sobre bellas coisas nobres e inuteis. . . Nobres e inuteis, como tudo o que é superior á vida — os contos de fadas, a arte, as utopias dos filosofos e os amores dos poetas.

Alheios ao tempo que em vão se escoou para elles, indifferentes aos tumultos e aos entusiasmos das gerações que passaram, sem que o seu eco lhes chegasse aos ouvidos e lhes perturbasse o coração, elles têm nas attitudes altivas a serenidade perfeita dos que nasceram para brilhar nos combates e nos torneios, para viver e morrer em belleza.

A luz dourada que entrava pelas janellas altas, fazia rebrilhar os dourados do tecto e os mosaicos azues e amarellos do chão ladrilhado, ao meio do qual se erguem, adoravelmente nuas, e mutiladas como a sua irmã de Milo, as *tres Graças* de marmore que fôram as primeiras musas inspiradoras de Rafael, quando aos vinte annos aqui veio ajudar o Pinturichio, e que Pio IX, durante o seu pontificado, mandou expulsar do Domo como tres desavergonhadas.

Cobrindo inteiramente as paredes, como suntuosas tapeçarias, os dez *frescos* que representam a vida do Papa Pio II, esplendiam com tanta vida e colorido como quando Pinturichio os pintou, já velho e surdo, poucos annos antes de morrer de fome e dôr, abandonado pela mulher que depois de lhe roubar tudo quanto ganhara, fugiu com um amante.

A obra do pintor umbrio, que como a de Perugino, tantos snobs e velhas misses devotas de Ruskin dizem preferir a tudo quanto depois se pintou em Italia, não é certamente das que me dão a emoção total de belleza que sinto diante dos mestres do Renascimento.



PULPITO DE NICOLÒ PISANO

A composição é ainda parada, um pouco hieratica e sêca, e a expressão de certas figuras tem não sei que de beato, que me é antipatico. Mas, na sua ingenuidade, revela-se o encanto precoce d'essa fase intermedia

Sobre os cavallos ajaezados, cobertos de xaireis flamejantes, os reis, os senhores e os prelados ostentam a riqueza dos trajos do seculo xv.

Com as gorras vermelhas sobre os cabellos annelados, em gibões cingidos ao tronco, outros, a pé, avançam á beira de rios em que vogam minusculas galeras. E que adora-veis de graça casta e serena, com as tranças de seda loura nimbando-lhes os rostos que emergem dos largos collares de renda encanudados, nos longos vestidos recamados de perolas, constellados de pedrarias, as damas que formam o sequito da infanta Leonor de Portugal!

Com que modestia tão portugueza ella espera o seu noivo, o bello imperador Frederico III de Allemanha, que na praça luminosa se adianta ao seu encontro, todo vestido d'oiro. Como ella baixa os olhos, sem coragem para fitar emfim o que vae ser o senhor da sua vida.

Vinda de tão longe, atravez dos mares cheios de perigos, d'esse remoto Reyno da saudade e da tristeza, onde a tua infancia foi embalada por tantas cantigas de fadas e de lendas da Mourama; crescida na som-

bra de uma côrte devota, entre o rumor das novenas das velhas aias; encolhida sempre no culto da morte e no temor da vida, pobre flôr de puberdade exilada n'uma cerca de convento; como te deviam parecer chymericos e terriveis estes paizes distantes de belleza, de amor e de peccado que perturbavam teus sonhos de pequena infanta nubil e silenciosa!



TRAJO SIENEZ

da arte e da vida, em que a graça um pouco acanhada da infancia vai transformar-se no vigor pleno da mocidade.

Como em visões vivas, sob o fluido vapor d'oiro que envolve as paisagens minuciosas e as architecturas irreaes, os cortejos parecem mover-se, na sua pompa heraldica, com todo um mundo de figuras desfilando em silencio.

A tua vida tanto tempo contida como um lago, n'uma prisão de montes ermos, ia de repente precipitar-se na agitação d'um tumultuoso e largo rio, atravez do mundo.

Na hora derradeira da tua morte, com trinta e seis annos sómente, tão longe do teu paiz do fado e da saudade, terias emfim reconhecido a mentira do passado, e que só a alegria de ter vivido compensa o horror de morrer, oh meiga avó imperial de Carlos V, dominador do mundo?...

Nunca outra imagem me lembrou mais certa doce Portugueza que outr'ora amei, como tu submissa ao supersticioso terror da vida, oh linda Infanta resplandecente! Durante um momento, a sensação d'essa secreta semelhança foi tão intensa, como se não fosses a figura inerte d'um *fresco* pintado ha quatrocentos annos, mas uma creatura

real, bem viva no meu passado. E as mesmas palavras que lia sobre teus labios mudos, eram as que decifrara já antes, uma manhã d'estio, nos do retrato de certa morta desconhecida, no cemiterio de Milão: «*Look my face! My name is might have been. I am also called too late, never more, Farwell.*»

De repente, o silencio da sala vasia tornou-se-me tão insuportavel, que foi com o alivio d'uma libertação que ouvi o ruido da chave na porta que se reabria.

E quando saí, seguido pelos longos olhares de toda a multidão silenciosa e resplandecente entre a qual vivera meia hora sósinho, a impressão que levava era a de que alguma coisa alli ficava de mim mesmo — essa parte do nosso ser, que tanto na vida ideal, como na real, nunca mais se recuperará!...

JUSTINO DE MONTALVÃO.





ONHECI-A ha um anno quando os prados eram floridos e nos trigaes verdejantes as papoulas purpureas, a molarinha com a sua gamma diatonica do branco rosado dos botões de

murta, ao vermelho sangrento do rubi. os pampilhos doirados e as alleluias festivas, gritavam ao sol creador uma hossana! de côr exuberante.

— Que linda voz, tio João!

— Parece um rouxinol o diacho da rapariga. Até lhe chamam a Cantadeira. Bella moça! E onde ella chega não ha tristezas; enche ahi os campos e as festas de cantigas e risadas. Tambem é quem dá os dias santos cá nos sitios.

E o tio João, recomeçando a pregar viros nos cortiços destinados aos enxames novos, murmurava com um gesto approvativo, não isento de melancholia:

— Bella moça, sim senhora! Bella moça.

— Onde é que ellas andam, as monda-deiras?

— Além na baixura, da banda de lá do caminho. Mas não vale a pena lá ir.

Derrubou a aba do chapéu e considerando a altura do sol accrescentou:

— Está a cair o meio dia. Não tardam ahi p'ro jantar.

— Boas tardes! Boas tardes! — saudavam joviaes, dobrando a quina.

— Deus vos salve, raparigas.

Entravam no monte e sahiam quasi logo, sentando-se na rua n'um agrupamento pitoresco de rustica mas real poesia e migando

sopas trigueiras nas malgas vidradas, repletas de saboroso almece.

Luizinha, n'uma garrulice de ave graciosa espanejando-se ao sol, foi sentar-se no muro que dá para a cêrca.

Muito linda, muito gracil e morena, vejo-a ainda como uma figura singularmente pictural, animando aquelle retalho de paysagem alemtejana. Que a bem da verdade talvez não seja tanto assim; e pôde até muito bem sêr que o encanto promane menos da figura e da paysagem, do que do natural amor de quem aprecia cousas familiares, atravez de uma retina deseducada no divorcio prolongado de cousas mais bellas e desconhecidas. Pôde muito bem sêr, pôde. Mas o que é certo é que eu vejo-a ainda muito linda, muito gracil e morena, como uma figura singularmente pictural que animasse a tela rustica de um grande paysagista.

Foi ha um anno, e lembra-me tudo como se fôra presente. Aqui onde o caminho vira para o monte e o pisar é fôfo por via do *manturo* (1) de enchapotas, já meio consumido, dois palheiros de veio, obras primas da pericia alemtejana, desafiam com as suas coberturas bem impermeaveis, a mais desabrida invernia.

Entrando na rua, á direita o monte, de paredes brancas com poucas janellas «por causa dos ladrões», e nos telhados baixos, uma vegetação pujante de conchelos ou arroz dos telhados; á esquerda um muro de taipa esboroadá que os musgos aveludavam

(1) Diz-se assim, ou por outra, o pevo diz assim, no Alemtejo.

de ricos cambiantes verdes; mais para cima, um pouco fóra da linha marcada pela casa e mesmo defronte do esbeicelado da parede que as silvas galgam e enredam, ladeado de poiaes onde descançam os taboleiros enquanto se deita o pão, o forno, de bocca negra e guella pardacenta, como se lhe tardasse tragar toda a fartura promettedora da seára verde, da seára infinita, ondulante nos campos limpos, e nas arrotéas dos montados, aos tufos, como rôlos de gaze amarrotada. Acocoradas pela rua, o rancho da monda; o tio João, fazendo os seus cortiços; o Milharuca, um rapazote neto do tio João, assentado no portal da casa, ensaiando entre colherada e colherada, a moda nova, n'uma flaita de beijos; e n'uma esteira de luz, entre a casa e o forno, um peru passeando as suas fumaças impertinentes de janota ridiculo.

Luizinha, figura primacial do quadro, ouço-a ainda, muito linda, muito gracil e morena, assentada na parede da cêrca, o busto destacando vivamente do tronco alvejante de uma faina colossal, o chapéu de mondadeira caído ao longo da saia e repuxado para o queixo o lenço que trazia em rebuço, a colher a meio caminho da boca, o olhar cheio de risos e voz argentina:

— O' tio João, que tal de mel este anno?

— Algum, algum, graças a Deus. E do bom. Do melhor: de rosmaninho, alecrim e cardo narciso.

— Prô S. João ha-de dar-me uma canada, sim? D'aquelle mais loirinho, de enxame novo... p'rás argolas do mastro. Não dá?

— Nada. P'ra mostras não dou mel. Agora p'rá frasca da tua funcção, sim. Falla com-migo.

— Que funcção? Tenho algum noivo?— gargalhou a gentilissima rapariga. — Sempre o tio João tem cousas... — e continuava a rir gostosamente, mostrando os dentes alvissimos no vermelho sadio da boca maliciosa num contraste mais frisante que coagulos brancos de almece, em malga vermelha de Beringel.

Que lindo que era de vêr a linda mondadeira saciada de uma tarde cheia de cantigas, de risos e adivinhas; narrações de comicas aventuras fradesca, historias de bruxas, contos de fadas, de principes e princezas encantadas!

Que linda! pousada a figura roliça de pombinha amorosa na meia tinta da campina tranquilla; no rosto moreno o olhar ingenuo de uma ternura commovente; sacho no braço e á cabeça uma grande mólhada de ervas floridas, atirando ao sol moribundo, numa toada melancholica repleta de nostalgias do lar:

*Sol divino põe-te, põe-te,  
Lá por traz das azeitonas;  
Deixa vir a triste noite  
Que alegre as trabalhadeiras.*

E já ao longe, a sumir-se na penumbra da tarde, o coro a repetir:

*Deixa vir a triste noite  
Que alegre as trabalhadeiras.*

\*  
\*  
\*

Andavam no ar, de envolta com um perfume fresco de ribeira, aromas de cravos e halitos quentes de inquietação.

Fechada a noite, tinha começado o baile. E, verdade seja, as primeiras cantigas fragantes de lyrismo, conseguiram reatar nos corações costumadas alegrias de noites de S. João.

A roda seguia sempre, braços entrelaçados e mãos dadas.

Quando voltavam ao *resquebre*, os pares meneavam-se frente a frente, estralejando castanholas por cima das cabeças. Abraçavam-se num volteio á direita e á esquerda e as raparigas seguiam mudando de par.

Dos balões á veneziana caíam claridades veladas que faziam mais mimosos, emergindo das sedas garridas dos lenços caídos no pescoço, os rostos das raparigas — «trigueiros do pó da eira», como diz a cantiga —, e mais escuras as tranças escuras na polychromia dos cravos e nos reflexos das pedras das travessas.

A Luiza entrou no baile e cantou:

*O amôr é como as creanças:  
Posto de longe, esmorece.  
Eu gosto mais da saudade...  
Quanto mais longe, mais cresce.*

Por sobre as cabeças passou um sopro de tristeza.

E depois do *resquebre*, numa voz vibrante de commoção:

*Se os passarinhos vendessem  
As pennas que Deus lhes deu,  
Tambem eu vendia as minhas;  
Penas de mais tenho eu.*

Volta de novo a inquietação. E' que na voz purissima da Luiza, ha vibrações estranhas que alarmam as sensibilidades femininas.

Já de tarde succedera o mesmo. Hasteada lá em cima, na *espera* toda florida de cravos, a bandeira com o S. João, e coroada esta com um grande mólhô de fitas fluctuantes; suspensas dos tres arcos do *balão* de diametros graduaes, as pepias de especie, os peros e as ameixas, os rapazes arvoraram o mastro todo verde de folhagens e juncos.

Mettia uma vista, a grimpa flamante por sobre os outros mais pequenos — quatro — sem *espera* nem *balão* mas egualmente revestidos e ligados entre si por cordas de verdura. Presa a cada qual uma das quatro cordas caidas desde a *espera*, um pouco bambas como correntes de lustre de que os pingentes fossem balões venezianos, os rapazes, no gesto de quem orvalha com a mão, espalhavam no ar ondas de perfume, e no chão tapetes fartos de juncos e men-trastos.

Sobraçados adufes e pandêretas, as raparigas, para festejarem o mastro, puseram-se a andar em volta num passo solemne de cadencia quasi hieratica, entoando o S. João. Acompanhavam-se nas pandêretas e adufes.

Uma voz ergue-se e o côro secunda-a:

*Esta rua cheira a cravos,  
Cheira a cravos que rescende;  
E' a capa do Baptista  
Que á porta do ceu se estende.*

Bisando os versos dois a dois, o acompanhamento mais nitido a frisar o estribilho

*E ora viva! Ora viva!  
Viva o Baptista! E viva!*

vae cada qual perguntando-se: — Que terá hoje a Luiza? E' que ella que teve sempre no

olhar ingenuo uma ternura commovente, não consegue apagar-lhe o brilho febril que o mina então. E toda a alegria doida da tarde não basta a mergulhar no segredo da sua alma, o desasocego que lhe sobe na voz.

— Que terá hoje a Luiza?! Com certeza que não é lá do Manoel Matheus ter estado ausente... que ella bem sabe: foi elle quem tomou de empreitada a seara do Valle de\*\*\*. Verdade seja que os ceifeiros acabaram a empreitada antes do meio dia e até agora ainda ninguem o viu cá por cima, pelo Castello. Mas emfim, isso nem chega a sêr razão. Porque a fallar com franqueza, elles têm tido arrufos muita vez e nunca ninguem a viu assim.

Conjecturas!...

Mas a inquietação crescia sempre. A Luiza ria, cantava, mas não illudia ninguem. Tinha no aspecto e na voz um não sei quê de estranho... qualquer cousa de confrangedor, como o rir de um delirante de que a morte guardasse a cabeceira.

Ah! que se alguem podesse lêr a enorme desventura da sua alma de que um tenue vislumbre de esperanza lhe não deixava medir ainda a cruel extensão!... Por isso ella não tinha socego; por isso ella cantava, ria, bailava; para disfarçar, para se aturdir, para esquecer. Ah! que se alguem soubesse como ella soffria! Que tortura! que suplicio, meu Deus! tentar recompor a mascara da felicidade com pedaços de ventura perdida, com desalentos de alma despedaçada.

A noite avançava sempre e a cada hora que passava, passavam celeres na aza do desespero, os ultimos atomos de esperanza.

Cresciam os sentimentos tristes como os rolos pesados do fumo das fogueiras; os presa-



gios saturavam a sua crença supersticiosa de creatura simples, como o perfume da macella e do alecrim queimados saturava a atmospheria limpida da noite.

Uma coincidência fortuita avolumou esses presentimentos tristes. Caiam, badaladas lentamente as dez, quando uma voz de mulher clama incitante e apressurada:

— Vá moços! vá moças! Façam brio que ahí vem um rancho de S. Luiz visitar o mastro! Alarguem essa roda!... Façam brio!

Quando os rapazes que vinham á frente, entraram na zona illuminada, vinha a Luiza a transpôr o portal da tia Eufrasia. Trazia na bocca uma bochecha d'agua com o poder d'augurio tirado da sua passagem pelas fogueiras de hervas aromaticas que n'uma parte da noite o povo queima em homenagem inconsciente á natureza, e de tres credos recitados atraz de tres portas successivas. Quando os seus olhos avistaram o Manoel, ella que esperava anciada que o primeiro nome de homem proferido em voz alta, fôsse esse nome adorado, ouviu a Maria Annica do Castello, para o filho que com outros reioçava na junça:

— O' Jerolmo!... Ah! filho do diabo! esfatajando os trapinhos! Tu não ouves Jerolmo?... Deixa estar que eu já t'arranjo.

Foi como se ouvisse lêr a sua sentença de morte e foi realmente com a morte no coração que ella entrou apressadamente no baile, para saber a confirmação d'essa sentença cruel.

*Eu não sei se já morreu,  
Ou se ainda existirá,  
Um amor que já foi meu;  
Hoje, não sei de quem será.*

E com a esperança suprema de fazer reviver aquelle amor de outros tempos, foi-lhe lembrando n'uma evocação commovida de toda a ventura passada, os juramentos de eterno amor, as palavras ternas, todo o tecido de ardis com que elle conseguira captivar-a. E n'uma doce censura: Que até as flôres do campo choram o seu abandono, a sua solidão d'amor e que só elle parecia não sentir os rigores de uma separação de tantos dias, as saudades que ella mal podia repressar no coração.

O Manoel, esse, nem abria bocca. Mas

toda a sua attitude era profundamente desdenhosa. Chapeu á banda, no pescoço lenço de seda amarella atado á Messejana, grande cravo rubro, entalado na orelha esquerda; na bocca, de labios apertados, o cigarro pendente; cabeça alta, os olhos semicerrados, marcando os passos com ligeiras pancadinhas no solo.

Quando as evoluções do baile lh'o permitiam olhava demoradamente um grupo de moças sentadas na rua em cadeiras baixas. Ao principio, sempre os seus olhos encontravam attentos, uns olhos negros que o seguiam com amor. Mas ao depois, quando esses olhos começaram a desviar-se n'um movimento de amuo, o Manoel mudou de tactica. Num gesto de presumpção e desafio, desandou o chapeu para traz deixando a descoberto a melena preta, fortemente re-tinta, fitou os olhos que o enfeitavam e cantou-lhes:

*Estás de fóra mas — não bailas?  
— Qual é o teu superior?  
Anda d'ahi, vem bailar  
Que aqui anda o teu amor.*

Surtiu effeito o convite.

Duas das raparigas depois de cochicharem qualquer cousa, levantaram-se, convidaram dois rapazes para par e entraram na roda mal o *resquebre* findava. E então o Manoel, alegremente:

*Ora viva p'ra que viva  
Quem agora aqui chegou;  
Estava para me ir embora,  
E agora já me não vou.*

E a Luiza, n'uma voz que fazia pena:

*Quero cantar, mas não posso,  
Falta-me a respiração;  
Falta-me a luz dos teus olhos  
Amor do meu coração.*

Entretanto o Manoel passava pares subrepticamente e com este estratagemas quando lhe veiu nova vez de cantar, viu-se ao lado da Alexandrina.

*Lindos olhos tem meu par  
Inda agora eu reparei;  
Se reparasse mais cedo,  
Não amava a quem amei.*

E logo a seguir:

*Se me amas, dá-m'o a ver,  
Quero amar teu lindo rosto;  
Tenho quem me queira bem  
Mas só tu és de meu gosto.*

A Alexandrina era realmente uma trigueira gentil, alta e magra, de grenha crespa e abundante; a cabeça sempre inclinada n'um geito dengue que lhe fazia os olhos de velludo.

Ajuntava a isto tudo o valioso predicado de vir um dia a partilhar com mais quatro ou cinco irmãos, uma cêrca com oliveiras, uma morada de casas e um bello arranjo caseiro: grandes saccas de empreita bem atochadas de trigo — o pae e os irmãos são seareiros —; nas arcas de castanho bem reluzentes de uso e de asseio, boas teias de linho; e muitos troixes de casa; — sobretudo, uma rica taboa de arame.

Era com effeito uma rapariga gentil, a Alexandrina. Mas certa agora de sêr a preferida e com muita presumpção debaixo das suas falas e maneiras melifluas, não se conteve que não jogasse sua alfinetada ao pobre coração mortificado da rival:

*Amigas todas nós somos  
Da nossa conveniencia:  
Apanhei-te o teu amor...  
Amiga, tem paciencia.*

E poz na physionomia e na voz uma tão descommedida expressão de vaidade satisfeita, de triumpho motejador, que escandalizou a assistencia.

A Luiza sentiu um repelão de colera e de ciume, e sem desmerecer da sua fama de cantadeira nunca desbancada, atirou-lhe esta com o maior desprezo:

*Se a morte fosse interesseira,  
— Ai de nós o que seria?  
O rico comprava a vida,  
E o pobre é que jazia.*

Sentiu-se bem ferido o Manoel; e tanto mais que a Alexandrina tirou-se do baile bruscamente. Sentia sobretudo — é que a Luiza era realmente estimada — sentia sobretudo uma pronunciada hostilidade ambiente que lhe espicaçava a vaidade de macho orgulhoso.

*O' rosa nunca consintas  
Que o cravo te ponha a mão;  
Que uma rosa enxovalhada,  
Já não tem acceitação.*

Ah! a pobre Luiza! Fez-se mais alva... mais alva... que uma bretanha lavada. E tremia, a desgraçada creança, tremia como se o frio da morte a sacudisse. E antes isso, antes a morte do que a inaudita tortura de ouvir taes palavras, que lhe caiam como pingos de chumbo candente no coração ulcerado.

Antes isso, antes a morte, do que sentir na face a torpeza sem nome d'aquella bofetada sem mão. E depois, deante d'aquelle auditorio todo!... Nem só os da sua egualha... Todas as senhoras finas da terra, em cadeiras ao longo das paredes; e o doutor juiz; e o doutor delegado; e os rapazes da terra que andam nos estudos...

*Minha rival venturosa  
Tens a dita de vencer.  
Eu vou-m'a deixar d'amores,  
Que a paixão me faz morrer.*

Não pode mais. Os ultimos dois versos despedaçaram-se-lhe na garganta. E fugiu como louca, afogando no lenço a rebeldia dos soluços.

— Ahi vem a *alvorada*, lá debaixo! Ahi vem a *alvorada*!

Desarmou-se o baile num prompto. Cada rapariga desabelhou para seu lado a procurar adufes e pandêretas nas casas da visinhança.

— Eh! Luiza, anda d'ahi mulher! Anda d'ahi!

— Ora sempre tu és muito parva.

— Não te apaixonones, mulher! Deixa lá...

A Luiza continuava immovel, a cabeça escondida entre os braços; percebia-se que chorava pelo sacudir dos hombros.

E a ajudar as raparigas que insistiam carinhosamente, a tia Eufrasia com a sua philosophia commodista de velha para quem a vida já não guarda illusões:

— Então não querem lá ver!... Nem que te faltasse segunda vez tua mãe! Deixa-te lá d'isso, rapariga. E olha a grande cousa... *Percas* d'alguidar: quebra-se um, *pranta-se* outro no seu logar. — E cada vez mais persuasiva: — E olha que a mocidade é só uma, e foge... que tem sete pés.

E ella a soluçar baixinho:

— Que desgraça, que desgraça a minha!

— Anda d'ahi, Luiza. Anda d'ahi! — tornavam as raparigas sem a desampararem.

Como se uma resolução subita a impelisse, levantou-se de chofre limpando as lagrimas, e tomando o adufe, correu para a porta numa pressa tão grande que dir-se-ia tomá-la todo o receio de arrepende-se.

Ah! e como ella cantou n'aquella madrugada!... Todas as formosas letras que falam de desventura, de tristeza, de apartamento, de morte, de adeus á mocidade. Quando, os rouxinoes da Alameda, soltaram mais melodiosos accents, mais doloridas endeixas, no silencio do campo adormecido? A sua voz subia, subia... tão alto... tão alto... tão pura no ar diaphano da madrugada, como um aneio de infinito. Que lembre, nunca o S. João teve um alvorecer tão bello. Nunca halito mais leve de madrugada, bafejou assim um azul de ceu de tão infinita doçura; nunca a excelsa fada soltou do regaço ethereo, mais brandas auras, mais subtis perfumes, cicós mais suaves a acordar a natureza.

A multidão, depois de dar volta á villa, festejando as igrejas, enchia agora a rua da Cadeia. A' frente, os homens com dois clarinetes e dois instrumentos de pistons; seguidamente, as mulheres com adufes e pandéretas, fechando o cortejo as que já são mães e as que já são avós. Toda a velha guarda:— a Maria Alvina, a Candida, a Rita, a Gertrudes, a Carolina, a Adelaide Rosa, a Sodrê... — todas as que cantam ainda «como estas moças d'agora não sabem cantar».

Os presos lá estavam, pobres d'elles, a cabeça e os braços enfiados pelas grades, como crucificados expiando destinos tragicos.

A Luiza então elevando na voz a bondade innata do seu coração compassivo:

*Não desprezes quem está preso  
Que é falta d'humanidade;  
Que talvez ainda chegues  
A perder a liberdade.*

E o côro, um côro portentoso de tresenas ou quatrocentas vozes, a finado nas gran-

des vibrações da alma popular, parecia romper os ares, chegando aos ceus a clamar a sua piedade.

Quando a *alvorada* entrou no adro da Senhora d'Assumpção, vinha o sol a emergir esplendente das petalas perfumadas do seu banho de sybarita.

Depois foi uma debandada. Formavam-se grupos e ouvia-se clamar:

— Vamos á fructa! Vamo-nos lavar ás hortas!

E lá fôram; uns para aqui, outros para acolá, n'uma abalada chalreante de aves descuidosas.

Alli ao Paço, a Luiza quedou-se hesitante, o lenço entre as mãos, prompto a lançal-o á cabeça.

— Parecia a Senhora da Soledade quando vae entregar o santo sudario ao padre, no sermão da Paixão — diziam depois as raparigas.

N'um olhar, abraçou a villa e o horizonte vasto do poente. E outra vez resoluta, abalou calçada abaixo, a alcançar as outras, o lenço ao hombro, como uma aza ferida batendo o ar.

\*

\* \*

Lá em baixo na horta ia uma alegria doida. A agua borbotava scintillante em volta do boeiro. Depois, emquanto as gargalhas retiniam pelo espaço azul como percussões metalicas em timbre de cristal, deslisava em dobras ao longo das mestras com depressões minusculas, como covas miudas em mãos gracis de creança e cantando no labor aos vegetaes enlanguescidos a canção fagueira da frescura matinal.

O sol já alto, tudo resumava uma nota alacre de bem estar: o pomar e o verde baço das leguminosas; nos alegretes, os cravos brancos, roxos, côr de sangue de boi, amarellos, mal-feridos; os mangericos, em tufos symetricos irrompendo ao alto, e em volta dos beloitos caiados; cercando o tanque, humildes e fragrantés, a malva-cheirosa, o cidrão, a mangerona, a erva cidreira; as grandes copas rescendentes das nogueiras; o verde tenro dos pepinos, boiando no tanque; nas margens do lavor, os girasoes e as dhalias, as canarias e os melindres; e até no alto da nora, na sombra amiga da latada, o telintar monotono do cho-

cálho do machinho. Tudo, tudo resumava uma alegria e uma placidez bemditas.

De subito, gritos aterrados de creança, fazem parar os corações n'um sobresalto.

Ah! foi um ai. Um baque surdo no peço; os patos assustados, galgando às ribas; e nos grandes choupos hirtos, e nostalgicos sempre das alturas inacessiveis, um debandar de passaros e um fremito da folhagem. Um corpo mergulha e fluctua; e debruçadas nas barreiras ha mascaras vivas de anciedade.

— Estará viva?

Trouxeram-na para fóra a custo. Valeu-lhe o peço ter pouca agua, em virtude da estiagem.

— Estará viva?... .

Pousaram-na inanimada sobre uma manta e quatro homens, erguendo-a pelos cantos, caminharam apressados para a villa.

As mulheres verberavam acerbamente o «causador d'esta desgraça», affirmando convictas a presciencia que todas tiveram do facto.

A meia encosta já se divisavam, lá em cima no Castello, vultos prevenidos investigando os caminhos ladeirentos.

Quando chegaram já a triste noticia tinha feito o giro á villa; e foi um trabalho que teve o facultativo para desalojar o quarto em que a depuzeram ainda e sempre inanimada, das visinhas obsequiosas e dos prantos em altos gritos dos parentes mais chegados.

Quando o velho Francisco Estafeta, o pobre pae, veio a casa e soube, mas tudo — toda a incommensuravel desdita d'aquella filha, seu unico enlevo e seu unico affecto, teve uma colera terrivel. Toda a sua natureza de homem honrado irrompeu desvairada de dôr e de vergonha, em phrases crueis de maldição.

Fazia medo. Louco, apopletico, fuzilando ascuas pelos olhos sem vista, triturando ameaças nos punhos de athleta pacifico, cuspinhando, atropelando palavras de vingança.

Más depois, quando após uma lucta porfiada de muitas horas a soube reanimada para a ver cair immediatamente num delirio exaustivo que a teve muitos dias ás portas da morte, todo o orgulho, todo o resentimento do seu coração ferido se desfizeram em lagrimas de perdão e em preces vehemen-

tes á Virgem Maria, Mãe santissima, para que lhe salvasse aquella filha, unico refugio do seu affecto de viuvo e pae.

Comtudo, o pobre velho andava acabrunhado e não podia impedir-se de dizer muitas vezes, abanando a cabeça com tristeza:

— Ai, tia Frasia, tia Frasia! para que um pae cria uma filha!... P'ra receber uma bofetada d'estas.

E a tia Eufrasia, uma velhinha magra e resequida, de uma incrivel resistencia ás dores e ao trabalho, de um character alegre e compassivo que a faz certa onde alguem soffra, que a faz desejada com o seu repertorio de casos comicos e os seus ditos engraçados de velha maliciosa, nos trabalhos do campo e nos soalheiros; e pelas noites calidas de verão nos grupos palrantes que tomam o fresco pelas portas; acudia logo:

— Deixe lá, homem. Pois que lhe ha-de você fazer!... Ninguem foge á sorte que Deus lhe deu. Quando ella caiu aos pés da mãe, foi logo para ser desgraçada.

— Lá isso é verdade, tia Frasia. Lá isso é verdade. Quem tem de morrer em palheiro, não lhe erra a porta.

E os dois velhos escondiam assim a bondade innata dos seus corações lavados, em phrases corriqueiras de uma philosophia fatalista.

\*  
\*  
\*

Ah! Luizinha, Luizinha! que fizeste da tua mocidade florida?!

Vi-a hontem á tarde, assentada entre as portas d'aquella casinha branca, a ultima, lá em cima no Castello. Pendia-lhe dos hombros como um sudario da sua mocidade perdida uma primavera de um roxo desbotado de saudade do campo; a que outr'ora nas festas e romarias, punha nos seus hombros a nota encantadora dos maios nas beiras dos caminhos. Embalava nos braços uma creança, e a sua voz de cadencias dolentes, entoava numa cantilena triste aquelles sentidos versos da quadra popular:

*Quem tem filhos pequeninos  
Ha-de por força cantar;  
Quantas vezes as mães cantam  
Com vontade de chorar.*

E ficou-se quêda, o olhar perdido na tristeza do poente.

O verde das seáras desvanecia ; uma tinta ligeira azulava os montados e os relevos da serra longinqua ; a espaços, perfumes inebriantes evolavam-se dos favaes em flôr. No poente, o sol deixara o poema dolorido da sua lenta agonia. Toda uma extensa gamma de roxo, do roxo maguado das flôres do campo, a que o povo liga sempre uma ideia de saudade, de desprezo, de paixão, de sofrimento, emfim, inflorava o horizonte.

A pobresinha, relia alli horas agonicas da sua vida e visionava amarguras do futuro.

Os braços afrouxaram a creança n'um abandono lasso, e dos olhos ingenuos e tristes, de uma tristeza commovente, uma lagrima desceu silenciosa.

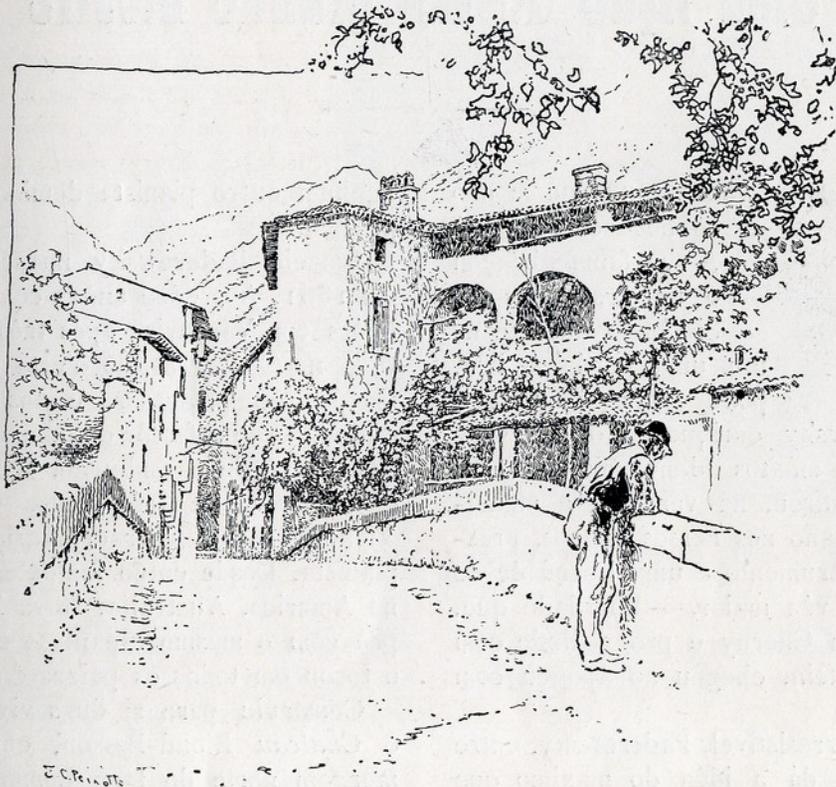
— Porque choras, Luizinha?! Pois não sentes ahi no peito o bater suave do teu coração de mãe!...

— Ah! sim. Tens razão, pobre creança abandonada. Um filho e o desprezo da sociedade é demasiado fardo para uns braços frageis de mulher.

Ah! é demasiado peso!...

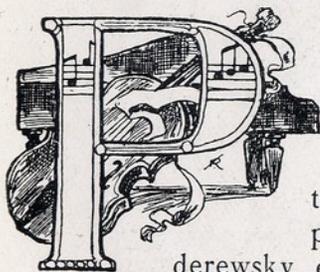
Oh! Luizinha, Luizinha! o que fizeste da tua mocidade florida!...

CLARA DÁSI.





## Uma lição de um grande mestre



**P**ADEREWSKY: quem não conhece este nome? A sua fama abraçou o universo; e como Simónide accrescentou uma corda á lira, póde dizêr-se que Paderewsky enriqueceu o piano de novos efeitos admiraveis. Grandes modificações soffreu, na verdade, a maneira de tocar piano nos nossos tempos, prestando-se o instrumento a uma liberdade de technica cada vêz maior, — liberdade que, começando com Czerny e progredindo com Liszt e Rubinstein, chegou ao apogeu com Paderewsky.

Magnético, irresistível, Paderewsky, entre os americanos, dá a idéa do maximo que na arte do pianista se pode attingir. Não admira pois que os seus dedos lhe dêem um rendimento de mais de noventa contos por anno, e que uma digressão artistica de cinco mêzes pela America produzisse um total de cento e trinta contos. Em muitas capitães o entusiasmo dos seus concertos é espantoso;

nenhum outro pianista domina como elle o público.

Ignacio Paderewsky nasceu na Podolia em 1861. Aos dôze annos começou a tomar lições em Varzovia; após três annos de estudo no Conservatorio d'esta cidade foi nomeado seu professór, e aos vinte e tres d'idade era professór de composição no Conservatorio de Strasburgo. Em 1899 começou, depois de três annos de estudo em Vienna, a sua extraordinaria carreira de pianista. Desde então fez extensas excursões na America, Australia, Nova Zelândia, sempre com o mesmo espantoso exito, e visitou e tocou em todos os paizes da Europa.

Construiu para si duas vivendas: uma é o *Chateau Riond-Bosson*, em Morges, na margem norte do lago Lemán, e a outra é a grande propriedade de Kosna, não longe de Tarnov, na Polonia.

Riond-Bosson é uma construcção de tijolo vermelho, meio *villa*, meio *castello*, quasi inteiramente coberta de trepadeiras e glicínias, que se espalham pelos balcões nos andares da construcção. Quem o não visitou

não pode avaliar o que seja esse asilo delicioso com que um artista se entrincheirou, qual uma barreira, contra as dolorosas realidades do mundo. O lago de Genebra, na sua maior amplidão, estende as aguas azues até umas boas oito milhas do desmantelado castello de Morges.

O enorme salão abre para um campo de relva avelludado: e é ali uma profusão de pinturas, miniaturas, raridades de *bric-a-brac*, que reis e imperadôres escolheriam para os seus thesouros. Pelas janellas abertas gosa-se uma atmosfera de repouso indiscriptivel, e entra o chilrear dos passaros, a fragrância das rosas, o marulho das cascatas...

A' porta de Riond-Bosson faz a guarda um monstruoso S. Bernardo, como a querêr conservar o seu dono longe das preocupações do universo exterior: com-tudo, aprendeu a conhecêr o correio, que diariamente lhe vem trazer cartas, pedidos de autógrafos de todas as partes do mundo, desde Londres a Buenos-Ayres e de Nova-York a Sydney. A estas cartas Paderewsky responde sempre, porque faz preço aos seus autógrafos, afim de que o producto seja adicionado ao fundo destinado á erecção de uma estátua a Chopin em Varzovia. Assim, fixa cinco francos para uma assignatura ordinária, dez francos para algumas notas de musica original, e vinte francos para um retrato com assignatura.

A todas as horas do dia e da noite Paderewsky toca piano. A sua apaixonada dedicação á sua arte é para elle a cousa mais sagrada.

«Nunca descuido o meu exercicio diario», confessa elle, «por muito difficil e fatigante que ás vêzes me seja. Tenho sempre os dêdos e as mãos perfeitamente azeitados; as mãos e os pulsos são diariamente sujeitos á maçagem. Dou-me muito bem com o processo de mergulhar as mãos em agua muito quente por algum tempo immediatamente

antes de qualquer concerto. Talvez o piano me arrebate demais algumas vêzes. Tenho gasto noites inteiras com uma sonata de Beethoven. Um dia retirar-me-ei do trabalho dos concertos para me dedicar completamente á composição.»



PADEREWSKY

As nossas leitoras pianistas acharão especial interesse á seguinte

### Exposição de Paderewsky sobre a melhor maneira de estudar piano

#### Condições fundamentaes

«O primeiro requisito para se podêr sêr um pianista realmente bom é o talento. Sem duvida, tendo boa escola, qualquer pessoa de aptidões de trabalho e com applicação, pôde

aprender a tocar: mas só com isso não tocará como um artista, não tocará artisticamente. Quasi todos teem talento para alguma cousa, e a difficuldade está em descobrir qual o talento com que se nasceu, depois em cultivá-lo com preserverança e desenvolvê-lo sistematicamente. Se o vosso talento não é o da musica, o melhor é procurar qual elle será. Assim poupareis dinheiro, e tempo (mais precioso ainda porque não pôde sêr recuperado), dirigireis a vossa vida por melhor caminho e aumentar-lheis a utilidade.



PADEREWSKY AO PIANO

*Gravura mostrando a posição correcta*

Porém não se deve confundir a falta de energia ou inclinação para o trabalho com a falta de talento. Muitos com talento são demasiado preguiçosos para conseguir alguma cousa. Esses taes nunca teriam exito em qualquer arte, seja qual fôr a sua aptidão. Para tal defeito não ha desculpa: todos pôdem desenvolvêr energia.

A primeira qualidade para quem estuda piano é têr o dom musical innato, e, para o cultivar, a energia para o trabalho per-

sistente. Depois vem a condição capital de um bom professôr; nisto a responsabilidade da escolha fica aos paes, cuja indiferença ou imprevidencia pôde fazêr naufragar as melhores aptidões.

Para que se progrida no estudo do piano, é preciso um trabalho persistente, e que se observem as indicações metodicamente apresentadas pelo professôr, durante um determinado numero de horas todos os dias consagradas a esse exercicio. Este numero depende do futuro que o estudante tem em mira. Se pretende sêr um profissional, quatro horas por dia deve dedicar ao estudo; se quer tocar como simples amadôr, duas horas bastam. Em ambos os casos não deverá exercitar-se de cada vêz a seguir menos do que uma hora.

O erro mais geral, não só nas raparigas, mas mesmo em profissionaes, é o sentarem-se ao piano como passatempo em lugar de trabalhar seriamente. Não ha instrumento que offereça tantas tentações para esses descaminhos como o piano. Em vêz de considerar o seu estudo como muito serio, tantos ha que cáem na pecha de o considerarem um divertimento, gastando as horas em saltitar ociosamente de umas peças para as outras. Este tempo malbaratado produz umas tinturas superficiaes e uma certa fluência defeituosa, de nenhum prestimo quando se queira entrar na verdadeira applicação.

**As cousas  
que constituem  
a technica**

No piano o factor fundamental é a technica, mas esta palavra *technica* include em si muita cousa: não só a dextreza, como muitos erradamente cuidam, mas tambem o *toucher*, a precisão rithmica e o uso do pedal.

Considero meu devêr insistir em que intendendo que a verdadeira technica comprehende tudo isso. Ha bons artistas que teem sómente um ou dois dos factôres que indiquei. Pôdem assim têr facilidade e um certo briho, mas não o rithmo, e não o conhecimento do emprego dos pedaes.

Nesta classe seria facil achar muito bons artistas cujo dominio imperfeito de tudo aquillo que constitue a technica confirmaria o que acabo de dizêr. Ainda alguns teem essas condições, mas não a boa qualidade

de som. A verdadeira technica não se perfaz com um ou mais dos seus factôres necessarios, mas deve comprehendê-los a todos, — e cada um demanda o seu treno especial e o seu estudo: — dextreza, rithmo, correcto uso do pedal e som.

Falando pois do piano, do que primeiro se deve tratar é d'estes factôres da technica, e da maneira de os adquirir.

### Como adquirir a dextreza nos dedos

O tempo a dedicar diariamente á agilidade dos dedos depende do grau de desenvolvimento tecnico em que está o estudante. Para os que teem os dedos já preparados é naturalmente necessario menos tempo, devendo reservar mais para o estudo das peças. Mas, seja qual fôr o estado de progresso que o estudante tenha attingido, é indispensavel uma hora diaria para este ramo da technica.

Primeiro, começar o estudo de cada dia pelos exercicios dos cinco dedos e as escalas. Tocal-as lentamente, muito *ligadas*, com um ataque profundo, dando particular attenção nas escalas á passagem do pollegar debaixo da mão e da mão sobre o pollegar. O real segredo do tocar as escalas com brilho e rapidez está nesta passagem prompta e segura do pollegar e da mão, e com ella muitas difficuldades se pôdem evitar.

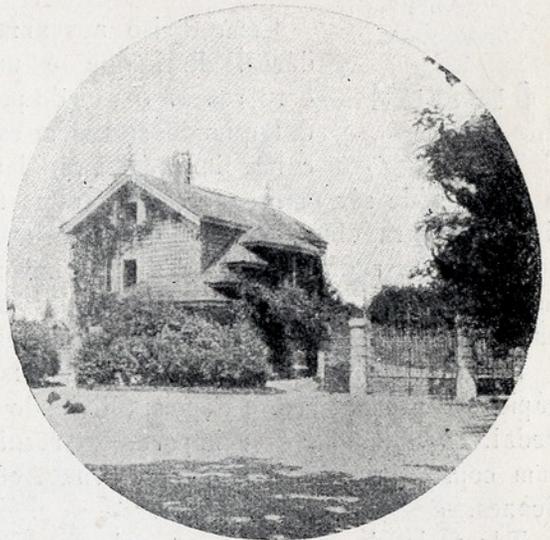
A posição da mão aqui é de grande importancia. Ao tocar a escala ascendente com a mão direita e a descendente com a esquerda, a parte da mão do lado do pollegar deve conservar-se sensivelmente mais alta do que a parte correspondente ao dedo minimo. Assim, levantando a parte interior da mão a seguir ao pollegar, e descaindo a parte exterior junto ao minimo, fica ao pollegar mais espaço para poder passar debaixo dos outros dedos sem difficuldade.

Na escala descendente com a mão direita e na ascendente com a esquerda, a posição da mão deve sêr invertida, isto é: conservá-la mais baixa do lado do pollegar, e mais alta para o lado do minimo. Cumprindo este preceito estar-se-á melhor preparado para a passagem dos dedos sobre o pollegar, e têr-se-á, como no caso da primeira posição mencionada, uma menor distancia a percorrer para ferir a nota.

Estas posições da mão são de extrema importancia, não só para as escalas, mas tambem para adquirir fluencia nos arpejos, e nas passagens de todo o genero.

### Os dedos grossos prestam-se mais ao "toucher"

Em muitos a qualidade do som é innata, e deriva de um senso espontâneo da belleza musical. Depende tambem em grande parte da estrutura das mãos e dos dedos. As pessoas de dedos grossos teem menos difficuldade em adquirir um bom *toucher*. Outros terão de trabalhar muito debaixo de uma boa direcção antes de aquirir o mesmo bello som. Neste caso é da maior importan-



ENTRADA DE RIOND-BOSSON

cia o praticar em passagens lentas, profundando cada nota e sem levantar muito os dedos. Ao mesmo tempo, deve ouvir-se bem cada som, fazendo por que o ouvido os distinga. A posição da mão nos exercicios depende da sua constituição, e requer portanto tratamento individual. Por exemplo, a mão forte com os dedos grossos deve manter-se direita com os nós dos dedos baixos, e a mão fraca com dedos longos deve conservar-se com as costas arqueadas e os nós levantados.

E' um grande defeito, muito vulgar não sómente em amadores mas ainda em profissionaes, o dobrar a primeira articulação do dedo, junto do sitio que fere a tecla. Essa posição do dedo, com a ponta prolongada, torna impossivel o adquirir um bom som.

Tanto os estudantes como os professôres devem dedicar especial attenção a este quebrar da falangêta: é difficuldade que tem de ficar resolvida logo de principio. Direi mais ainda: os que teem esse defeito devem abandonar o piano se se não sentirem com energia sufficiente para se corrigirem.

Um bom *legato* consegue-se de duas maneiras: pela cuidadosa dedilhação, e pelo uso do pedal. No primeiro caso a rápida e cuidadosa passagem do pollegar debaixo dos dedos é o verdadeiro factor práctico, devendo estudar-se sempre devagar, profundando a nota, e observando metulosamente a ligação de uma nota á outra. No segundo caso, o objectivo será o uso judicioso do pedal.

Como aviso aos amadores, direi que é um erro reccar o uso do pedal quando se tocam escalas. Em escalas rápidas,

### O uso do pedal

o pedal póde sêr empregado com muita efficiencia para obter brilho e colorido, mas só sob certa regra: usá-lo nas notas menos importantes (isto é, na parte central das escalas) e nunca nas importantes ou finaes.

Por este meio se dará colorido ás notas rápidas e passageiras, e depois, alliviando o pedal, as notas finaes e importantes resultam com dobrado valôr, claras, firmes, efficazes.

Têr-se-ia de escrevêr um volume para dizêr tudo que a dizêr ha sobre o pedal, mas as duas seguintes observações são os principios fundamentaes do seu uso, e requerem uma applicação cuidadosissima. Levantar o pedal a cada mudança de harmonia; ao tocar as notas mais baixas do téclado deve-se ainda mudar mais frequentemente, por causa das vibrações lentas e da profundidade do som nesta parte do instrumento.

A maneira de conservar o pulso deve sêr individual, conforme as necessidades do discipulo, e indicada pelo professôr. Alguns tocam as oitavas rápidas e as passagens *staccati* collocando o pulso muito alto, ao passo que outros empregam o método exactamente contrário.

A facilidade em tocar oitavas não é questão de força, e bastantes artistas de pouca força conseguem-nas muito rápidas.

### A posição ao piano

Uma das cousas mais importantes é o á vontade, a posição completamente natural, a absoluta ausencia de rigidéz. Antes de principiar o estudo da technica, o professôr deve cuidar da attitude natural do discipulo. Nunca será demasiada a attenção contra os movimentos e attitudes nervosas. Muitos profissionaes deveriam mesmo estudar diante de um espelho: o effeito da melhor execução é estragado pelas caretas e movimentos inquietos do côrpo.

Muitos teem a mania e o preconceito de fazêr sentimento por meio de frequentes *ritardandi* e longas pausas em notas simples. Chamarei a este ultra-sentimentalismo simplesmente desprezo do rithmo. O unico meio de evitar este mal é respeitar quanto possível o rithmo e o andamento. Nada se ganha com essas affectações senão contrariar as idéas do compositor.

Entra no mesmo capitulo o exagêro do *rubato*, tão deploravelmente frequente na interpretação de Chopin: ainda a mesma erronea pretensão de accrescentar sentimento e character. E ainda o mesmo remedio que já disse: respeitar severamente o rithmo e o andamento.

Tenho crença na disciplina. Emquanto um estudante recebe os conselhos de um professôr deve seguir á risca a sua direcção. Quem insiste na sua propria interpretação não deve têr professôr: e se é obedecido, quem perde é o próprio discipulo. Um professôr, mesmo de pouca reputação, representa sempre um sistema, e é da maxima importancia que haja um sistema em qualquer especie de trabalho.

### Recommendação de estudos technicos

Os estudos technicos que recommendo são opus 740 de Czerny, e *Gradus ad Parnassum* de Clementi, edição Tausig.

Czerny é pura technica, Clementi extensivo e brilhante. Estes, juntos a quaesquer exercicios especiaes de dedos pelo professôr, graduados segundo as necessidades individuaes do discipulo, serão o sufficiente por um tempo consideravel, pelo que respeita aos estudos puramente technicos. A seguir, o *Clavecin bien tempéré* de Bach, indispen-

sável para graduar a independência dos dedos e obter o som, e em tempo competente os estudos de Chopin.

Só tocando as escalas com forte accentuação e o mais devagar possível, se adquire a precisão e independência dos dedos. Primeiro tocar toda a escala accentuando as notas conforme o ritmo natural. Depois ir fazendo cair a accentuação sobre as notas fracas em vez das fortes, tocando a escala com accentuação nas segundas, a seguir nas terceiras, e depois nas quartas notas. Isto dá absoluto domínio nos dedos, e é o único processo de o obter.

**Algumas  
bôas composições  
para piano**

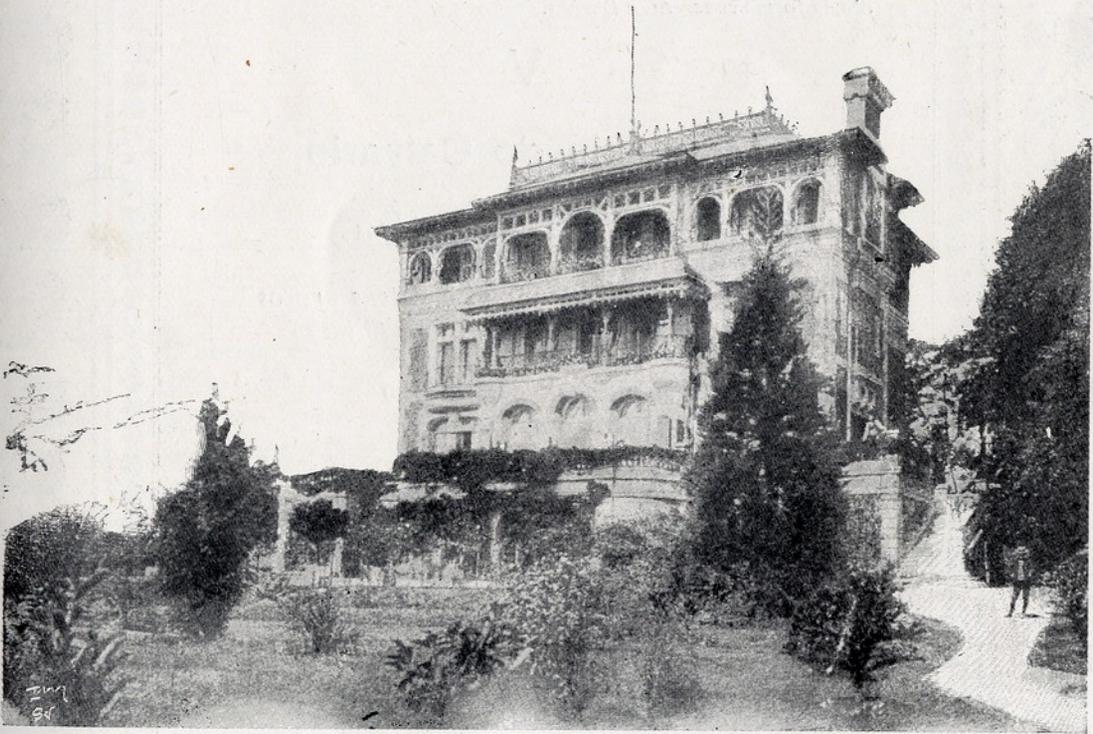
O piano é tão rico em litteratura para estudo em cada grau de adiantamento, que seria necessário um livro inteiro para dar uma lista de todas as obras que se apresentam á selecção. Um catalogo parcial redundaria em desprezar um grande nu-

mero de trabalhos igualmente dignos de menção.

Limitar-me-ei a nomear alguns compositôres que, sendo vantajosos para o estudante no decurso do seu estudo, andam comtudo esquecidos. Antes de todos aconselharei Mozart porque, com o nosso moderno nervoso e excitação, torna-se difficil tocar com calma e simplicidade, — qualidades estas que são requeridas por Mozart.

Dos mais velhos compositôres abandonados um dos maiores é Mendelssohn, cujas *Romances sans paroles* são tão admiraveis para adquirir a qualidade do som cantante, e cujo estilo para piano é do melhor. Para o brilhantismo da technica aconselharia Weber.

Para pianistas adiantados recommendaria o tocar Moszkowsky entre os compositôres modernos. As suas composições, sob o ponto de vista pianistico e pedagogico são perfectas, e é minha convicção de que difficilmente se poderá imaginar um mais perfeito *clavier satz* do que o que nos dá Moszkowsky.



CHATEAU DE RIOND-BOSSON

# Mysticismo christão

## Triloquio do Calvario

### EXEGÈSE DO SYMBOLO

*O Triloquio do Calvario é, talvez, a interpretação integral do Evangelho, cujas theorias philosophicas e moraes conflagram com os ideaes de todos os seculos. Christo, — esse delicioso utopista, — encarnou a Fé e a Esperança n'um Deus desconhecido que allia, dogmaticamente, a Bondade, que é o Perdão, á Justiça, que é o castigo inexoravel, a vingança, — polo opposto do Crime...*

*Apertado entre a Descrença, — o Mau Ladrão, — que zomba cynicamente, e a Duvida, — o Bom Ladrão, — que pergunta se o soffrimento pôde santificar e remir, Christo, — o symbolo da Crença, — succumbe entre estas duas manifestações de Revolta.*

*O Mau Ladrão é o philosopho sarcasta, que atira ao acrosopho sygillo e ás cryptas mysteriosas, onde se velam todas as divindades, a irreverencia do descrente revoltado.*

*O Bom Ladrão é o producto resignado da Dór, que, duvidando da existencia dos deuses, espera comtudo a Ventura, que existe, talvez... para os crucificados da Vida no seio inviolavel da Morte, no repouso absoluto, quem sabe lá, no Nirvana budhista.*

*Christo morre sem demolir a Descrença e sem desvanecer, d'uma fôrma concreta, a Duvida.*

### V

## Triloquio do Calvario

*O Mau Ladrão abrindo os olhos baços  
Para Christo fremente de revoltas:  
«¿ Se na verdade és Deus, porque teus braços  
Dos braços d'essa cruz, Rabbi, não soltas?»*

*O Bom Ladrão n'um dulcido sorriso  
Transido de remorso e de pavor:  
«¿ Poderá renascer no Paraizo  
Quem fôr santificado pela Dór?...»*

*E Christo erguendo a fronte para os ceus:  
«Castellos da Vaidade ruem cerces,  
«Os humildes serão no seio de Deus...»*

*«E' digno de perdão só quem soffreu!...»  
N'isto a Terra gemeu nos alicerces  
Jesus fechou os olhos... e morreu...*

Eduardo Metzner.



# Madrugada de sonho

(Recordações da revolta de 31 de janeiro)



**F**AÇANHUDO republicano, meu pae avisara a familia de que dentro de poucos dias se daria qualquer coisa de muito grave em politica. Foi ao jantar que elle lançou estas palavras, as quaes fizeram effeito diverso em nós todos. Minha mãe, com o bom-senso sceptico das mulheres carregadas de filhos, limitou-se a encolher os hombros, affeita como estava a ouvir ao marido, havia muitos annos, prophcias tragicas sobre a marcha dos negocios publicos. Minhas irmãs, todas creanças, não comprehenderam. Eu, porém, já com 13 annos e leitor assiduo dos jornaes politicos, com a alma formada nos discursos incendiarios, se bem que apenas familiares, de meu pae, fiquei profundamente impressionado. Aquelle annuncio, que meu pae tivera por intermedio d'um compadre, cor-religionario, a quem chamavam na visi-

nhança o *Orelhudo* por motivo de possuir umas orelhas enormes, lançou-me a imaginação n'um frenetico tropel. Eu queria saber tudo e para isso fiz numerosas perguntas a meu pae. Elle, porém, nada mais me disse e limitou-se a recitar, pela millesima vez, scenas inteiras da *Historia da Revolução Franceza*, versos enthuziastas de Victor Hugo, coisas romanticas formidaveis, para acabar pela *Marselheza*, que nos fazia cantar em francez e em côro.

No dia seguinte, quando lhe li o jornal — pois que elle o não podia fazer desde que envelhecera e cegara por completo — debalde procurei allusões á revolução que devia rebentar. Nada encontrei. Esta falta de novas, porém, mais me exaltava; e, assim, quando chegou a madrugada de 31 de janeiro, eu estava — pobre de mim! — preparado para affrontar todos os perigos pela Republica!

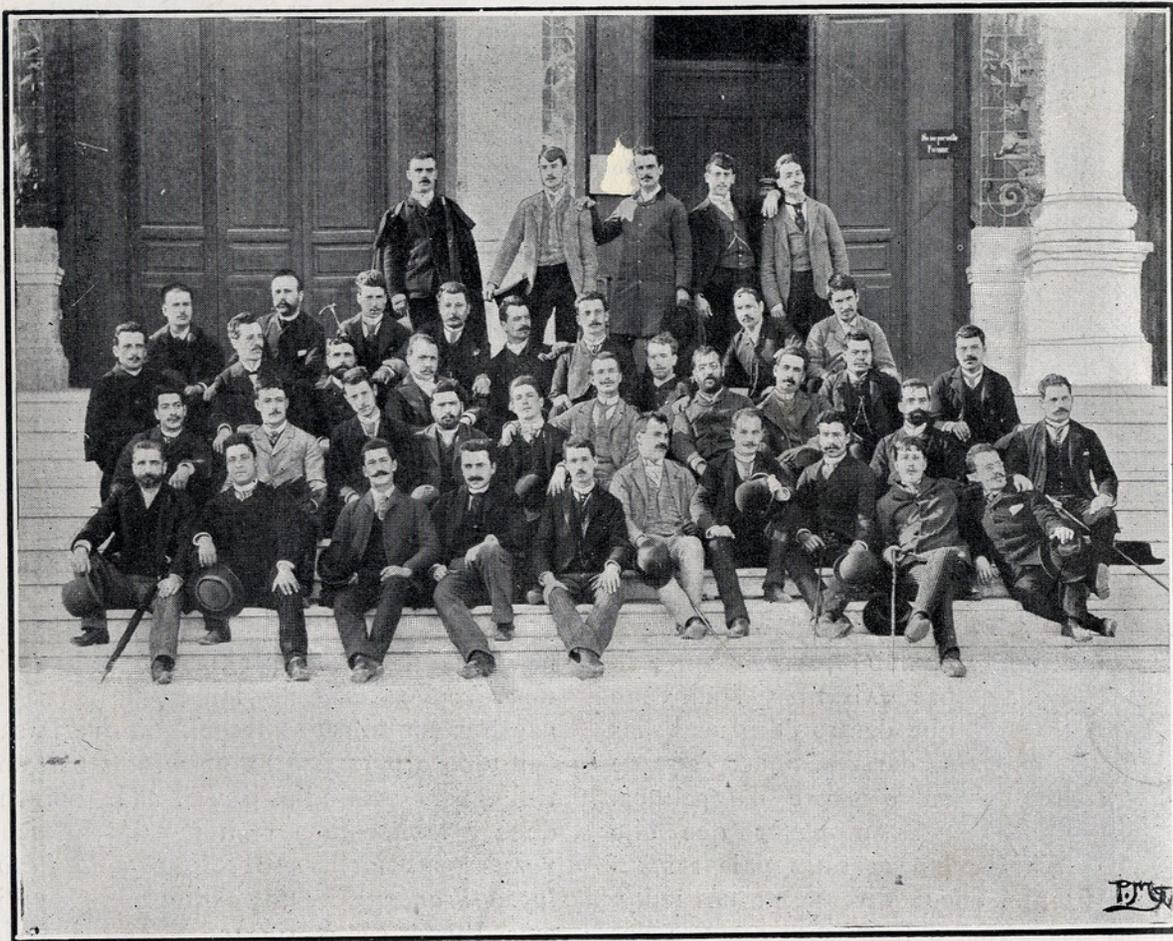
Que ideia fazia eu do que fôsse a Re-

publica? Nenhuma, é claro, como era proprio dos meus 13 annos de filho familia. Mas nem por isso andava menos enthuziasmado, tanto mais quanto meu pae me fazia almoçar, jantar e cear ideias republicanas.

Todavia, como ignorava o dia da revolução, na noite de 30 deitara-me tranquillo e somnolento, no meu pequeno quarto da nossa casa do Campo da Regeneração.

— Vem cá, vem cá! Vae á janella vér! E' a revolução que anda na rua!

A palavra *revolução* fulgurou no meu espirito com uma luz tão viva, que comprehendendi logo tudo. D'um pulo, saltei ao tapete, embrulhei-me rapido n'um casaco e corri á janella. Meu pae perguntava-me, do seu quarto, o que via. E eu percorria, com o olhar attento, o vasto campo, sem lobrigar coisa alguma. De repente, porém,



UM GRUPO DE REVOLUCIONARIOS

Meus paes recolheram-se tambem ao seu quarto, que era proximo do meu, e todo o predio e todo o local cahiu cedo no pesado silencio das ruas e praças pouco centraes.

Subito, alta noite, fui acordado por gritos violentos de meu pae. Na semi-consciencia do despertar, ouvi que elle chamava repetidas vezes por mim; e, como lhe perguntasse, d'entre os lençoes, o que havia, elle berrou-me de lá:

ouvi toques de cornetas atravessando o espaço e, em breve, varias patrulhas de cavallaria da guarda municipal galopavam furiosamente e iam tomar as embocaduras das ruas, nos angulos do Campo. Ao longe, militares formados pareciam vir da Lapa, ao rufo compassado d'um tambor; e um grupo de populares rodeava-os soltando vivas á Republica.

Eu ia dizendo para dentro o que via fóra; as palavras sahiam-me entrecortadas

por exclamações de entusiasmo; e, n'um instante, não tive mão em mim e exclamei:

— Eu vou também á revolução, papá!

Meu pae erguera-se e passeiava na sala, em roupão; todos haviam acordado na casa, e minha mãe fazia esforços para readormecer o meu irmãosito mais novo. Eu corri ao meu quarto, vesti-me em poucos minutos e tornei junto de meu pae a agarrar-lhe nas mãos e pedir-lhe licença para sahir. Elle hesitou; deu alguns passos em direcção da janella, para vêr; mas deixou cahir os braços, desolado e profundamente triste ao reconhecer a sua cegueira. E, então, como eu o solicitava ardentemente, deixou-me sahir, apesar dos rogos afflictivos de minha mãe, que tinha medo que me matassem.

A's suas palavras apenas respondeu:

— Deixa-o ir. Um homem nunca deve faltar a estas coisas. E já que eu não posso...

Eu não esperava mais nada. Enverguei um capote de cabeça, puz na cabeça o meu melhor chapéu e fui buscar uma grossa e segura bengala de meu pae, exclamando:

— Sempre levo esta bengala do papá para o que der e vier!

E fugi pelas escadas abaixo, tiritando de frio, mas possuído do fogo revolucionario.

Se a conhecesse então, diria decerto para commigo a famosa phrase de Turenne:

«— Tremes, carcassa? Tremarias muito mais se soubesses onde te levo.»

Quando, pouco depois das 9 horas da manhã, voltei a casa, era bem diversa a minha attitude. Sem chapéu e sem bengala, pallido, cosendo-me com as paredes, como que humilhado, não tive coragem para falar: um choro convulso me tomou, embarcando-me a voz por largo tempo. E foi ainda entre as lagrimas e os soluços do desencanto que contei a meu pae ancioso, o que víra n'essa madrugada de sonho:

«— Quando sahi, uma patrulha de cavallaria da guarda municipal occupava a esquina da

rua dos Martyres da Liberdade. Não deixava passar ninguem para o Campo da Regeneração, já cheio de revoltosos. No momento em que eu punha o pé na rua, um musico do 18 de infantaria tentava juntar-se aos seus camaradas. Mas a patrulha não lh'o permittiu e, após uma breve e violenta troca de palavras, um dos cavalleiros berrou para o musico:



O TENENTE COELHO (á direita)

«— Vá-se embora, homem, vá-se embora! Tenha juízo!»

O outro lá voltou para traz, e eu fui para o meio do Campo. Um troço de guardas fiscaes penetrava no vasto largo, ao som d'uma corneta. A cada momento mais tropas surgiam e dentro em pouco tempo o Campo da Regeneração encontrava-se inteiramente atulhado de povo e de militares, confraternizando nos vivas á Republica. Nas janellas dos predios appareciam timidamente vultos de mulheres em trajos de intimidade.



Sentados: HOMEM CHRISTO E JOÃO CHAGAS  
Em pé: DURÃO, DR. PAES PINTO, FELIZARDO DE LIMA, AURELIO DOS REIS  
E SIMÃO ALMEIDA

E não sei como, a breve trecho, — rompia já a custo a claridade da manhã, — toda aquella multidão desandou pela rua do Almada abaixo, em meio de transportado delirio, marchando ao som victorioso das bandas militares. Era uma festa unica, a mais arrebatadora que eu vira em minha vida. Aqui e alli abriam-se janellas estrepitosamente, e os vivas á Republica, soltados de cima, encontravam sonoro echo em todos os corações. E, por vezes, uma mulher, em simples camisa, surgia por detraz das vidraças, investigando do que seria e

despertando, pela atarantação, a gargalhada.

Assim chegámos á Praça de D. Pedro, papá. As tropas estenderam-se a toda a roda, pelo marchapé adeante, desde os Congregados, pela Camara, até ao fundo dos Clerigos. E quando eu chegava, em meio da minha enorme alegria, junto da estatua, ouvi abrirem-se as janellas da Camara Municipal e uma voz fortissima, como um trovão, bradar, solemne e lentamente:

«— Está deposta a casa de Bragança!»

Mais alguns individuos fallaram e eu, como ouvisse apontar para os chefes da revolta, perguntei a um desconhecido:

«— Quem são? Quem são?»

O homem indicou-me trez officiaes que conferenciavam alli proximo, um capitão, um tenente e um alferes. Discutiam acalorada e precipitadamente, e eu approximei-me d'elles, para ficar a conhecê-los. Mas o tenente apresentava um olhar triste, reflectindo qualquer séria preocupação. Em breve, os tres offi-

ciaes dirigiam-se para o portão da Camara e eu ia de grupo em grupo, animado, fazendo dansar a minha grossa bengala de junco da India. A uma ordem passada de bocca em bocca, os soldados foram-se aos capacetes e arrancaram com raiva a corôa, que pisavam aos pés.

Era uma manhã fria, um pouco brumosa; o sol a custo ia dominando a nevoa pardacenta que cobria o horisonte; e, assim, a claridade plena veiu tarde. Entretanto, muitos cafés abriam as portas, e varios populares distribuam pela soldadesca maços de

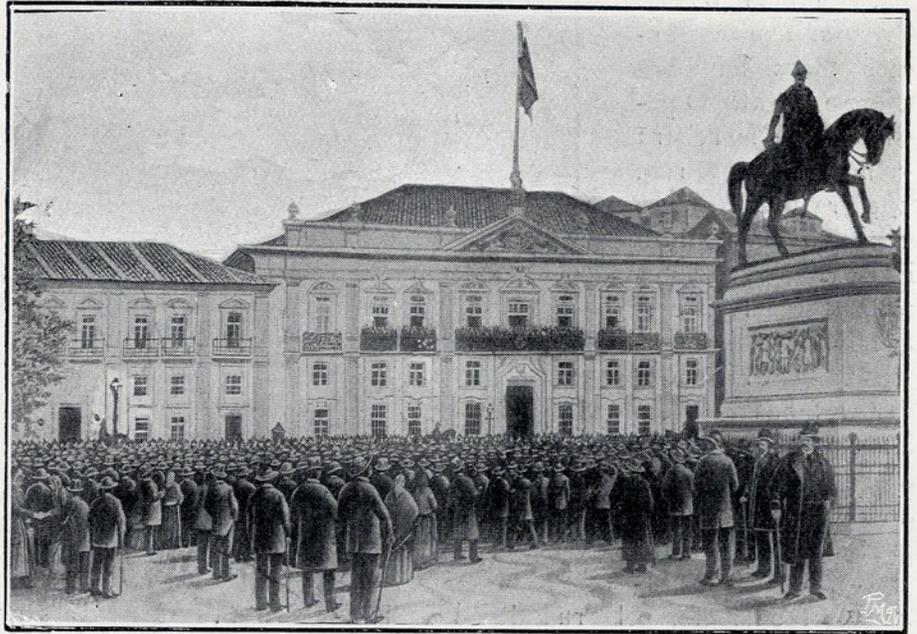
cigarros. Um individuo de grandes barbas grisalhas, que tenho visto caricaturado com uma boina, um tal Anselmo de Moraes, distribuia, á esquina dos Congregados, maços de cigarros *Almirantes*; distribuia tambem genebra n'uma botija; e, em certo momento, um guarda-fiscal a cavallo, tirou-lhe a botija das mãos e largou a beber soffregamente.

... Assim se passaram algumas horas, papá. Mas á certa altura, as cornetas não faziam senão tocar, da Praça subia um grande borborinho. E, de repente, toda aquella multidão resolve subir a rua de Santo Antonio, ladeando os caçadores e todas as tropas. Não havia duvida: caminhava-se para a victoria. Era tal o impeto de toda aquella gente, enchendo como uma massa compacta a largura plena da rua, que nenhum de nós sentiu a encosta. A meu lado, a grandes passadas sonoras, seguia um homem alto, typo de pedreiro, com tamancos, que batiam em cadencia na calçada. Eu examinava-o de esguelha: levava uma figura perfeitamente radiosa, o olhar illuminado.

De repente, quando eu já ia a mais de meio da rua, deu se qualquer coisa que não comprehendí. Vi apenas que todos, mas todos, se atiravam ao chão: n'um relance, olhei para baixo: militares e povo, povo e militares se atiravam de roldão para as pedras e apenas, n'uma nevoa de fumo, distingui vagamente o vulto d'um official brandindo a espada, entre os soldados que faziam fogo. Não pude vêr mais, porque um torvellinho humano me arrastou e só dei por mim quando me encontrei a subir, de gatas, as escadas d'um predio. Alguem batia furioso nas portas do primeiro andar, que não se abriam; e como não se abriam, todos subiram ao se-

gundo, onde uma sala estava já aberta. Era uma pequena sala das trazeiras, completamente vazia, vendo-se apenas, a um canto, um par de botas velhas.

A sala encheu-se logo, bem como os corredores e as escadas. E, então, comprehendí que se travara a lucta entre as tropas revoltosas e as fieis. De momento a momento ouviam-se as descargas; e, muito tempo depois, vi surgir, subindo os degraus dois a dois, um sargento de infantaria, com uma espingarda fumegante nas mãos. Todos correram para elle; o sargento, porém, com um olhar duro e energico, fez abrir a sala da frente do segundo an-



PHOTOGRAPHIA D'UMA ESTAMPA POPULAR PUBLICADA NO MOMENTO DA REVOLTA

dar e entrou para lá, como um caçador furtivo que se occulta entre a folhagem; abriu uma janella e atirou. Eu approximei-me, secundado por outros populares. Mas logo vozes nos gritaram, medrosas:

«— Não vão para ahi, que pode vir alguma bala.»

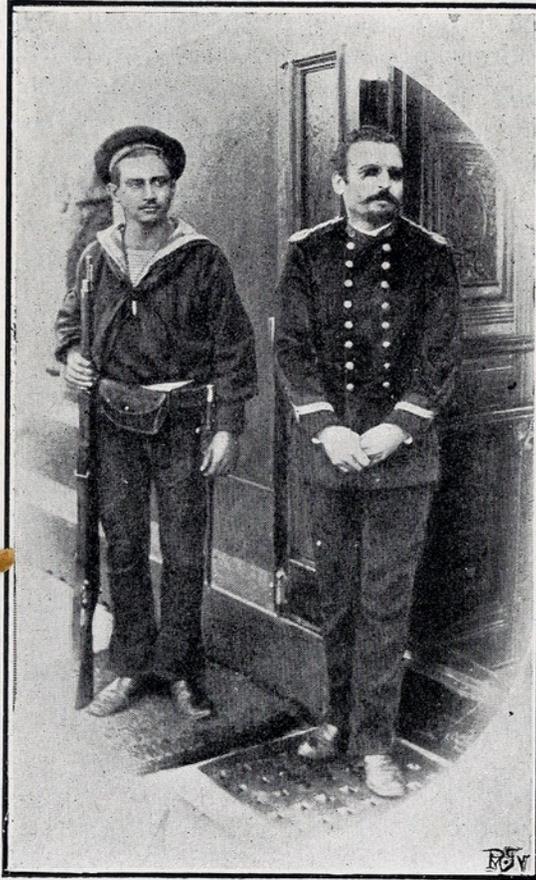
Alguns de nós, porém, teimamos; e, assim, foi com horror que vimos cahir, do outro lado da rua, no portão dos Banhos, um homem, com a cabeça furada por uma bala. Foi como um trapo que se desprendesse de subito e fôsse amarfanhado no chão.

Entretanto, na sala das trazeiras, alguns populares procuravam sahir d'aquella ra-

toeira onde nos metteramos. Mas quem poderia tal? Depois de varios alvitres, alguém lembrou que passassemos todos para a varanda do primeiro andar, o que seria facil deixando-nos es-  
corregar por uma corda presa á janella do segundo. Faltava, porém, a corda. Mas meia hora depois apparecia ella, graças á cumplicidade de um trolha que trabalhava no predio e que viera... para ganhar o dia. Prendel-a e passarmos todos foi obra d'um momento. O pedreiro que marchara a meu lado na rua, perdera um tamanco; e, como visse alli, a geito, o par de botas velhas, resolveu calçal-as. Depois, tendo-se aberto uma larga fenda no tecto do corredor dos camarotes do Theatro Principe Real, que passava logo por baixo da varanda, todos fugimos, facilmente, pela rua de Sá da Bandeira.

Vim então, papá, pela Praça de D. Pedro;

mas fugi a toda a pressa, pois ouvi dizer que os revoltosos estavam vencidos e que vae haver ahi uma matança horrivel!



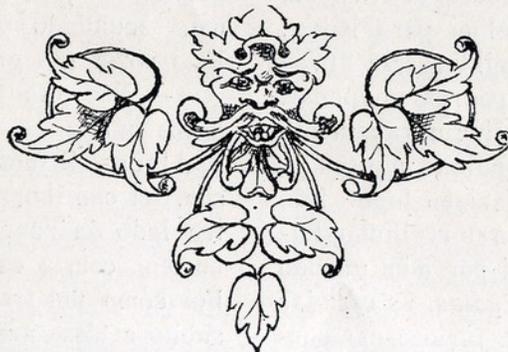
CAPITÃO LEITÃO (á direita)

... E as duas grossas lagrimas que lhe cahiram dos olhos, ainda agora as sinto a escaldar-me as mãos vinte annos depois!

.....  
Sentado na sua cadeira de invalido, meu pae ouvira-me com muda anciedade, da qual só dava provas a precipitação com que se moviam nas orbitas, os seus olhos perdidos pelas cataractas. Elle tambem parecia sentir dentro de si o desfazer d'um grande sonho. E, como a minha mãe, contemplando-me, me visse sem o chapéu e a bengala, e me increpasse pelo que ella chamava «a minha loucura», meu pae attraheu-me a si, affagou-me, e disse-lhe surdamente:

« — Deixa-o lá, Antonia. Deixa-o chorar! Faz bem chorar, na idade d'elle... e na minha!»

AYRES DE CARVALHO.





## Uma experiencia marital

— Lá que tu queiras que te façam sempre a vontadinha não me admira; e eu tenho sido sempre o primeiro a satisfazer-t'a: mas deves concordar que uma pessoa afinal se cansa!

— !!

— Ha dois annos que estamos casados e não tenho feito senão annuir aos teus caprichos. A' menor contrariedade desatas a chorar e ameaças deixar-me. Francamente, é prolongar a brincadeira. Estou prompto a concordar no que é razoavel; mas bem deves vêr, se pensares um pouco, que não pode isto continuar assim!

— Queres então dizêr que estás farto de mim, não é isso?

— Lá vem... Estamos arrançados! Tu bem sabes que não quero dizêr tal. Mas realmente, acho que podias sêr mais sensata. Já não és uma criança; és uma mulher de vinte e cinco annos, minha filha...

— !!

— Não que eu não queira fazer tudo por ti, — que não tenha mesmo muito prazer nisso. A tua felicidade importa-me mais que tudo no mundo. Mas fazêr o que valha a pena: não tolices, frioleiras. E fazê-las voluntariamente. Ninguem gosta de sêr constantemente forçado e obrigado a tudo... Pensas que seguir-te e contentar-te em todas as puerilidades é a melhor prova de

affeição; e vaes constantemente inventando caprichos novos que em nada contribuem para a tua felicidade, e sómente satisfazem o teu prazer de imperar constantemente e em tudo...

— Acabaste, não? Disseste todas as coisas brutaes e crueis que lá tinhas?

— Eu não disse nada brutal, qu'ideia! Não posso falar claramente, — e sensatamente, — que me não chames logo brutal. Queria que fosses um pouco mais razoavel, Julieta; e sobretudo que chegasses a comprehendêr que um homem não é para sêr levado por um cordelinho a fazêr habilidades como um tótó. Ninguem aguenta isso por muito tempo!

O resentimento de Julieta convulsionava agora numa raiva suffocante. Todo o pensamento lhe era impossivel. Só podia seguir a cega impulsão que nella esfusiava. Sem uma palavra levantou-se da mesa, e atravessando a turbamulta reunida pelas mesas do café, foi direita á porta extrema.

Uma fila de trens estacionava em linha. Saltou para um d'elles, e preremptoriamente: «Pelo Rocio abaixo, depressa!»

Arthur não pudêra sair logo: faltava-lhe pagar a conta. E ella, inclinando-se offegante, recommendou ao cocheiro que mettesse pela primeira travessa, para não podêr sêr facilmente seguida.

Dominava-a um pensamento unico: affligr o marido, dar-lhe uma estocada de effeito, estarrecê-lo numa impressão decisiva e dolorosa. Iria para um hotel onde se conservaria até de manhan. Elle endoideceria de inquietação e de anciedade. Em poucas horas faria tudo para renegar as palavras que a tinham levado a sair. Certamente... Oh! certamente... E quando voltasse — como elle seria humilde e penitente! Tomá-la-ia nos braços, pedir-lhe-ia que perdoasse, prometteria annuir a tudo, con-



SEM UMA PALAVRA LEVANTOU-SE DA MESA

cordar sempre, contanto — que onão tornasse a deixar.

Vibrava-lhe lá dentro um orgulhinho alegre, — de uma alegria alta-neira e triunfante. O seu podêr sobre o marido! Sentia-o, contemplava-o agora em fantasia, — vendo nelle, não uma criatura que amava e de quem era amada, mas uma força arrogante que era preciso rebatêr e subjugar. Oh, sim, havia de o conquistar, como já tantas vêzes o conquistára!

— «Para onde então, minha senhóra?» perguntou-lhe o cocheiro.

Estremeceu. Para onde iria? Era necessario pensar rapidamente, encontrar um hotel onde nunca tivesse estado e onde não fôsse provavel que elle a procurasse. Indicou o primeiro que lhe lembrou nas circumstancias.

Quando o trem parou ficou perplexa. Não trazia bagagem, eram já nove da noite. E se lhe recusassem quarto?

Não houve difficuldade. Explicou ao empregado que as malas lhe tinham ficado demoradas no caminho e provavelmente viriam no comboio seguinte. Quando lhe apresentaram o livro dos hospedes, recuou como atemorizada. Não esperava o caso, era um contra-tempo. Afinal assignou o nome de uma antiga condiscipula.

O empregado deu a chave ao *chasseur* e convidou-a a segui-lo. Subiram pelo elevadôr. Seguiu-se um corredôr no fundo do qual o rapaz abriu uma porta. Accendeu as luzes, deu-lhe a chave, e retirou-se.

Julietta sentou-se na borda do leito, e percorreu com os olhos a secura desolada d'aquelle quarto. Sentiu a alma fria, resequida, turva. Havia meia hora jantava com o marido, — e agora ei-la só naquelle

hotel desconhecido e estranho, registrada com nome falso. E se se sentisse mal durante a noite? Um sentimento de abandono, de desconsólo, de melancolia, de dó de si mesma, se lhe alastrou pelo espirito. A isto a tinha elle obrigado pela sua crueldade! Para isto tinham casado: para a lançar de si uma noite, sósinha!

Num segundo — no cair rapidissimo de um segundo — passou-lhe pela ideia que talvez a não tivesse realmente elle... que talvez...

Mas o pensamento era vago, incerto, e um momento depois já ella estava novamente

compadecendo-se de si mesma. Ella não era forte, — elle sabia-o perfeitamente, — e apesar de tudo tinha-a forçado a isto. E ahí estava só, — ninguém para cuidar d'ella! — apesar de ter promettido amá-la e protegê-la sempre!

Uma pancada soou na porta. Ah! tinha-a encontrado! Deu um pulo de alegria, que lhe havia de parecêr illogico e misterioso se tivesse occasião de o analizar. O primeiro impulso foi voar para o marido e atirar-se para os seus braços. Depois rapidamente sobrenadou a ideia de o conquistar, de o tornar penitente e humilde. Não, seria muito fria, muito amarga; recusar-se-ia a acompanhá-lo até que lhe rojasse as desculpas mais humildes...

Outra pancada. Compôs apressadamente o cabêllo. Pulava-lhe o coração.

Então abriu a porta. Era a criada.

— Tem toalhas que cheguem, minha senhóra?

Accenou que sim.

— Está doentinha, minha senhóra? Veja lá, quer que lhe faça alguma cousa?...

Negou com a cabeça, murmurando que se sentia apenas um pouco cansada.

— Bem. Olhe: eu fico a pé. Se quiser, é só tocar a campainha.

Quando a criada desapareceu, atirou-se convulsivamente sobre a cama, a soluçar. Assim pois a deixava só; nada fazia para a encontrar: deixava-a toda uma noite, sózinha, num hotel desconhecido!

Olhou outra vez por todo o quarto, — um vulgar quarto d'hotel. A melancolia e o abandono retratavam-se naquella mesa de carvalho, com uma toalhazita á servir de panno, e sobre ella apenas a caixa dos fósforos. Na secretária assentavam, brancas e com a marca da casa, algumas folhas de papel. No canto o lavatorio, do mesmo carvalho polido, destacava-se sobre o papel

vermelho escuro que forrava a parede. A bacia, o jarro e as saboneteiras eram atulhadamente decoradas de rosas verdes. Quatro toalhas pendiam do varão, e uma tapava o jarro. Na porta um cartão encaixilhado com o regulamento do hotel.

Para fugir á tristeza oppressora do quarto affastou as cortinas da janella, puxou uma cadeira, e ficou-se a olhar para a rua.

Estava quasi deserta. Era já tarde. As luzi-



QUANDO LHE APRESENTARAM O LIVRO DOS HOSPEDES, RECUOU COMO ATEMORIZADA.

nhas do gaz tremiam. Passou um trem. Um ou outro viandante surgia lento. A montra da tabacaria da esquina, e o estabelecimento de barbeiro, com a sua illuminação clara, salientavam-se na escuridão.

Nisto guinchou uma chave numa fechadura e abriu-se uma porta. Era no quarto visinho.

— Onde diabo estará este botão?

Isto resmungado por uma voz de homem, impaciente e grossa.

— Espera, que eu já encontro; está aqui ao pé da porta, — respondeu dôcemente uma voz de mulher.

Um momento após um traço de luz appareceu por debaixo da porta que dava para o quarto contíguo, e um rangêr de sofá ou cama indicou que o homem se estendêra a descansar.

— Manda vir um café bem quente, — e que venham depressa!

E logo a voz feminina, para o corredôr:

me não deixas repousar uns tempos? Bem precisada ando eu!

— Lá vem a cantata! Sempre a lengalenga do descanso!

— Mas se tornei a desmaiar no ensaio d'esta manhan, Henrique. Outra vêz repetiu o doutôr que eu realmente preciso de repousar, ir para qualquer parte...



O MARIDO  
LIA SOCEGADAMENTE

— Olhe, faz favôr, pôde mandar-me vir uma chavena de café?

— Disse-te que recommendasses que trouxessem depressa, — rosnou o da cama — que viessem depressa!

— Elles não tardam, veem já.

Um silencio seguiu esta frase conciliatoria e suave. E depois o stentôr:

— Porque demonio arrastaste assim aquelle terceiro acto?

— Porque ando estafada, Henrique, muito cansada, e doente metade dos dias. Porque

— Ora, o doutor Soares é um burro! Haviamos agora de interromper as representações no meio da época, quando estamos a fazer tão bom dinheiro! Não faltava mais nada! E bem podes tomar conta numa coisa: já não és nenhuma menina, longe d'isso, e tens caído muito ultimamente. Por emquanto ainda gostam de te vêr, mas d'aqui a pouco... Vae aproveitando emquanto é tempo. Podes descansar quando o publico já não quizer saber de ti.

A unica resposta foram os soluços mal reprimidos da pobre criatura.

— Cá a temos... já tardava! Por amor de Deus acaba com isso... Bem: vou lá abaixo bebêr qualquer coisa. Quando voltar, vê se tens acabado com a choradeira!

Echoaram passadas broncas, e estrondeou o abrir e fechar de uma porta.

Julietta encostou-se ao parapeito da janella, cobrindo a face com as mãos. Naquelle momento relampagueou-lhe como uma revelação o amôr, o carinho, a delicadêza do seu marido, — que elle todo o tempo lhe mostrára, e ella nunca soubera apreciar.

Fôra necessária a brutalidade do marido de outra mulher para comprehendêr a dedicação do d'ella. A lembrança do egoismo, da petulancia, dos caprichos em que tola-mente gastára o seu espirito, estava-lhe queimando a alma. Não fôra bastante que em tudo que realmente lhe podia dar conforto e felicidade elle se anticipasse aos seus desejos; ainda quisera sentir bem o seu podêr, forçá-lo a annuir-lhe nas mais pequeninas coisas, tirar-lhe toda a independencia de pensamento e personalidade. . . .

Levantou-se nervosamente e pôs-se a passear pelo quarto, em obediencia áquelle instincto que nos faz procurar em qualquer movimento o allivio das nossas angustias mentaes. Pela primeira vêz em toda a sua vida estava soffrendo o tormento da reprovação e do desprezo de si mesma. Seria já tarde para remediar? Teriam os seus futeis caprichos apagado nelle o amôr?

Pregou o chapêu com dedos trémulos. Era-lhe agora evidente que uma unica coisa restava fazêr: ir já para casa alliviá-lo da sua anciedade.

A' porta voltou-se para dar um ultimo olhar ao triste quarto. A mais amarga e mais salutar lição a tinha ali recebido. Fechou vagarosamente, e correu para o escritorio.

— Manda-me vir um trem, sim? Recebi um telegramma a chamar-me, — e queria tambem pagar o quarto. . . .

Só depois de estar na carruagem pensou no olhar admirado do gerente. Sem dúvida percebêra a mentira. Não poderia têr recebido o telegramma sem elle o sabêr. Paciencia. Agora o que importava era chegar a casa.

Elle não estava lá, certamente. Andaria a procurá-la, — mas havia de telefonar a cada instante a perguntar se já chegára. Tanto trabalho, tantas anciedades lhe fôra causar! Que loucura, que tolice aquella!

Quando o trem parou olhou apressada-

mente para as janellas e correu pelo vestibulo. O guarda-portão dormia na cadeira. Galgou a escada, satisfeita de ter escapado á curiosidade do homemzinho. A' porta parou. Abriu silenciosamente. Os passos foram-lhe amortecidos pelos tapetes. A porta do escritorio estava entreaberta: esgueirou-se cuidadosamente para dentro. . . .

Recostado numa grande cadeira confortavel, diante do fogão, com o casaco de belbutina e os sapatos de casa, o marido lia socegradamente, e fumava.

Lia e fumava!

— Estás ahi, minha filha? Não te ouvi entrar. Fizeste bem em vir. Era tolice ficar toda a noite fóra. Senta-te, tens ali cadeira.

E puxou-lhe uma bôa cadeira para junto do fogão.

Ella sentiu-se completamente atordoada e desorientada. Ouviu-se a si própria dizendo mecanicamente:

— Não, obrigada. . . . Estou. . . . estou um pouco cansada. . . . Vou-me deitar, parece-me que me vou deitar. . . .

Arthur olhou socegradamente para o relógio:

— E' effectivamente mais tarde do que julgava; mas estou tão interessado por este artigo. . . . Ainda o vou acabar antes de ir.

Trocaram as «boas-noites», e um momento depois Julietta estava no quarto, em pé, junto do *toilette*, descalçando vagarosamente as luvas. Puxou-as, dobrou-as, e dispô-las com muito cuidado e vagar sobre a mesa. Depois tirou o veu, arranjando-o com a mesma applicação inconsciente. Todo o tempo ia dizendo muito monotonamente e baixinho: «Matei o seu amôr, desfiz tudo, matei. . . . matei. . . .»

Assim se conservou encostada ao *toilette*, — e agora afastava com toda a regularidade todos os pequenos objectos ali postos: frascos, escôvas, pentes, salvazinhas, tudo ficou numa fila muito recta. Depois reuniu-os em monte, e tornou a enfileirá-los. . . .

— «Matei o seu amôr, matei o seu amôr!

Os acontecimentos da noite estavam como sumidos; parecia-lhe que annos se haviam passado desde a estada no hotel, quando ouvira as vozes no quarto contiguo; era tudo vago e longinquo. Uma ideia unica lhe occupava absolutamente o espirito: que tudo

se acabára, que matára o amor do marido, que a sua lição viera muito tarde já.

Pouco a pouco começou discorrendo a memoria dos dias do noivado e do casamento. A cada doce lembrança vinha-lhe uma repulsão instintiva, como á imagem de um morto. E diligenciou, sem o conseguir, não pensar no futuro, no que havia de sêr, no que viria . . .

Por fim veio-lhe a consciencia do seu abatimento fisico: sentia doer-lhe o corpo. Apagou a luz e atirou-se vestida sobre a cama. Repugnava-lhe a minima acção intellectual ou fisica. E o ar frio da noite, entrando pela janella aberta, começava a regelá-la inteiramente. Deixou-se ficar, sem coragem de se mexêr.

Cortou a noite um apito distante no Tejo, o ulular de algum cão sumido . . .

Já na humidade da madrugada ouviu um batêr suave: a porta abriu-se, e ei-lo abraçado a ella.

— Ouve, Julieta; já não posso mais, ouve. Estive passeando ali toda a noite; não posso mais, — escuta. Não me conservei indifferente em tudo isto, percebeste? Mas quis parecê-lo; e quis parecê-lo para teu bem. Sabia onde estavas; o trem em que foste voltou para o café. Perguntei ao cocheiro e elle disse-me. Mandeí para lá alguém de confiança para te seguir e velar por ti. Quando deixaste o hotel telefonou-me, calculando que virias para casa. Então preparei o scenário em que me viste: enverguei o casaco de casa, peguei numa revista e esperei por ti depois de preparar a attitude mais indifferente . . . Fi lo porque era o melhor. Se estivesse convencida de que eu te não seguiria, com certeza me não deixavas: pois não é isto? Não estás zangada, não é verdade?

— Não, não . . . Sinto que fizeste muito bem. Parece-me que finalmente estou curada!

(Adaptação do inglés.)





JUNGFERNSTIEG

# Hamburgo — Hannover — Berlim

## Uma cidade livre



Allemanha tem tres cidades livres: Hamburgo, Bremen e Lübeck. Das tres, Hamburgo é não só a mais rica, populosa e importante pela sua industria e commercio, como pela sua belleza. Situada na foz do Elba, o seu porto de abrigo é sem duvida o mais frequentado do norte da Europa. O Elba não é como o Tejo, o luminoso espelho de um céu quasi sempre azul, mas em compensação as suas aguas pardas e poucas vezes tranquillias são atravessadas por toda a especie de embarcações em avultado numero. Pelos braços do rio, aproveitados em esplendidas docas, bem dragadas e profun-

das, vêem-se barcos da maior tonelagem encostados á terra; mas antes de se chegar propriamente ao porto, a paisagem que se desenrola nas duas margens tem aqui e acolá alguns logares que chamam a attenção do viajante. Blankenesse, um outeiro coberto de arvoredos, semeado de casas elegantes, é o ponto de vista mais interessante de toda a margem direita, aquella que os navios percorrem mais de perto. De Blankenesse para diante a vida do Elba começa a adensar-se e a uns quarenta minutos das docas tudo são já vapores de carreira para logares proximos, rebocadores, escaleres a gonzolina e um ou outro grande paquete que va sahindo a caminho do mar.

Quem venha de Hamburgo a caminho de

Lisboa, verá o Tejo como um eden de **claros tons**, mas quando estenda a vista por sobre **as suas aguas**, logo, na vida remansosa de suas **fragatas e catraios**, na diminuta frequencia de **barcos de grande lotação**, lhe parecerá um rio de ecloga. Para

romanticos, para artistas, para poetas. O seu aspecto de abandono não se casa com o tamanho da cidade a que dá acesso. Tem-se a impressão de que o vimos acordar

d'um somno velho quando, chegando do norte, o subimos n'um transatlantico.

O rio que serve Hamburgo, ao contrario, tem, na triste escuridade das suas aguas, nas carregadas sombras do seu céu de chumbo, a febre d'uma navegação actual, progridida, toda vitalidade e riqueza.

Percorrido o extenso porto que nos leva ao coração da cidade, eis-me em terra, a contas com um policia que me entrega uma chapa de metal com um numero. E' o numero do carro que me ha de servir. Os cocheiros approximam-se, observam a chapa que eu conservo na mão, e um d'elles toma conta da minha pessoa e malas. Em dois minutos rodava para o *Kronprinz*, um dos hoteis que fica no centro da cidade, de frente do pequeno *Alster*, o lago interior.

Ao chegar a uma janella do meu hotel pude exclamar com os meus botões: Hamburgo, forte cidade dos balcões floridos, sombria dona do teu duplo Alster, eis-me finalmente no seio de teus ricos homens! Nada que cheire a nobreza decrepita e empobre-

cida; nada que se pareça com manejos trechos de invalidos famintos. Confiança no proximo gerada em horas. Ninguem fecha o seu quarto nos hoteis; muitos nem as malas fecham. Tudo aberto, franco, como o

sorriso claro das mulheres que passam. Isto assim não é uma cidade, é **uma grande multidão**, um milhão de almas lavadas, abluídas em cerveja — talvez! mas **be-lavadas é certo**. Por isso mesmo é abundante de

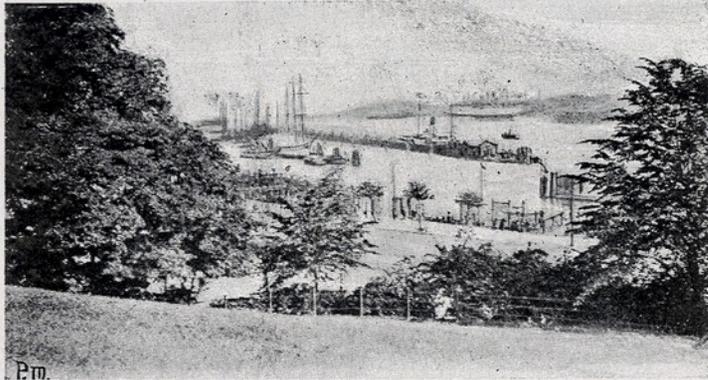
grotesco esta gente sã e solida. A simplicidade tem estes inconvenientes: ha mulheres, semi-damas, de chapéus com fitas e *sogar* com plumas, que empurram carros pelas ruas fóra. Carros com fructa, com hortaliças, com leite... Os cães cooperam n'esta tracção arrebicada. Pobres cães! atrellados, elles lá vão debaixo dos vehiculos, alliviando os braços das suas companheiras.

Houve ha pouco um movimento associativo grave, para a reconquista de um direito: foram os creados dos cafés e dos restaurantes

que se reuniram para exigir dos patrões o direito prescripto de usar bigode, conta-me ali mesmo, na janella, o director do hotel.

E que bigodes!... Bigodes á Kaiser, erectos e fartos, como as chammas de marmore ou de bronze, com que encimam as urnas funebres, onde se recolhem as cinzas dos cremados.

Mas a bella alma allemã, a honestidade burgueza, põe tons delicados n'estes aspectos comicos da vida hamburgueza. A gente ri, mas é um riso todo amorosidade o que as suas chapelatanas nos dispertam. Pro-



TRECHO DO PORTO



RATHAUSMARKT

testamos contra o excesso capilar dos creados, mas os seus bigodes vão diminuindo á medida que o serviço se nos mostra mais prompto, solícito e desinteresseiro do que em França, Hespanha ou em Portugal.

Tracção canina, creados embigodados á Kaiser e o desplante, impudor quasi, com que as senhoras entram nas *toilettes*, ali á nossa vista, após a ingestão de tres ou quatro cervejas, para dentro em pouco lá voltarem se a libação continúa, — eis as primeiras torpezas com que Hamburgo me acena. por entre o adejar carnavalesco dos velhos chapéos, meios desplumados ou quasi desfloridos, verdadeiros jardins no outomno, miseros avestruzes captivos de zoologicos sem sol; mas documentos irrecusaveis de que esta gente não faz do janotismo idéa fixa, preponderante, absorvente, unica.

Não me demorei no hotel. Alguns minutos para me alojar. A minha primeira visita foi depois ao novo edificio dos correios, situado em frente do *Tiergarten*. Para isso atravessei a parte do *Jungfernstieg*, que fica em frente do café Ott, entre o *Hamburgerhof*, um grande hotel que já teve a sua época, e o *Alster Pavillon*. Hoje o hotel chic é o *Esplanade*. Foi este que veio agora tirar a primasia ao *Vierjahrszeiten* que, por seu turno, havia posto fóra da moda o velho *Hamburgerhof*.

O edificio dos correios é um monstro onde cabiam bem á vontade todas as repartições do Estado e suas dependencias, espalhadas em Lisboa por varios cantos, praças e ruas. Por maior que nos digam o movimento postal do grande emporio do norte, sempre nos parece que, em tal predio, muitas divisões estarão desoccupadas. Como disse, defronte está o *Tiergarten*.

E, depois, se fosse o unico; mas quê!

passado o Alster interior logo topamos outro *postamt*, tambem admiravelmente installado, n'um palacio que fica perto da estação central dos caminhos de ferro. Esta, inaugurada ainda não ha muito pelo Kaiser, foi bem definida pelo soberano. Guilherme II teve a franqueza de declarar a um senador, que a *Hauptbahnhof* tinha tanto de feia como de grande. Era um monstro em todos os sentidos!

E de facto o viajante tinha mais a esperar do bom gosto dos hamburguezes felizes. Este bom gosto, porém, não falta. Onde a natureza lhe fez um aceno de formosura, ahi correram elles a completar-lhe o gesto. Refiro-me aos dois Alster.



JUNGFERNSTIEG MIT CAFE OTT

Os dois lagos no centro da cidade, navegaveis em toda a extensão, atravessados por pontes, cortados por vapores pequenos que subsidiam a viação das ruas, povoados de botes varios de recreio, são um desvio natural das aguas do Elba, engenhosamente aproveitado. Os hamburguezes cavaram mais o seu fundo, dragaram-n'os em muitos pontos, estenderam as suas margens, circumdaram-n'os de terraços e embarcadouros. Em volta do Alster interior, está a parte mais bella e mais nova da cidade. Os melhores hotéis estão por ali, os restaurantes mais luxuosos e os cafés melhor frequentados; d'elle partem tambem as ruas principaes aonde o commercio attrae grande parte da população dos outros bairros distantes.

Da ponte que separa os Alster vê-se so-  
branceira, dominando o bairro central, a  
nova *Rathaus*, a casa da Camara.

A sua torre, genuino estylo germanico,  
termina por uma cupula agudissima, a que  
a agulha de ouro dá  
prolongamento, sem  
quasi se quebrar a li-  
nha d'aquelle angulo  
estreito e gracioso.  
A *Rathaus* por dentro  
está ricamente deco-  
rada e o seu mobilia-  
rio tem o tom solemne  
que convem áquella  
casa de governo.

Ali se reune o con-  
selho do governo da  
cidade; ali é recebido  
o Kaiser, sempre que  
os negocios do imperio o chamam a Ham-  
burgo. Continuando a ala esquerda do pa-  
lacio senatorial, encontra-se um edificio  
mais pesado e simples, em pedra quasi ne-  
gra, talhada em forma rectangular. E' a  
bolsa, o palacio da bolsa, construido quando  
o municipio.

Hamburgo tem mais dois edificios publi-  
cos notaveis, e são elles os dois museus, com  
que o viajante depara, mal se deita a per-  
correr a cidade. Um de historia natural e  
outro de antiguidades locaes. Visitei ambos.  
Em dois dias de chuva; emquanto as esco-  
las me não eram franqueadas, não havia  
entretenimento que mais naturalmente me  
estivesse indi-  
cado.

O museu  
zoologico é  
completo. O  
seu catalogo é  
um curso de  
zoologia des-  
criptiva. Todo  
o edificio for-  
ma um unico  
salão, mas  
nem por isso  
deixam de es-

tar scientificamente grupados todos os exem-  
plares expostos. Arrumadas ás paredes ha  
galerias amplas, onde a exposiçã da fauna  
continúa minuciosa. Escadas leves e estre-  
itas dão, a cada canto, accesso ás gale-

rias, e algumas pontes estabelecem commu-  
nicações.

O outro museu é mais interessante. Ambos  
são vizitados pela população escolar da ci-  
dade; e se no de historia natural a mocidade

de Hamburgo apren-  
de a conhecer a mar-  
cha da animalidade a  
caminho da nossa es-  
pecie vencedora, no  
regional pode ella ver  
de onde veiu a sua  
Hamburgo de hoje,  
orgulhosa dos seus  
Alster, dos seus pa-  
lacios colossaes, da  
sua industria trium-  
phante e do seu por-  
to, espelho de tanta  
navegação! Desde a



O THEATRO DA COMEDIA

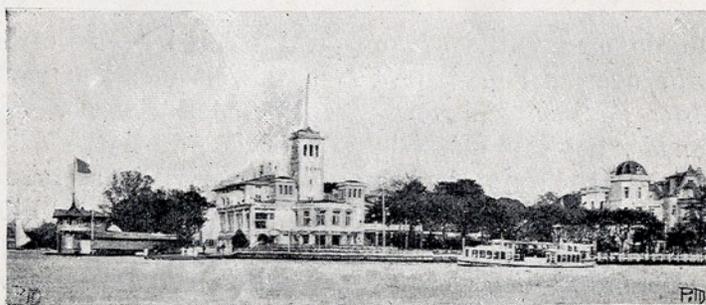
cidade com uma só rua calçada, com traves-  
toscas em lugar de pontes, com a veiga  
circumdante a emergir do lodo dos pantanos,  
e as suas cabanas rodeando a antiga *Rat-  
haus*, unico edificio então rebocado, teem os  
rapazes, como nós os viajantes, numerosos  
documentos para a historia da evolução e  
progresso da sociedade germanica, de ha  
muito em pleno goso do asseio e conforto  
de quasi todos, — e da opulencia de muitos.

Em Hamburgo ha tres logares escolhi-  
dos; tres estações da moda: o almoço no  
*Fortér*, o passeio a Blankenese; á volta  
o jantar no hotel do Park e, á noite, umas  
horas no *Deu-  
tsches Schaus-  
pielhaus*, o  
principal thea-  
tro da terra.

O *Fortér* é  
o restaurante  
onde o *Kron-  
prinz*, o fu-  
turo Kaiser,  
faz a sua pri-  
meira refeição,  
quando vem a  
Hamburgo.

E' caro mas é bom. Louça de Sévres  
authentica, pratos em estylo imperio, crys-  
taes romanos, optimos criados e uma cosi-  
nha primorosa.

Quem pretender relacionar-se com a plu-



UHLENHORSTES FÄHRAUS

toocracia hamburgueza tem ali o lugar onde o seu intento pode certamente cumprir-se. Lá vão os primeiros sybaritas da terra e lá se encontram tambem os viajantes mais illustres.

Automoveis electricos, que circulam por toda a cidade em forma de *landeaux*, ali estacionam tambem, esperando que aquella freguezia opulenta os utilise. Mas não desfecham tiros, nem perfumam as ruas e as praças como os nossos preclaros ganzolineiros de Lisboa. A tracção electrica tem esta vantagem: não estrondeia, nem fêde, e, dentro das cidades, sou de opinião de que só com motor electrico se deveriam consentir os carros. E depois não é nada caro o seu aluguer. Pouco mais do que os *droschken*, nome soturno porque dão as typoiás na Allemanha. O uso do taximetro é geral e as tabellas são respeitadas.

E' ao domingo que o *Forter* tem maior concorrência. Escolhi pois um domingo, para fazer o chamado turno elegante entre os hamburguezes. O almoço foi animado; depois tomámos um d'esses *landeaux* e fomos para Blankenese. Blankenese, um pouco á maneira do nosso Mont'Estoril, verdejante e bosqueada, com arvores altas a encobrirem em parte os palacetes, está situada a meio caminho do porto que nos leva á foz do Elba. A agua salgada vae até ás raizes dos seus primeiros cedros.

Lá no alto, meio visível, porque se es-

(Continúa.)

tende tambem pela collina opposta, o primeiro hotel d'aquella estancia isolada. Por lá andei algumas horas e confesso que, se a sua situação e belleza não pode competir com o nosso Estoril, o asseio dos arruamentos, a lisura do seu piso, sem essas nuvens de poeira que por cá nos emporcalham, e a ordem que nos apparece em tudo, dão-nos de sobra para sympathisarmos com o lugar. As flores que se debruçam por toda a parte, que descem até ás ruas e aos atalhos pelos muros dos jardins privados, teem um lustre admiravel. Repontam da folhagem verde, como se estivessem sempre a acabar de ser regadas.

Blankenese fica a umas tres leguas de Hamburgo. O caminho para lá é interessante na diversidade dos seus aspectos. Passamos primeiro em S. Pauli. S. Pauli é o bairro marítimo. E' o que está adjacente ás docas. Mas não supponham por isso que seja um lugar pouco seguro e menos elegante. Nada d'isso; é um lugar de prazer. Os *bars*, os restaurantes, os theatros, os cafés concertos estão ali em grande dóse, bem adubados de carne humana.

A libertinagem, o homem do mar e o estrangeiro teem em S. Pauli, á noite, o seu lugar de thronagem. Mas de dia, á hora em que por lá passámos, nada mais se vê senão que, na sua animada vida commercial, predominam o botequim e a *brauerei*.

DOM THOMAZ DE NORONHA.





## Sousa Viterbo e a sua obra posthuma

**S**a morte recente do dr. Sousa Viterbo, tão pranteada pelas letras patrias como pela numerosa pleiade intellectual ou affectiva de admiradores e amigos, veio pôr em evidencia um dos mais notaveis exemplos de trabalho mental consciencioso e sincero.

Sousa Viterbo reunia a uma alma de poeta a forte cerebração do crítico, e a paciente e aturada investigação do erudito.

A sua obra litteraria, a principio revelada em volumes de poesia e de lyrismo, e na collaboração assidua nos jornaes e nas revistas, robusteceu-se pouco a pouco com fartos materiaes, colhidos nos archivos, formando as mais solidas bases para estudos de largo alcance historico e social.

Annos consecutivos, fraco e doente, Sousa Viterbo, naquelle trabalho extenuante de investigação e de copia de documentos antigos, que são a mina uberrima da reconstituição da historia, ia cavando a ruina da saude, que havia de transformar-lhe os ultimos annos da vida num martyrio atroz.

A obra que Sousa Viterbo publicou, em

volumes e memorias successivas, principalmente nestes ultimos annos de trabalho, constitue, para o publico restricto que as aprecia e estuda, a mais preciosa e systematica documentação dos diversos ramos da historia particular da patria portugueza, em especial da historia, ainda por fazer, das nossas artes, das nossas industrias e das profissões e mistéres das classes populares.

Noticias novas sobre architectos, pintores, esculptores, gravadores, ourives, armeiros, tapeceiros, jardineiros, navegadores, medicos, poetas, etc., davam-nos o esboço das phases primeiras das diversas sciencias, artes e industrias portuguezas. Ao mesmo tempo Sousa Viterbo, num encyclopedismo assombroso, manuseava conjunctamente a critica litteraria, a investigação bibliographica, a averiguação biographica e a historia litteraria propriamente dita.

Não é este o logar asado, nem o momento, para repetir o que em outros logares está dito com maior auctoridade e proficiencia, ou o que eu proprio disse e escrevi ácerca do valor inestimavel da obra publicada de Viterbo.

Ao eminente escriptor que tambem hon-

rou os *Serões* (1) com a sua collaboraçã litteraria, presta hoje esta revista o ultimo preito de homenagem, com a publicação do presente artigo, que significa tão sómente, uma nota sincera de saudade pelo litterato, que o era e como poucos, na mais larga significação da palavra, o dr. Sousa Viterbo, e de veneração pelo perpetuo monumento que elle a si erigiu, com os seus trabalhos perduraveis.

Aquellas innumeras memorias, e monographias dispersas pelos jornaes, boletins, revistas e volumes, esclarecem nitidamente milhares de problemas historicos, dos que mais interessam a vida nacional retrospectiva.

A obra vastissima publicada pelo erudito e criterioso investigador assombra os leitores; mas este assombro cresce de ponto quando attentamos nas condições de tristissima enfermidade, em que Sousa Viterbo as realizou.

Graves lesões do systema da espinal-medulla o amarraram á cadeira de paralytico, aggravando ainda esta lamentavel situação a mais atroz, completa e absoluta cegueira.

Então, quando o espirito, quando aquelle cerebro potentissimo funcçionava cada vez com maior concentra-

ção das suas excepcionaes facultades, e no seu férvido amor das lettras buscava no trabalho litterario o unico lenitivo para o horror dos seus padecimentos, Sousa Viterbo encontrou junto a si as dedicações feminis da esposa e da filha.

Estes casos da coadjuvação voluntaria e dedicada da mulher nas locubrações litterarias de notaveis escriptores manietados



DR. SOUSA VITERBO (1896)

para o trabalho directo pela velhice, pela cegueira ou pela enfermidade, constituem as melhores e mais formosas tradições da historia do Feminismo.

Não recordarei, nesta despretenciosa nota de sentido registo, os casos classicos de Antigona e da formosa Deborah, a filha do cego poeta Milton, que escrevia sob o dictado do velho poeta inglez, os seus melhores versos.

(1) Os artigos do dr. Sousa Viterbo publicados na collecção dos *Serões* fôram: — em 1901 — *A capella de São João Baptista na egreja de S. Roque*, no n.º 4 (julho), e — *Frei Luiz de Sousa*, no n.º 6 (setembro); em 1902 — *Arte Indo-Portugueza — Fundidores de artilharia*, no n.º 9 (janeiro a fevereiro), e em 1903 — *Pias baptismaes portuguezas*, no n.º 18 (março a abril).

Lembra bem, comtudo, este exemplo classico, a devoção filial da sr.<sup>a</sup> D. Sophia Viterbo, cuja collaboração assidua de muitos annos, como secretária de seu pae cego e enfermo, constituiu o espectáculo sublime, que commovia os mais duros corações dos amigos que o presenciaram.

O quadro era na verdade emocionante. Aquelle pobre e mirrado corpo de Viterbo, de membros esqueléticos, estava amarrado á cadeira do martyrio; a sua forte mentalidade, essa porém, não manietada, dirigia e organizava com a mais elevada competencia os seus estudos e memorias, que se succediam e multiplicavam; e, ao lado delle, na mesa de trabalho, uma debil, intelligente e dedicada menina, no viço da mocidade, trocava os alegres e futeis entretenimentos habituaes de *menina e moça* pela cooperação porfiada, constante, extenuadora de todo o expediente de uma das mais intensas e operosas actividades litterarias que entre nós podemos registar.

Não ha muito, me recordeo ter lido com interesse nos jornaes francezes a noticia sensibilisadôra de uma menina, que desprezando a sua propria doença, serviu de secretária do grande poeta Sully-Prudhomme, que a enfermidade tornára paralytico, dedicando-se assim com todo o ardor da sua mocidade á gloria do poeta.

Lamartine, pobre e triste, quasi abandonado quando viuvo, achou uma confidente dos seus ideaes, uma verdadeira collaboradora dos seus ultimos trabalhos litterarios, na sua sobrinha Valentina. Dotada de peregrina formosura, esta senhora sacrificou de boa vontade a juventude á admiração que professava pelo illustre ancião, e quiz ser a sua Antígona. Nas horas em que ao poeta desfallecia o animo, em que um veu de tristeza lhe entenebrecia o espirito, Valentina recorria a todos os mais piedosos

artificios para lhe restituir a confiança em si proprio, buscando por todos os meios desviar-lhe dos labios a taça de amarguras.

A dedicação e os serviços que a senhora D. Sophia Viterbo prestou a seu pae e ás lettras patrias, tem sido já por mais de uma vez e pelas mais illustres corporações scientificas reconhecida e a elles prestada a devida homenagem publica.

Neste momento cumpre porém registar um facto que, reforçando excepcionalmente o valor deste notavel exemplo de dedicação feminina e filial, mais se impõe ao reconhecimento de todos.

Não cessou, com a morte do illustre escriptor, a apaixonada e já fervorosa dedicação cultural de sua filha. A collaboradora identificou-se com a obra de seu pae, abruptamente roubado pela morte á missão grandiosa que elle proprio se impuzera, na senda dos estudos historico-documentaes da vida portugueza.

Numerosos documentos, classificados e dispostos segundo determinados pontos de vista, formavam a base de

muitos novos estudos, em preparação, e aguardavam o ensejo em que Sousa Viterbo pudesse dar-lhes a tão desejada publicidade.

A obra que fica inédita seria só por si mais que sufficiente para justificar o renome do seu auctor. O complemento de trabalhos monumentaes como o do *Diccionario dos Architectos*, das *Noticias de alguns pintores*, e das *Noticias sobre medicos portuguezes*, sobre musicos, sobre varias artes e officios inda não estudados, são vastos e preciosos materiaes, que ficariam perdidos, arremesados á voragem desoladora do papel inutil, se não houvesse na herdeira d'aquelle glorioso nome, a alta comprehensão de que não findára com a morte do escriptor a in-



D. SOPHIA CLEMENTINA DE SOUSA VITERBO  
(1909)

telligente e dedicada missão, que tristes e agros destinos lhe haviam confiado.

A collaboradora, ainda em frente do ataúde, onde piedosamente fez tirar a máscara por experto artista ao fallecido e egregio homem de letras, protestou ante os amigos lacrimosos que acompanhavam a lancinante scena, empenhar todos os seus esforços e diligencias na coordenação, revisão e publicação d'aquelles importantissimos estudos, fructos alguns delles infelizmente incompletos, do labor e da investigação de

e conhece o dramaturgo, que lê com avidez o romancista e se deleita nas bellezas lyricas do poeta.

Por isso, deante do feretro o reporter de um dos principaes diarios da capital, tomando a nota necrológica, lançava esta pergunta, que enchia de indignação os amigos e admiradores presentes:

— E profissão? o que era o finado?

Não nos revoltamos tanto, porém, contra esta ignorancia barbara, que tem analogas em paizes mais adeantados e cultos.



DR. SOUSA VITERBO E SUA ESPOSA, D. SOPHIA VIRGINIA LEITE DE SOUSA VITERBO (1904)

tantos annos, feita por seu pae nos archivos nacionaes.

Esta perseverança, esta promessa de piedade filial, que já está sendo gloriosamente cumprida, e pelo qual o paiz lhe deve o merecido louvor, foi como que um protesto solemne contra a rude ignorancia, que no nosso paiz lava, ácerca das suas mais prestimosas glorias litterarias. A obra de Sousa Viterbo foi essencialmente uma obra de erudito e para eruditos, e portanto menos accessivel ao grande publico, que applaude

Ha poucos annos li factos tão similhante, que não posso furtar-me ao ensejo de o repetir.

Acabava de morrer em Paris um dos vultos litterarios mais eminentes da França, o octogenario Barbey d'Aurevilly.

Tambem este velho litterato achára na extrema longevidade uma dedicação feminil, cheia da mais extraordinaria abnegação. Afieçoou-se-lhe com a mais respeitosa paixão mademoiselle Louise Read, que conhecendo a obra de d'Aurevilly melhor que o proprio

auctor, lhe cercou os ultimos annos da vida dos mais estrenuos e delicados cuidados, buscando persuadir o ancião de que não vivia isolado e triste, ou desconhecido e esquecido, no meio da geração que succedera á d'elle.

O culto de mademoiselle Read esforçou-se tambem por perpetuar além da morte a memoria do extincto, sempre com egual dedicação.

Pois, perante o corpo inanimado do glorioso homem de letras, o medico, o proprio medico, ao passar-lhe o attestado, inquiria, como de costume.

— Que profissão tinha ?

A pergunta gelou de espanto e desconcertou os assistentes. Mademoiselle Read, no seu culto fanatico pelo morto, não respondeu e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas.

Carlos Bluet, que no momento entrava na camara mortuaria, respondeu com voz indignada e ironica ao ignorante medico:

— *Era negociante de gloria!*

A dedicação, o culto, com que a filha de Sousa Viterbo, os amigos, os admiradores, as sociedades e corporações scientificas, litterarias e artisticas, que elle tanto honrou, e até mesmo o Governo Provisorio da Republica, se empenham em publicar em volumes a *obra posthuma* do illustre escriptor, respondem da maneira mais esmagadora, como a phrase ironica de Bluet, á pergunta ignára do reporter.

A obra posthuma confirmará, de modo irrefutavel, o direito que assiste á posteridade de classificar o grande investigador como um dos mais legitimos e indisputaveis — *fabricantes de gloria.*

Lisboa, 29 de janeiro de 1911 (30 dias após a morte de Sousa Viterbo).

VICTOR RIBEIRO.



MASCARA EM GESSO

(tirada ao cadaver de Sousa Viterbo)

# De Sousa Viterbo

## Na previsão da cegueira

Aos primeiros rebates da doença, e prevendo, como medico, o mal inevitavel que avançava, Sousa Viterbo escreveu a seguinte formosa poesia, que o grande amigo de Portugal, Prospero Peragallo, verteu na bella lingua italiana:

### Felizes os que morrem

*Felizes os que morrem! Não ha nada  
Como descer á campá na alvorada  
Dos sonhos juvenis!  
O cadaver do moço pubescente  
Vae envolvido em rosas do Oriente  
E em beijos das huris.*

*Passa sorrindo a flórea primavera.  
Feliz quem morre, como folha d'hera...  
N'uma manhã d'abril!  
Feliz quem dorme o derradeiro somno  
Quando começa a gotejar o outono  
No coração febril!*

*Felizes os que morrem saudando  
Com piedoso olhar o doce bando  
Das meigas illusões!*

*Felizes os que morrem triumphantes,  
No retinir do côro das bacehantes,  
Na arena das paixões!*

*Felizes os que morrem creancinhas,  
E vão, como pennugem d'andorinhas,  
N'um vôo d'harmonia!  
Creanças!—divinal phosphorescencia—  
Vós sois a via lactea da innocencia,  
A estrada da poesia!*

*Felizes os que morrem á procura  
Do seu éden d'amor e a noite escura  
Dá-lhes a mancinilha!*

*Felizes os que morrem; sim, felizes,  
Quando não têm no coração raizes  
D'um coração de filha!*

Lisboa, 5-1-1887.

Sousa Viterbo.

### VERSÃO ITALIANA

*È felice chi muor. Nulla più bello  
Quanto il morir da giovine, nell'alba  
Dei sogni suoi fugaci.  
La salma del garzone adolescente  
Parte coperta di rose olezzanti  
E di virginei baci.*

*Passa e sorride ognor la primavera...  
È felice chi muor, qual foglia sparsa,  
In un mattin d'aprile.  
È felice chi dorme il sonno estremo.  
Quando l'autunno versa a stille a stille  
Fredd'onda in cuor febrile.*

*È felice chi muor, dando l'addio,  
Con un pio sguardo alla svariata schiera  
Delle care illusioni.*

*È felice chi muor avendo vinto,  
Nel turbinio d'un coro di baccanti,  
Ignobili passioni.*

*È felice chi muor, bambino appena,  
E, qual piuma di rondine, fa il volo,  
Un volo d'armonia.*

*Bimbi! sublime, celestial parvenza!  
Siete la lattea via dell'innocenza,  
Fonte di poesia.*

*È felice chi muor, mentre va in cerca  
Dell'éden suo di amor, e infine al buio  
Trova la manseniglia.*

*È felice chi muor, si, venturato,  
Quando nel cuore suo non v'han radici  
D'un puro cuor di figlia.*

Genova, 2-11-1903.

Prospero Peragallo.



## Noticia bibliographica



VÊDE as *Canções do Vento e do Sol*, de AFFONSO LOPES VIEIRA: a primeira impressão será talvez a de que esta poesia deve exprimir inteiramente. — e fundamentalmente —, a pessoa do poeta; de que será quasi necessário conhecê-lo, quasi imitar-lhe a voz, para lêr bem os seus versos. D'ahi, em parte, o seu encanto especial, e d'ahi tambem a estranhêza que num ou noutro ponto hão de causar ao primeiro leitôr menos attento. Não se faz mister porém sêr-se artista para logo percebêr a subtileza da evocação pelo som e pelo ritmo, tão felizmente conseguida. E ahi a pessoa desaparece, para o objecto se desenhar, por si e em si, não aos nossos olhos, que não é esse o caso, mas sim pelo ritmo, e pela propria imitação fonética. Eis o vento:

*O vento é bom bailadôr,  
baila, baila e assobia,  
baila, baila e rodopia  
e tudo baila em redor!*

*E diz às altas ramadas:  
— Bailae comigo, bailae!  
E ellas sentem-se agarradas,  
bailam no ar desgrenhadas,  
bailam com elle assustadas,  
já cansadas, suspirando,  
e o vento as deixa, abalando,  
— e lá vae!*

Todos sentiram, certamente, o abanar, o redemoinhar cansado da estrofe, e a rajada no ultimo verso. E como ouvistes o vento, ouvireis agora o sino (*Auto das badaladas*):

*Ouvi: eu planjo, eu planjo as badaladas!...  
Tombam, compassadas, tombam,  
Lágrimas érmãs tombando,  
Sobre as almas alarmadas  
escutando...*

Nas *Novenas*, com um badalar menos lúgubre está tambem o meio harmónico, tambem o caír musical da tarde:

*Pelas tardinhas amenas  
«Da Coimbra das finas neblinas»  
Dos sinos caíam serenas  
gotas de son:  
dling— dlong...*

Assim o livro é como um percorrêr de scenarios, a entrada successiva em scena de todas as vozes da naturêza. Repousastes á sombra de uma dóce arvore rumorosa, e sentistes passar, reunidas num feixe breve, um esboço de todas as horas, de todas as paisagens, de todas as harmonias, de todas as estações. Todas veem, aladas, se inclinam sobre vós e vos murmuram o seu estribilho caracteristico, como uma fada, como um silfo, como uma formosa e loura maníaca de sonho. Esse vento que corre veio

por países de fantasia, e arrancou mil flôres ao oceano interiôr do sentimento, como arrancou mil brumas esgarçadas e flutuantes aos mares azulinos que por lá longe, nas manhans sobrenaturaes e frescas, se arrendam todos de espumas brancas...

*Mais leve que a pluma  
Que no ar ondeia,  
Pela fina areia  
Baila, aèria, a espuma.  
E na dansa etèrea  
Que impalpavel ronda!  
Bafo da materia,  
Penugem da onda...*

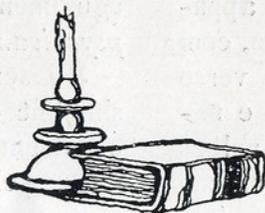
A idéa dos temporaes perde-se logo, passando como uma contemplação longinqua cuja precisão nos não confrange e nos não fere, apesar do requinte com que decorativamente se reproduz ao nosso ouvido. Lá vão as gaivotas voando e piando...

*Lenços brancos do azul, dizendo adeus  
ao vento e ao mar...*

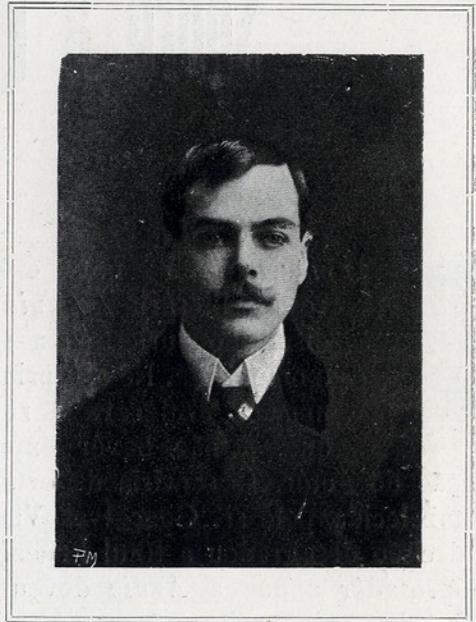
lá vão, serenas... E são ellas, quando a tormenta de noite, atrôa e ronca e estala, e o mar rasga com raiva o vendaval aos ais, que, de noite velando, incarnam piando, almas de «mestres» que no mar lutando o mar sepulta na profunda vala!

Assim o vento nos vae esparzindo os seus dons, os vôos de harmonia que elle arranca ás coizas ou que as cousas lhe entregam, vibrando, alegres como um melro na primavera, ou pesadas como a neve dos invernos frigidios:

*O' neve branca e sombria,  
nocturnamente caindo,*



*soturnamente caindo,  
taciturna,  
noiva do áspero Norte  
dama diáfana e forte,  
immensa mortalha fria  
aguas e terras cobrindo...*



AFFONSO LOPES VIEIRA

Falam a terra, falam as fontes sêcas no tempo das sêdes anciosas em que os ramos exaustos se contorcem, falam a rôla e os pinhaes, o luar, os frutos e as estrélas; e acima de tudo fala a caridade de irmão Genebro, para que nós ainda mais agradecidos fiquemos ao poeta, por essa expressão de bondade superiôr em que a naturêza, consciente de si, se diviniza e se alevanta, coroando a arte, dirigindo-se ao espirito na sua plenitude, e dando

*Um pouquinho de Sol, durante a noite escura...*



## Sobre a questão ortográfica



EVANTOU-SE na nova e bella revista literária *A Aguiá* uma discussão curiosíssima sobre a ortografia. No seu primeiro numero declarava a revista que, a não havér expressa indicação do autór, se serviria da ortografia estabelecida pelo sr. Gonçalves Vianna. Esta decisão desagradou a Raul Proença, o claro prosadór a que a *Aguiá* deveu dois artigos sobre o inquerito: «A arte é social», inquerito que infelizmente não tem proseguído, não sabemos porquê. Raul Proença portanto protestou e no segundo numero a redacção mantinha a grafia de cada autór. No quarto, porém, surgiram umas observações assignadas por A. A. Cortesão, lamentando o tór-se d'esta forma «arripiado caminho» contra a primeira decisão com que a revista apparecêra. Estava levantado mais uma vêz esse difficil problema, cuja resolução entre nós tanto se tem protelado.

O que torna a controversia de agora extraordinariamente interessante é a entrada explicita em scena de um novo ponto de vista que merece attenção: o «criterio estético». E' nelle que inconscientemente se funda a resistencia de muita gente contra a reforma ortográfica. Acostumados os olhos a uma certa grafia, a lingua escrita apparece-nos outra, extravagante, exquisita, com a simples modificação das letras: o verso menos poetico, a prosa menos sentida e natural do que ortografada segundo os velhos hábitos. O soneto de Camões não é o mesmo soneto, a pagina de Herculano não é a mesma pagina, nem a oração de Vieira a oração que nós conheciamos. D'aqui se con-

cluiria que a reforma deve sêr por graus, em duas ou três avançadas, — opinião que tem contra si, certamente, fortes argumentos irrefutaveis no ponto de vista da logica puramente grammatical.

Pode porém levar-se ainda o sentimento estetico a muitissimo maior requinte, considerar cada palavra como uma individualidade em si, como uma alma que tem o seu genio, os seus habitos, o seu temperamento, o seu carácter, a sua vida. «Les mots ont une âme, disse Maupassant algures. La plupart des lecteurs et même des écrivains ne leur demande qu'un sens.» Ora, desde que as palavras teem uma alma, pode havér quem lhes exija uma fisionomia correspondente: tal é o ponto de vista de Teixeira de Pascoaes no seu artigo recente sobre *a fisionomia das palavras* (a *Aguiá*, n.º 5). «As palavras são séres; compõem-se, portanto, de duas partes, uma objectiva e outra subjectiva; e como taes as devemos considerar quanto á ortografia, porque ella implica com a sua *apparencia corporea*, e por conseguinte com a sua *beleza plastica*; e como entre o corpo e a alma existe uma relação de harmonia e intimidade, é claro que a ortografia, constituindo a parte *externa ou material* das palavras, implica igualmente com a sua *expressão interiôr e psychica*.»

Do seu principio conclue o poeta pela simplificação da forma gráfica das palavras cujo sentido é simples, definido ou concreto, e pela não simplificação das palavras que encerram um sentido profundo, abstracto e misterioso.

As suas razões são certamente subteis e

curiosíssimas, e porisso pedimos licença para aqui transcrever algumas.

«Olhemos esta palavra escrita das duas maneiras — peccado e pecado; logo resalta aos olhos o *enigma* (1) *penal* que os *dois cc* revelam e que esta palavra, na verdade, contem, querendo traduzir o acto que ofende as misteriosas leis divinas. Nos *dois cc* existe, por assim dizêr, a propria *criminalidade* da palavra. Deve escrevêr-se, pelos mesmos motivos, *afflicio* e não *afrito*, *bocca* e não *boca*, *espectro* e não *espetro*, *occulto* e não *oculto*, etc.

«Quanto ao emprego do *y*, atendendo sempre ás regras expostas, deve desaparecer de quasi todas as palavras portuguezas, e introduzir-se novamente na palavra *lagryma* e derivados... A forma do *y* é lacrimal; estabelece, por conseguinte, a harmonia entre a sua expressão grafica ou plastica e a sua expressão psychologica; substituir-lhe o *y* pelo *i* é ofendêr as regras da estetica.»

«Na palavra *abysmo* é a forma do *y* que lhe dá profundidade, escuridão, misterio... Escrevê-la com *i latino* é fechar a bocca do *abysmo*, é transformá-lo numa superficie banal...»

(1) Pascoaes escreve *enigma*, como sempre se escreveu; poder-se-ia porem submitter ao illustre poeta uma applicação do seu criterio: não será mais enigmatico enigma?

«Quanto ao *ph*, *th*, deve observar-se o mesmo... A palavra *Phantasma*, por exemplo, escrita com *F* perde todo o seu aspeto espectral e misterioso; *Theologia*, escrita só com *T*, perde o seu signal de transcendencia divina...»

Muitos leitôres acharão que a ortografia, sendo para toda a gente, não pode submeter-se a considerações tão requintadas e subtis. Para muitos a lingua não passa de uma notação algébrica, um mero sistema de sinais. Se um geómetra porém substitue uma curva por uma equação, um pintôr ou um escultôr não farão o mesmo. Coisa identica succede com os artistas da palavra.

Além de «tão etéreas maravilhas», como lhes chamou, em tréplica, A. A. Cortesão, Teixeira de Pascoaes toca num ou noutro ponto as razões que são, essas, as da maioria

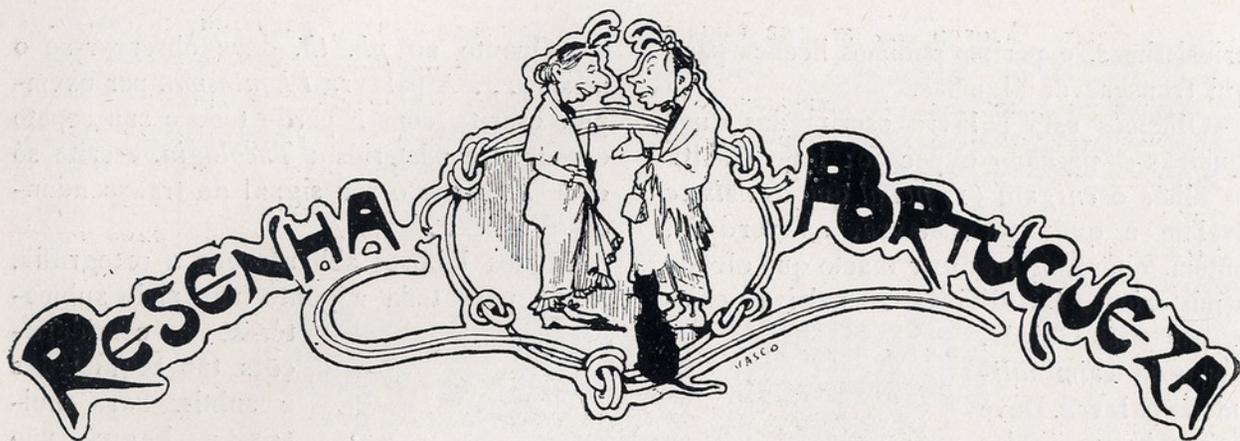
dos mortaes. E' no fundo o mesmo sentimento, mas muito menos requintado, como quando diz sêr o *h* inicial uma lêtra de grande relêvo cujo desapparecimento brusco nos «causa grande extranhêza, desagradavel quasi sempre. E' porisso preferivel deixá-lo ir caindo, pela propria acção do tempo...»

E d'ahi os fundamentos de uma reforma gradual, difficilima de estabelecer, e que teria contra si, no campo da pura lógica, — o defeito de sêr illógica.



TEIXEIRA DE PASCOAES





## O Hospicio dos Velhinhos

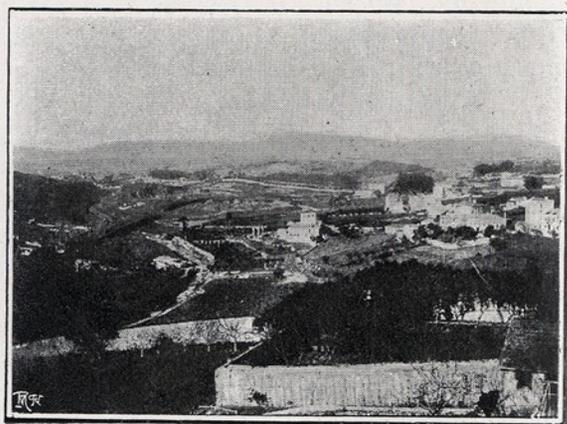
E' uma das instituições sympathicas que conheço e tanto mais que ella, que tantos serviços prestava, deu sempre um magnifico exemplo, visto que não pedia nada ao Estado, servindo-se apenas do auxilio particular.

Todos vimos palmilhando essas ruas as irmãsinhas dos pobres, quer d'inverno, sob rajadas de chuva, quer de verão, ás ardenças do calor, seguidas d'uma modesta carroça, recolhendo donativos, indo de porta em porta, aproveitando tudo porque de tudo se póde obter alguma cousa util.

Mesmo as pontas de charuto e de cigarros eram desinfectadas convenientemente e serviam depois para fumo aos albergados.

Justiça, quando o visitou, recebeu uma impressão agradável e não o occultou.

Assim, antes d'encarregar uma commis-



PARTE DA CERCA E VISTA QUE SE DISFRUTA DO EDIFICIO



A BOA MAE DESPEDINDO-SE DAS VELHINHAS

E' crível que não estivessem no edificio em vigor todas as prescripções hygienicas, mas o facto é que o actual sr. Ministro da

são de gerir e administrar o hospicio, tentou que as irmãs o continuassem dirigindo, impondo como unica condição, em respeito á lei, que abandonassem os trajes religiosos.

Mas, tambem em cumprimento ao voto feito, ellas não o podiam fazer, e d'ahi um conflicto sereno, partindo de Portugal cheias de resignação, sim, mas acompanhando-as uma saudade infinita.

As scenas commoventes que se deram na despedida, as lagrimas que se soltaram, os abraços transmittidos não serei eu que os relate aqui, deixando apenas essa nota que o leitor confeccionará a seu modo, segundo os seus sentimentos, as suas affeições, e vendo a velhice alquebrada, exhausta, falta de saude a afastar-se das que tinham apenas por principio o altruismo.

**Nem flôres nem fructos**

Os pensadores mostram-se assustados ante o grande numero de suicidios que ha um certo tempo vae alastrando por ahi. E como a missão dos sabios em todos os paizes é indagar quaes são as causas das epidemias sociaes, declaram que o hysterismo é o unico motor de tanto desalento, sobre tudo na mocidade, dando em resultado desmoroamentos, destruição da raça, das almas de guerreiro e do cerebro de philosophos. As mulheres, creanças ainda, matam-se por tedio, e os homens, em pleno vigor da vida, por desespero, buscam no suicidio o goso de todas as venturas.

Do Nietzsche, da sua philosophia, talvez um pouco cruel por excesso da masculinização, fica muito pouco, se é que alguma cousa existe nas idéas ácerca da vida dos luctadores d'hoje dos dois sexos. O hysterismo é mais forte que todas as creanças, que todos os odios de raça.

A mocidade, generosa, fecunda como terra virgem e bem dita outr'ora, actualmente é mais arida e mais secca que a velhice.

E' muito mais improductiva que o ancião, e não floresce em acções d'abnegação, em feitos consoladores. Para a creança que ainda não é mulher, como para o rapaz que ainda não é homem, a vida condensa-se em tres ou quatro idéas, de ventura ou de desgraça, que receberam brincando. O egoismo encerrou-os nos carcereiros d'essas idéas e o seu unico alarde varonil é sorrir á morte e cahir-lhe nos braços sem remorso.

Na verdade que é bem negativo este formoso saber que não produz homens nem mulheres e permite ainda que o aborrecimento, o desconsolo, mova os entes á maneira de *marionettes* e os arremesse sem protesto para um coval.

A incultura, a bella brutalidade d'outras epochas, com certeza não idealisaram tão poeticamente o suicidio nem o fizeram o resumo da vida. E' certo que então, se desconhecia o porque de muitas cousas e a razão de muitos factos. Mas em troca o homem sabia ser homem e a mulher mulher, e os desanimos rapidos não se convertiam em transcendentales problemas sociaes, d'esses

que impõem a renuncia a tudo e prescindem do seu valor para resolver um problema da vida. A mocidade actualmente, pouco depois de nascer, tem os cabellos brancos e a alma gasta! E ao passar pelo mundo não deixa nenhum caudal fecundo d'experiencia. Como as plantas malditas, não floresce nem dá fructo.

**Othello**

A tragica sombra do mouro de Veneza vagueia errante pela vida, rugindo de dôr e de zelos.

Com o rosto pallido, o olhar ferino, o coração despedaçado, a razão perdida, move a compaixão de quem o vê.

Todos sentimos, todos podemos sentir a dôr d'Othello. E assim a paixão dos zelos perdurará eternamente emquanto no mundo houver homens e mulheres.

Tambem perpassa pela vida a triste sombra de Desdemona, muito branca, com os formosos olhos cheios de lagrimas, a trança abundante do seu cabello d'ouro solta pelos hombros, o pescoço de cysne estrangulado pelo mouro assassino...

Como não se ha-de sentir a maior lastima ante a visão d'esta doce creatura, innocente como os anjos, toda candura, sacrificada ao odio dos crimes n'uma má hora de loucura?

E lá vão pela vida, em eterna peregrinação, perseguindo-se como a sombra ao corpo, o iracundo Othello e a infeliz Desdemona.

O mundo marcha, mas o homem continúa vivendo á mercê das suas más paixões, e hoje, como hontem, julga-se com direito á vida da femea que ama, recordando, quem sabe, as palavras de S. João Chrysostomo: «A mulher é um inimigo da amizade, um castigo lamentavel, um mal necessario, uma tentação natural, uma calamidade que se deseja, um perigo domestico e um prejuizo detestavel.»

Assim horrorisou-me esse drama da rua Luiz de Camões.

O marido duvidava da fidelidade da mulher, e por fim arremessou-se sobre a sua companheira, depois de a maltratar.

Ella, assustada, tentou fugir, entretanto elle disparava-lhe um tiro, suicidando-se de seguida.

E, mal me inteirara d'esta desgraça, onde ha dois filhos menores, desdobro um jornal italiano e depara-se-me esta noticia de Bari.

Vito Fiorentino chegou a casa embriagado, e chamando a mulher:

— Reza, se queres, porque te vou matar!  
A infeliz prorompeu em pranto.

— Mas que te fiz eu?

— Reza, reza...

E o miseravel lançou-se a ella principiando a arrancar-lhe pedaços de carne.

A lucta entre aquelle selvagem e a sua victima durou, diz o periodico, cerca d'uma hora.

Quando a auctoridade appareceu, a mulher era um monte de carne esquarterada.

Interrogado porque praticara o crime respondeu friamente:

— Eu estava um tanto bebedo... E dizem que me enganava!

.....  
Ahi ficam, sangrando, esses dois tristes casos, que quiz deixar consignados.

E se essas duas mulheres eram innocentes?

Mas culpadas ou não, que direito tem o homem para se erguer ao mesmo tempo em juiz que condemna e em algoz que mata? Quem lh'o outorga para dispôr arbitrariamente da vida alheia?

Eduquemos a vontade para não viver á mercê das nossas paixões, civilisemo-nos por dentro, já que, consta, estamos algo civilisados por fóra.

Para não escrever o commentario que a folha italiana faz áquelle crime:

«E mandemos para a forca o primeiro Othello que se apresente em scena.»

### As conferencias

Ora eis um novo genero que se acaba de pôr em moda, e tendo apparecido frouxamente, estiolou, para afinal principiar a rebentar ahi por todos os lados.

E' para lamentar, porque se o genero não é dos melhores, para ser exercido de uma maneira attrahente, precisam-se de requisitos que não é facil possuir.

Em primeiro lugar não se comprehende a conferencia escripta.

Se não se tem as qualidades d'orador não se acceita o encargo que nos confiam,

a não ser, mas o caso é rarissimo, que se leia d'uma fórmula encantadora.

Depois requer-se figura, uma voz insinuante, carinhosa, que a pessoa desenvolva de si um certo *charme* que a auxilie na exposição, que dê entoações diversas, que nas suas palavras hajam gargalhadas que o publico solta como se fossem o echo do orador.

Ora como não se obedeceu ainda a essas qualidades essenciaes, antevejo d'aqui a *débacle*... que não me apanhará a mim...

### Lucinda Simões

E' com a maior alegria que traço as linhas referentes a esta artista, noticiando que vae ser nomeada professora no Conservatorio.

Ninguém mais direito tinha a alli estar do que ella, e assim o que acho, é ser pequena a porta do edificio para entrar uma figura tão magestosa.



LUCINDA SIMÕES

São mais de quarenta annos que ella tem consagrados ao theatro, são epochas sobre epochas a constituirem-se e onde soube accumular a experiencia com o seu bom senso... e assim que excellente professora de dicção vamos ter!

E' possivel que crie artistas, e, se por um d'esses casos extraordinarios não apparecerem, então é porque a terra que lhe foi confiada era de muito má qualidade...

Hão-de chamar-lhe impertinente, muitos mesmo não chegarão a comprehendê-la, e o que eu temo, é que com seus processos que são aquelles que nos deram a grande actriz que estamos costumados a applaudir, não consiga resistir á onda de cretinismo, ao marasmo, á velha costumeira portugueza de não andar nem consentir que os mais andem.

Depois as coleras surdas, as pequeninas intrigas, os ditos cheios de bondade aparentemente, mas revestidos d'ironia, as conspiratas, as traições nos magnificos apertos de mão, constituirão um cortejo e ante o qual tem de ser vencida ou então arrostar com elle.

O que me anima é que a tempera de Lucinda não se amolda, é da raça dos portuguezes antigos d'antes quebrar que torcer, e como o seu plano é bom, como os seus projectos são sadios, e o seu intuito fazer alguma cousa pela arte, que tudo seja na melhor paz possivel, e que este pessimismo não tenha razão de ser.

### Morte de duas actrizes

Uma d'ellas retirara ha muito tempo do theatro, e tudo havia a esperar da sua vocação. Chamava-se Maria Costa.

Mas no theatro actualmente ha a seguinte preocupação: se se tem valor, uma causa qualquer vem e obriga-a a não seguir a carreira, ou então os fumos da vaidade perdem-n'a por completo, e d'ahi o triste estado d'abatimento em que a scena portugueza se afunda.

Maria Costa era uma creaturinha gentil, que se despediu da vida com pouco mais de 30 annos, e que no genero operetta se evidenciara pela viveza, tendo mesmo na sua curta carreira um papel em que se salientou bastante — o tuberculoso *Claudino* dos *Dois Garotos*.

Se tem seguido na sua carreira, o futuro que se lhe distendia aos pés era vasto... mas se a morte tinha de vir n'essa idade, melhor foi que não continuasse para o theatro não ter mais uma lacuna difficil de preencher.

O outro acontecimento foi a morte de Julia Mendes.

Poucas artistas, em tão pouco tempo, grangearam uma popularidade tão grande.

Não bonita, mediocre, com uma voz onde por vezes se ouviam notas que arripiavam, essa bohemia de cabello negro, olhos pretos, bocca grande, dentes muito brancos, sabia agradar a quasi todos, impunha-se com a



MARIA COSTA

sua alegria, com as suas enormes gargalhadas, estridentes... como se não soubesse o que era a dôr!

Com o seu espirito sempre em ebulição, as empezas não podiam contar muito com ella, porque com toda a facilidade saltaria por cima d'um contracto, não se lhe importando as consequencias.

A sua maneira de cantar chegava a ser original.

Assim, effectuou-se ha dois annos no então theatro D. Amelia, uma recita a favor do cofre da Associação dos Artistas.

Dramaticos em que tomaram parte artistas de todos os theatros, e entre outros a Julia.

parte do publico que tem por habito só frequentar um certo numero de theatros, ficou assombrado ante aquella mulher que gritava, que dava pulos, e suppoz-se ante uma desequilibrada, d'ahi a frieza com que a applaudiu.

A pobre Julia, porém, fôra empolgada por uma tysica, a triste doença que tanto alimento ministra á terra.

Já o anno passado, n'um theatro da feira, a que o seu nome dava tão grande concorrência, os de coração se confrangiam vendo-a quasi arrastando-se, cantando com cansaço, lendo-se-lhe nas feições que uma *maquillage* com diffiuldade disfarçava, a garra aterradora da doença.

E então succederam-se os dias de desanimo, vieram depois as horas de esperança, as palavras mentirosas — santa mentira! dos amigos — para a illudirem: os dias de sol... a temperatura descera... o parecer mostrava-se menos abatido... e a infeliz chorava — ella que ria tão doudamente — com amargura, e se um sorriso lhe apparecia era tão doloroso que dava vontade de lhe dizer: «Não rias, Julia, porque nos dóe ainda mais que as tuas lagrimas!»

Ao ver na manhã da sua morte as unhas arroxeadas comprehendeu que a vida se lhe ia aos 26 annos; agarrou uma imagem do Senhor dos Passos, pediu-lhe com a sua alma de crente que a não levasse ainda, depois, a pouco e pouco foi perdendo a sensibilidade, o Senhor desprendeu-se-lhe dos dedos, quiz ainda contemplá-lo... já não via; pretendeu sorrir... não pôde... e pelo seu rosto macerado espalhou-se o que ha muito tempo desconhecia — o véo da serenidade trazido pela morte!



JULIA MENDES

Quando ella principiou uma cançoneta, acompanhando-a de guinchos, e que tão grande successo obtivera no Avenida, uma

**Vianna da Motta**

O notabilissimo pianista, agora nomeado director do Conservatorio, é uma das nossas maiores individualidades artisticas.

Foi uma escolha acertadissima e de que ha muito a esperar para o resurgimento d'aquella casa.

Entretanto Vianna da Motta deliciou os ferventes amadores musicaes com uns concertos no theatro da Republica, sendo a concorrencia numerosissima.

Quando se tem o seu nome, quando se foi applaudido em todos os paizes da Europa, quando se conhece a fórma maravilhosa como elle move o teclado que parece um escravo submisso, quando se leu tudo quanto de melhor appareceu sobre as suas enormes qualidades artisticas e os elogios mais expressivos, Vianna da Motta desculpar-me-ha que deixe aqui apenas estas pallidas linhas.

**Fóra d'horas**

Nada em si teria de notavel para se registrar n'esta chronica o mandar a aucto-

ridade pôr em vigor um decreto que estava abandonado, o dos restaurantes fecharem ás duas horas, se logo nas primeiras noites não fosse multada uma pessoa altamente collocada.

Refiro-me ao sr. Ministro do Fomento.

O sr. dr. Brito Camacho que desde os bancos das escholas tem sido sempre um sincero democrata, embora ministro não perdeu os seus habitos de continuar a dirigir a *Lucta*, e sahindo tarde do jornal costuma ir cear.

Quando eram cerca das duas e meia da madrugada, ao retirar com um seu amigo d'um café, um policia autoou-os por infringirem o regulamento.

Ora este rigor não é admissivel na nossa epocha, e tanto mais que é preciso ver que a vida de ha muitos annos atraz é totalmente diversa da actual.

Não vale a pena, quando ha tanta cousa util e necessaria a estudar, quando ha bastante que policiar para obstar a tanto crime, que se perca o tempo com estas superfluidades que a pratica não admite, e que afinal se tornam alvo do riso.

PORTUGAL DA SILVA.

**FARINHA  
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



### «Miquette et sa mère»

Dois theatros — Almeida Garrett e Gymnasio — puzeram este mez em scena, com dois dias d'intervallo, a mesma peça: *Miquette et sa mère*, de Roberto de Flers e Gaston A. de Caillavet.

Não comprehendí bem — não me dei ao cuidado d'averiguar — o motivo que levou a esta escolha, porque essa peça é em extremo parisiense, e mesmo das menos brilhantes de tão festejados auctores, porque elles estão-se reproduzindo d'uma maneira assombrosa, mascarando os ditos, e pautando as personagens em identico molde.

Assim as traducções são dissemelhantes, porque n'uma encontro figuras a menos, e no desempenho se alguns artistas no theatro A interpretam melhor os papeis, outros affrouxam, e no theatro B encontro exactamente o contrario.

Já em 1866 se deu um factio semelhante.

Ernesto Biester traduziu para a Rua dos Condes o *Anjo da Meia-Noite*, e para D. Maria o encarregado do mesmo trabalho foi Antonio Mendes Leal.

O confronto foi o seguinte:

Emilia das Neves com Emilia Letroublon, Marianna Rochedo com Emilia Adelaide, Vidal com Tasso, Polla com Santos, João Rosa com Leoni, Rosa (pae) com Izidoro, Pinto de Campos com Queiroz.

Nenhum d'estes theatros ganhou dinheiro com a peça, o que é axiomático quando dois exploram a mesma comedia.

### Almeida Garrett

E' um original *A Bi*, a comedia em tres actos que os srs. Victoriano Braga e João Vasconcellos e Sá entregaram a epocha finda n'este theatro e que subiu á scena agora com um certo agrado.

Evidentemente quando se trata d'uma peça com o cunho portuguez tenho de me mostrar mais reservado, visto que uma critica acerba póde desgostar — embora entenda que esse meio é preferivel, porque o cirurgião não hesita em applicar o bisturi todas as vezes que vê ser necessaria essa intervenção — muita benevolencia não dá o agradecimento e prejudica o escriptor.

Na *Bi* ha uma certa observação, exaggerada por vezes, e, mesmo os menos mestres no assumpto o que reparam logo é que as scenas são desconexas, que raras vezes se prendem n'um fio, e esse mesmo é o mais tenue possível.

Com uma inexperiencia, que a estreia deve desculpar, vê-se que os auctores, por abandono ou por desconhecimento, não se serviram da technica theatral, e d'ahi por vezes um esmorecimento o que faz com que o espectador distrahido ou despreoc-

cupado, ao voltar novamente á peça, não lhe cause prejuizo para o seguimento o saber que não attendeu um ou dois dialogos.

O que achei foi uma grande honestidade na producção dos srs. Braga e Sá, e é muito possível, qualidades não lhes faltam, que n'um futuro não muito distante, após assentarem os passos com mais segurança, o theatro ainda venha a agradecer-lhes o terem enveredado por essa carreira.

O lamentavel, porém, é que os interpretes não estudassem como deviam a *Bi*.

E assim registarei apenas Jesuina Mottilli, que é o primeiro papel de responsabilidade que lhe vejo fazer, e que o executou com propriedade, estudou-o com amor, e o que lhe peço é que continue para ver se afinal se consegue destacar uma figura que tem valor.

## Republica

Outro original e de Marcellino Mesquita. Denomina-se *Margarida do Monte*, em redondilhas, talvez um defeito para o publico.

Este não foi justo, porque não recebeu de boa mente o trabalho do illustre dramaturgo.

E é para censurar, porque se a *Margarida* é mais para ler do que para ouvir, encerra bastantes bellezas que compensam as faltas que alli ou aqui se dêem.

O auctor da *Dôr Suprema*, do *Envelhecer*, dos *Castros*, dos *Peraltas e Secias*, não precisa mais nada para sua gloria, e assim se uma vez fracassa, que vasto campo lhe fica ainda adiante! e era o que ninguém que as-



MARCELLINO MESQUITA

sistiu a essa primeira devia ter esquecido.

Não houve conluios, estou certo, não di-  
rei o mesmo de más vontades.

E' o sr. Marcellino Mesquita o nosso dramaturgo de mais folego, tem tido longos

triumphos, embora uma epôcha seja turva elle costumou-se, desde estudante, a falar claro, não hesita em dar ás cousas o seu verdadeiro nome, e tudo isso são factores que se aproveitam para umas certas represalias, conforme o temperamento de cada qual.

Felizmente elle está superior a essas misérias, e esse *Artagnan* olha d'uma maneira para taes mesquinhas, que muitos a podem denominar como desprezo, orgulho ou desdem.

Destacarei no desempenho Adelina Abranches, que foi uma perfeita cigana, dando realce ao seu papel, dizendo com toda a intenção, e não lhe escapando a menor *nuance*. Como se fica satisfeito vendo-se que uma artista conseguiu ser escrupulosa, não atraçoando nunca o pensamento do auctor!

*D. João V* interpretou-o Brazão com o cuidado que lhe é peculiar, inda que, por vezes, me deu a idéa que amoldou a personagem no typo *Fernando I* da *Leonor Telles*; Chaby muito correcto, e magnifica a caracterisação d'Alves, que prova o ter sido estudada cuidadosamente.

\* \* \*

E mais outro original — para não falar nos *Quatro Cantinhos*, uma comedia graciosa, embora um tanto longa, — a *Bisbilhoteira*, d'Eduardo Schwalbach, que em tempo se representou no Gymnasio, sendo a protagonista desempenhada pela inolvidavel *Beatriz Rente*.

O espectador soffreu a impressão que se tratava d'uma *première*.

E na verdade a *Bisbilhoteira* é engraçadissima, vivendo de situações d'um comico inexcédível em que o auctor empregou todo o seu bom humor, — quem sabe se na occasião em que passava algum transe doloroso! — apresentando tres actos deliciosos que se escutam com tanta attenção como prazer.

São todos typos bem observados, verdadeiros, que se apresentam no palco com muita alegria, sabendo-a transmittir.

De ha muito se não passam tão bem duas horas no theatro. Observarei que o

conjuncto é muito homogéneo — e como é raro assim o registo — devendo especialisar dois artistas: Adelina Abranches que delinheu excellentemente o seu papel, não se



EDUARDO SCHWALBACH

esquecendo nem um só momento da personagem, e Chaby, no dono do hotel, que tem mais uma criação, e todos os applausos concedidos ainda foram poucos.

### Trindade

Mariette Sully, quando ha annos esteve em Lisboa, representou as *Meninas Michu*, uma operetta de Vanloo e Duval, que Sousa Bastos traduziu agora com a sua enorme habilidade.

De pequena acção, mas interessante, esse trabalho é matisado



PALMYRA BASTOS

com uma lindissima musica de Messenger.

Palmyra Bastos na *Maria Rosa* foi alegre, desenvolta, graciosa, recebendo calorosos applausos do publico que tanto lhe quer, e Medina de Sousa, a *Rosa Maria*, emprestou-lhe toda a sua bonita voz, assim como Thereza Taveira foi muito correcta.

As *Meninas Michu* é uma peça que se deve ouvir, e tanto mais que a epocha em que se passa é curiosa, e foi cuidadosamente passada á scena pela brilhante encenação d'Affonso Taveira.

### Gymnasio

Não sei porque se accusam as empresas theatraes de não acolherem os originaes portuguezes.

Já me referi n'esta chronica a quatro, e vou agora tratar d'outro: *Sherlock*, dos srs. Chagas Roquette e Alvaro Lima.

E' uma comedia com bons ditos, onde se nota a nossa graça, e o leitor comprehende muito bem que ella não se equipara sob nenhuma fórma com o espirito francez nem com o *humour* inglez — e onde d'um simples nada se architectam tres actos pelo imprevisito das scenas.

Escrepta para a festa do actor Alegrim este compenetrou-se bem do seu papel, e para um original portuguez... mostrou bastante originalidade.

### Avenida

Expressa a minha opinião acima ácerca da maneira como foi recebida a peça do sr. Marcellino Mesquita, penso de fórma completamente diferente sobre o acolhimento dado á revista *Nem mais nem menos*, do sr. Guedes d'Oliveira.

Alli sim, houve *parti-pris*, e a maneira como um certo numero de pessoas se portaram, vaiando, assobiando, cantando, pateando, e afinal atirando para a scena cartuchos cheios de pimenta mostra a má vontade como se procedeu, e é de sentir que não se apurassem responsabilidades, castigando com severidade os mandatarios.

A revista não é boa, e é licito — reparem que não escrevo justo — ao espectador pronunciar-se no final do acto, mas como

alli se procedeu é motivo d'um legitimo protesto.

Muito para elogiar seria — e escrevo-o com uma ingenuidade digna de riso — que o espectador occupasse o seu logar imparcialmente, porque assim conheciam-se logo os desordeiros, e mantê-los no seu devido logar era a cousa mais facil do mundo...

### Rua dos Condes

Seguindo ainda o rumo da revolução escreveu o sr. Ernesto do Carmo um drama em 4 actos e 5 quadros, denominando *Patria Livre*.

Tratou o auctor de varios episodios que se relacionam com esse facto, tirando illações cheias de patriotismo, e o publico conferiu-lhe applauso incondicional,

O desempenho é muito razoavel salientando-se Adelina Nobre, Alves da Silva e Justino Marques.

### Coliseo dos Recreios

Quando este numero dos *Serões* estiver nas mãos dos nossos assignantes devem já

ter terminado os espectaculos da companhia lyrica que o sr. Antonio Santos contractou para a sua casa d'espectaculos.

Os artistas agradaram, e não se podia organizar no actual momento um elenco mais accetavel, tendo-se ouvido mesmo artistas muito superiores a alguns que se escutaram em S. Carlos.

E depois não esquecer nunca os preços verdadeiramente populares.

No momento em que estou escrevendo as duas operas de maior successo foram a *Tosca* e a *Gioconda*.

### Animatographos

Continuam obtendo um enorme exito as fitas apresentadas no **Chiado Terrasse** onde sempre ha uma variedade, e não se dá nenhum grande successo estrangeiro que poucos dias depois se não veja reproduzido no lindo salão.

Tambem as fitas do **Salão da Trindade** merecem registo, porque a machina é das mais aperfeiçoadas, e á escolha dos *films* preside sempre um bom criterio muito para louvar na empreza.

PORTUGAL DA SILVA.



Numerosas celebridades clinicas e medicas de todos os paizes, recommendam muitissimo a

# Somatose

de cujos effeitos estimulantes, tónicos e reconstituintes do sistema nervoso formaram um juizo altamente favoravel.  
Vende-se em pó ou liquida nas pharmacias e drogarias.



## Curiosidades do tempo

### Propondo uma União Sul-Americana

Tem-se escrito ultimamente sobre a união das republicas sul-americanas para a manutenção da civilização latina. O congresso que no ultimo verão se reuniu em Buenos-Aires, abs'eve-se voluntariamente de discutir os problemas que affectam os interesses vitales dos latinos na America. Não houve a minima allusão a questões como o futuro das Antilhas, a posição de Nicaragua, a intervenção da America do Norte nos negocios internos de certas republicas. Entretanto os Estados Unidos, de accordo com a sua politica, acabavam de deitar a mão a um caminho de ferro intercontinental que realizará a sua hegemonia na America do Sul e comprometterá seriamente os interesses commerciaes da Europa. Mas a desconfiança das republicas latinas não desarmou, e desde então tem-se accentuado o desejo de contrariar a America Anglo-saxonica.

As três republicas latinas mais importantes elegiam os seus novos presidentes, homens que pareceram inclinados a favorecêr a nova corrente da opinião. Começou a sêr popular, desde o Mexico ao Cabo Horn, a alliança A. B. C., ou da Argentina-Brazil-Chili. Uma tal alliança, que uniria perto de vinte e cinco milhões de homens, determinaria um novo ponto de vista de real interesse para a Europa. Seria a primeira tentativa de uma coordenação de esforços ante o perigo norte-americano. A America do Sul tentaria assim defendêr o seu carácter, os seus costumes, a sua personalidade, o seu futuro.

No Brazil existe um outro problema de nacionalidade e carácter nacional; o perigo alle-

mão, para o qual Sylvio Romero tanto chamou a attenção dos seus compatriotas. Na *Revue pour les Français* Angel Marvaud crê esse perigo muito possível. Oliveira Lima escreven tambem sobre o assumpto na *Deutsche Revue*. Cuida que o perigo allemão se não desenhou ainda definitivamente. Diz que nas cidades os allemães se misturam com os brasileiros, e com o tempo adoptam os costumes e a lingua indigena. Ha de facto personalidades eminentes na vida politica e intellectual do Brazil que, tendo nomes allemães, não comprehendem



A JOVEM TURQUIA  
PRESA COM EMBARAÇOS FINANCEIROS

(Kalem, de Constantinopla.)

uma palavra de alemão. Mas nas colonias allemans do Brazil o caso é differente. Ahi os colonos conservam a lingua e os costumes. A culpa principal seria das autoridades, que não estabeleceram um verdadeiro sistema de educação, nem tornaram obrigatorio o uso do português. Tivessem feito isso, e desde o principio as colonias allemans se teriam tornado fazendas brasileiras.

### Allemanha e Hollanda

No magazine inglês *London* conta um articulista uma curiosa historia sobre os esforços do Chanceller Allemão para impressionar um diplomata hollandês com uma revista militar em Postdam. Quando regimentos sobre regimentos da melhor infantaria allemã passavam em so-



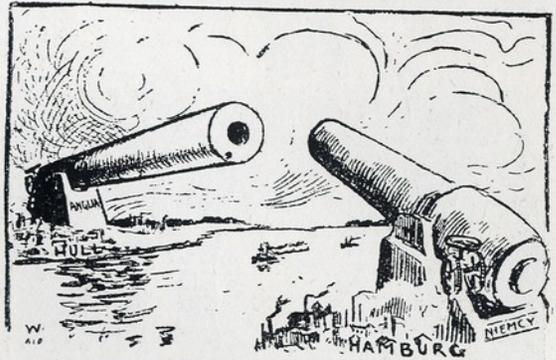
*O official allemão:* — Muito estimei ouvir que você vae fortificar a sua fronteira maritima... Gente perigosa, esses inglezes...

*O Hollandês:* — Mas sae muito caro...

*O official allemão:* — Pois sim, mas veja quanto poupa na fronteira de Leste, onde não ha ninguem senão nós!

berbo aparato o Chanceller, á espera de expressões de admiração do seu hospede, ficou muito surprehendido de lhe ouvir esta simples frase, constantemente repetida: «Não bastante altos, não bastante altos». Por fim passaram as guardas imperiaes. Eram os homens mais altos e fortes do exercito. Mas ainda se ouviu o hollandês observar: «Não bastante altos, não bastante altos».

O Chanceller mostrou então o seu despeito, e perguntou como seria possivel esperar ainda mais imponentes soldados do que esses ulti-



A QUESTÃO DOS ESPÍOES

(Mucha.)

mos. «Oh, certamente, respondeu o hollandês, são muito bellos, mas quando nós abrimos os diques na Hollanda podemos inundar o pais com dez pés de altura d'água. Já vê pois que não são bastante altos...»

### Os dois milhões de Carnegie para a paz

Emquanto os officiaes ingleses e allemães espiam cuidadosamente os pontos fracos do visinho, e a propria Hollanda se propõe a gastar milhões em fortificações, na America o celebre millionario Carnegie deu dois milhões de libras esterlinas para o estabelecimento da paz uni-



A PAZ: — «Obrigada, Carnegie; talvez com esses milhões eu consiga mais amadores...»

versal. A administração d'esta esplendida dádiva foi confiada a uma commissão presidida pelo sr. Elihu Root. Os vinte e quatro commis-



UMA PARADA NO MOSTEIRO: — O reformado regimento de S. Benedicto será conduzido contra o espirito do tempo pelo seu chefe militar.

sários incluem cinco ex-embaixadores, um ex-secretario d'estado e dois presidentes de universidade. Teem liberdade completa para disporem como entenderem do rendimento de cem mil libras annuaes. Um dos empregos d'esse dinheiro propôs-se que fosse a constituição de uma commissão especial que se encarregasse de redigir um relatório sobre os factos actuaes que possam trazer quaesquer contestações que levassem as nações a uma guerra. Além da sua dávida, Carnegie fóra já mais generoso do que ninguém pelos seus serviços pessoas e financeiros á causa da paz. E' actualmente presidente da Sociedade da Paz da Nova-York, thesoureiro da União Interparlamentar, membro da Sociedade Internacional de Conciliação, da Sociedade Internacional da Lei, e da Sociedade Americana para a Regulação Judicial das Disputas Internacionais. Dera já tresentas e cincoenta mil libras para o Palacio da Paz na Haya, cento e cincoenta mil para a *meeting place* do Bureau da União Pan-Americana, completo o anno passado em Washington, e o Palacio da Paz em Cartago (Costa Rica), onde as nações da America Central regulam os seus negocios.

O que nós não temos sabido fazer no Estoril estão-no fazendo os hespanhoes na Galliza. O avanço dos nossos visinhos vae-nos fazendo córtes successivos nas esperanças de virmos a conseguir algumas emprezas para que a naturêza nos

#### A Riviera gallega

favoreceu. A Galliza é uma bella região privilegiada, e os habitantes começam a vêr que um bom clima e uma terra pitoresca são um preciosissimo capital. Na esplendida bahia de Arosa, semeada de bellas ilhas verdejantes e enfeitada por brancas povoações cujas principais são Villagarcia, Carril, Villa Juan, — planearam os gallegos levantar uma rival hespanhola da Riviera. O orçamento do plano completo é de 10 milhões de pesetas. Esse plano começou a executar-se com toda a galhardia na ilha de La Toja, situada no interior da bahia, e recebendo de um lado as brizas salgadas do Atlantico, do outro o ar vitalizante dos pinheiros que enchem o fundo da bahia. Já foram dispendidos 4 milhões de pesetas na construção de um hotel de primeira ordem, de um casino, etc.; uma nova ponte, de cêrca de meia milha, liga ha Toja á terra firme; abriram-se espaçosas estradas, criou-se um campo de *golf*, o unico de Hespanha, e montou-se com escrúpulo o serviço para o tratamento pelas aguas quentes naturaes e banhos de lôdo. Será tudo executado segundo os mais recentes planos e aperfeiçoamentos, tendo-se feito contractos com casas allemans e inglêzas para o fornecimento de aparelhos, mobiliario, montagem de luz electrica, etc. O plano completo comprehende a construção de seis grandes hoteis agrupados em torno do largo edificio do casino. Como se vê, as obras são executadas segundo um projecto inicial perfeito que vae sendo obedecido metodicamente.



A FRANÇA A' RUSSIA: — Que dôce é sêr-se amada desinteressadamente!

(Pasquino.)

## A cruzada da paz

fallecido primeiro-ministro Sir Campbell-Bannerman em 1905. Dissera este que o principio da arbitragem pacifica se tornára uma das mais altas obrigações dos homens d'estado, e que nenhum mais nobre papel podia a Inglaterra têr do que collocar-se á frente da Liga da Paz. Esse nobre ideal parece já não sêr capaz de inspirar o entusiasmo e dirigir a



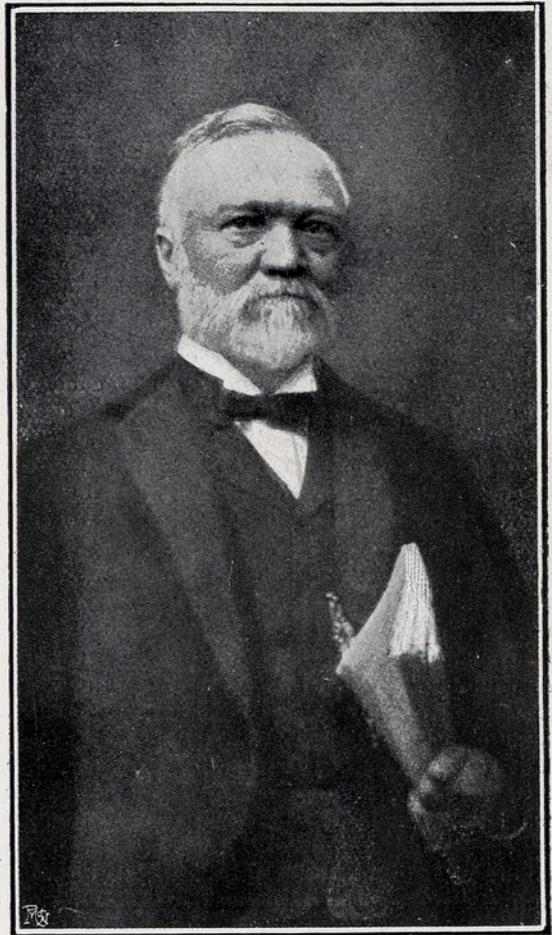
ASQUITH

cação dos ministros que foram seus collegas. Felizmente para a humanidade, o Novo-Mundo produziu homens capazes de tomar em suas mãos a tarefa que se impusêra o deplorado *leader* inglês.

A direcção da Inglaterra no movimento culminou por occasião da primeira conferencia da Haya, e a sua

abdicção manifestou-se claramente na segunda. Num periodo de dôze annos o estandarte pacifista passou para os Estados-Unidos. A contravolta deu-se quando o governo liberal em 1906 recusou consagrar uma libra á paz por cada milhar de libras destinadas á guerra, e nomear uma commissão destinada a estudar a melhor maneira de promover a amizade e boa vontade entre a Inglaterra e as outras nações. Apesar da adhesão de Asquith a esta proposta, a commissão ficou como um sonho irrealizável. O que a Inglaterra abandonou encarregou-se a America de realizar. No anno passado foi approved pelo Congresso e assignado pelo presidente Taft um *bill* nomeando uma commissão de cinco membros para estudar a forma de utilizar os meios internacionaes existentes com o fim de limitar os armamentos das potencias por combinação internacional, combinar as forças navaes do mundo como uma força internacional para a conservação da paz no universo, e discutir o melhor meio de diminuir as despezas militares e as probabilidades da guerra. Esta commissão dos cinco não foi ainda nomeada, segundo as palavras de Taft porque estando elle em negociações com os governos estrangeiros, espera as suas respostas para depois a nomear. Os esforços dos americanos teem porém sido muitos e variados, já em propos-

tas de diversa especie, já na conclusão de tratados particulares de arbitragem. Os particulares mostram-se igualmente fervorosos.



CARNEGIE

E. Ginn fundou a Escola Internacional da Paz com uma pensão de cem mil libras annuaes, e Carnegie fez a doação de dois milhões de libras de que noutro ponto tratamos.

## O segredo das origens da moda

Quem delinea as modas femininas para as grandes casas de Paris são frequentemente homens; e ao que parece mostram-se communmente mais ha-

beis para criar uma idea geral decorativa para um dado tipo de mulher. Entretanto para essa idea se tornar um perfeito modelo é necessário que a mão feminina lhe faça as modificações de detalhe necessárias. Muitos dos delineadores passam pelas escolas de arte, e discutem com artistas os seus planos. Muitas das melhores casas incitam os seus artistas da moda a frequentarem museus; uma ou duas teem bibliotecas de consulta onde os seus empregados podem achar velhos documentos sobre vestuario de valôr inapreciável. Varias modistas de primeira ordem vão estudar velhos bordados de igreja, velhas rendas e ve-

lhas tapeçarias. Outras copiam antigos manuscritos, vestes sacerdotaes, etc. A habilitade para as rendas torna-se ao que parece hereditária. Uma das melhores rendilheiras

de França tem trabalhando para ella mulheres com oito gerações de rendilheiros atrás de si, e, em sua opinião, são precisas três gerações para conseguir uma bôa artista.

## Vida na Sciencia e na Industria

### Tratamento medico dos animaes

Os animaes dos jardins zoológicos estão sujeitos aos males físicos de que soffre a humana especie. E' coisa certamente interessante um macaco com

dôres de dentes, ou um urso com papeira; mas mais interessante ainda o tratamento cuidadoso de todas essas doenças por medicos especialistas, nos grandes jardins de Londres, Berlim, Nova-York, — com verdadeiros consultorios, sanatorios, hospitaes. Todo o animal recebido num d'esses jardins é attentamente examinado pelo doutor especialista. Se o bicho estiver indisposto é isolado por algum tempo, e se doente, tratado no hospital. De maneira alguma é exposto ou collocado junto dos seus semelhantes se não estiver de perfeita saude. Dada a entrada, se caírem doentes são mandados para o hospital, e desinfectadas as jaulas.

Grandes e minuciosos são os estudos feitos nos laboratorios d'esses grandes jardins zoológicos. Todo o animal que morre é necropsiado com o fim de se estabelecêr a causa da morte. Assim se colhem preciosos ensinamentos práticos.

Pelo que respeita a tratamentos, de uma maneira geral são os macacos e antropoides os que se mostram mais pacientes, posto que haja excepções. Assim o dr. Johnson criou um grande inimigo num grande antropeide que operou da cataracta.

Um pequeno gibbon do jardim de Londres soffreu tratamento electrico para a paralisia



COMO É TRATADO E PROTEGIDO O BRAÇO PARTIDO DE UM MACACO

de um braço. Tendo-o examinado, o dr. do jardim resolveu mette-lo num trem e manda-lo a um especialista. Este recommendou a

electricidade, e duas vezes por semana o gibbon ia com o seu guarda, de trem, a Harley Street fazêr o tratamento da «alta frequencia».



EXTRACÇÃO DE UM DENTE A UM CHIMPANZÉ

Não dando choques estas correntes electricas, o animal não se alterou nem fez escarcéu. Ao principio atrapalhou-se com o vêr o seu pello todo em pé ao estabelecêr-se a corrente. Finalmente o braço melhorou, mas começou a fazer-lhe especie uma mancha branca no pello do sitio em que a corrente foi applicada.

A um outro macaco, que partira um braço, fez-se o curativo chloroformizando-o, mas foi preciso collocar-lhe depois um collar de madeira ao pescoço, para o impedir de estragar com os dentes o apparelho de gesso que lhe posto.

Os elefantes são muito pacientes. Parecem reconhecer o bem que se lhes faz. Quando prêsos, é necessario cortar-lhes periodicamente as unhas e pelles que lhes crescem na planta dos pés. A' sua chegada dos tropicos aos nossos climas soffrem muito do estomago, por causa do frio. A applicação de sinapismos, e uma beberragem de genebra e gengibre dá invariavelmente bôm resultado. Colloca-se-lhes sobre o corpo um cobertôr, sobre este uma espessa camada de mostarda, tapada depois por outro cobertôr, fortemente ligado. Breve o calôr da mostarda chega ao estomago, trazendo o desejado allivio. A dose de bebida completa a cura. O mais interessante é que os elefantes que tomam a bebida ao primeiro ataque, se fingem doentes depois para conseguir mais bebida. Um elefante de um jardim americano só deixou assim de apparentar

doença quando limitaram o tratamento á mossa-tarda.

E a proposito de tratamento de animaes, digamos que na Allemanha se fundou recentemente uma instituição onde varias mulheres aprendem a arte de tratar animaes doentes, especialmente os cães. Essas enfermeiras aprendem a applicar papas, a collocar em gesso os membros partidos, a lavar antisepticamente as feridas, a preparar banhos higienicos, a ministrar medicamentos, etc.

Além das enfermeiras, ha as que se dedicam a cuidar de cães, lavando-os, cosinhando-lhes a comida, e tratando-os tambem como enfermeiras em caso de doença.

### O clima e a côr humana

A côr dos habitantes de uma dada região depende da intensidade dos raios solares nesse clima. A côr escura é uma protecção adaptativa contra o perigo que é para o homem um sol ardente. Se o pigmento se desenvolve segundo a necessidade, diz o professor Lyde, se o preto protege dos raios solares mais que o moreno e mais que o amarello, nós devemos podêr delimitar as zonas climáticas da côr; e nenhum individuo ou raça pode esperar florescêr numa dada zona a não sêr protegido artificialmente ou naturalmente pelo grau de pigmento normalmente necessário nessa zona, como nenhuma planta pode sobrevivêr sem a sufficiente chlorofila para absorvêr os raios do particular comprimento de onda que decompõem o acido carbônico do ar.

As pelles mais escuras devem encontrar-se pois necessariamente nas partes do globo mais quentes que não teem florestas; as mais claras, onde o relevo local dá mais accesso para o interiôr aos ventos humidos, sob ceus nevoentos em altas latitudes, — caso este da Europa. A côr intermedia, o amarello, é o resultado da estepe, da planicie herbosa nos climas temperados. O autôr acha que por 25° de latitude N. e S. são os limites da pelle preta. Dentro d'esses limites os brancos que se quizerem acclimatar devem fazer uso na roupa de baixo, junto á pelle, de tecidos pretos de origem animal, lan ou sêda, e, no fato, de côr branca de origem vegetal, algodão ou linho. Ao ar livre deveriam trazêr oculos e andar espessamente velados. Conclue por fim prevendo o desaparecimento dos brancos loiros. Só o branco trigueiro poderã acclimatar-se permanentemente nos tropicos, ou talvez mesmo só os amarellos. O pigmento, apesar de desnecessário nas altas latitudes, não é comtudo inconveniente ahí, enquanto nas baixas latitudes a sua ausencia é fatal ao branco em certas precauções que é quasi impossivel adoptar sistematicamente. Por isso os negros poderã introduzir-se nos dominios dos louros com muito mais facilidade do que os loiros nos dominios do negro.

### Ovos de conserva

O numero dos ovos conservados mais ou menos tempo attinge em Inglaterra um total de 900 mil por anno, de que um vigesimo sómente não é de importação. Geralmente o commercio armazena os ovos durante seis ou sete mezes. Os frigorificos não constituem o melhor sistema neste caso; obteem-se melhores resultados com o silicato de soda. Os inglêses dão aos ovos diversas qualificações conforme o grau de fresquidão. De seis semanas para cima são conservados pelos processos especiaes em uso. O ovo sem qualificativo é quasi sempre estrangeiro. Os mercadores bons conhecedores examinam-nos á luz electrica, podendo os mais praticos examinar assim 1:500 a 2:000 por hora. Nem todos os ovos se comem, e muitos são empregados na luvaria, na encadernação, na fotografia para as gelatinas.

### Uma victoria do interesse economico sobre o sentimento artistico.

Quem não viu ainda as quedas do Niagara não tem muito tempo a perdêr. Quando se acabarem os trabalhos da sua utilização como força motriz para as officinas que d'ellas se alimentam, a queda principal ficará reduzida de 100 a 47 metros; outras baixarão de 20) a 15) metros.

O governo dos Estados-Unidos tenta reagir contra o vandalismo esthetico, mas o Estado de Ontario quer sobretudo ás fontes da sua prosperidade economica.

### O tumulo de Marco-Aurelio?

O professor inglêz Frothingham cuida têr descoberto no sarcófago de pór-firo do museu de escultura do Vaticano, que geralmente se suppõe sêr o de Helena, mãe do imperador Constantino, — o tumulo de Marco-Aurelio. Os baixos relevos esculpidos mostram a carnificina de pri ioneiros germanicos que assignalou o seu funeral. Certamente, diz o archeologo, repugna acreditar que um imperadôr tão humano como Marco-Aurelio permittisse a representação de uma scena tão bárbara no seu tumulo, mas por outro lado é facto que apparecem carnificinas semelhantes nos relevos da própria columna de Marco-Aurelio. Era antigo costume sacrificar prisioneiros nos anniversarios dos imperadôres, como holocausto aos deuses: assim foram trucidados, por exemplo, milhares de judeus nos anniversarios de Vespariano e Domiciano. Só o Christianismo tomou impossivel uma tal maneira de considerar a vida humana, um tal abuso do homem como os romanos mostravam nos seus combates de gladiadôres, etc. Depois, todos, mesmo os Marco-Aurelios, estamos presos necessariamente em grande parte aos erros e preconceitos do nosso tempo.

## Vida na arte e nas letras

### Marguerite Audoux

O acontecimento literário mais sensacional em França foi ultimamente a aparição da novella *Marie-Claire*, de que é autôra uma pobre costureira, Marguerite Audoux. Mais uma vez se dá o caso de alguém produzir uma obra fortemente impressionante construindo-a com os elementos tirados da sua propria vida, das suas proprias aventuras sentimentaes. Marguerite Audoux nasceu na Normandia, onde seu pae era um pobre rendeiro. Quando a mãe lhe morreu o pae caíu no vicio do alcool, e cedo desapareceu da terreola, deixando abandonada a pobre



MARGUERITE AUDOUX

Marguerite. Recolheram-na as religiosas de um convento, que lhe ensinaram tudo que ella sabia quando se resolveu a ir para Paris, com alguns poucos francos, nenhuns amigos, e uma completa ignorancia da vida. Em Paris viveu difficulosamente da costura, até obtêr um ganho de perto de seis tostões por dia. Os primeiros conhecimentos arranjou-os no café pro-

ximo de casa onde tomava uma refeição diária. Costumavam ser-lhe visinhos nesse café o artista Francês Jourdain e o escritôr Charles Louis Philippe. Interessaram-se pela costureira que lhes apparecia muito apaixonada pela litteratura. Corrigiram-lhe os manuscritos e examinaram-lhe as provas quando em 1905 conseguiu publicar alguns breves contos no *Figaro*. Por seu conselho começou ella a escrevêr a historia da sua propria vida; não a terminára ainda quando morreu em 1909 Charles Louis Philippe, que a deixou recommendada a Octave Mirbeau. Este leu o manuscrito, prefaciou o livro e propôs a autôra para o premio da Academia das Mulheres, premio realmente concedido pelo semanario *La Vie heureuse*. Marguerite Audoux foi premiada, recebendo 5000 francos. Soou então a sua hora gloriosa. O exito foi extraordinario. A autôra limitou-se a dizer muito singelamente como viveu desde a morte da mãe até hoje; a narrativa é completamente desataviada, simplicissima de pensamento, de composição, de forma. O seu gosto literário alimentou-o Marguerite Audoux pela leitura dos grandes escritôres do ultimo seculo, sendo uma grande admiradôra de Carlos Dickens, do qual leu todas as obras traduzidas em francês. Os volumes da sua bibliotheca foram obtidos em segunda mão por poucos soldos, e são todos de serio e alto carác er. Marguerite Audoux tem hoje quarenta e cinco annos, é singelissima, veste pobremente, sempre de côres escuras, e rodeia-se do estrictamente necessario.

### Mais um exito feminino

Acompanhando o exito da autobiografia de Marguerite Audoux deu-se a revelação de uma escritôra dramatica de valôr, Mademoiselle Marie Lenéru, autôra da peça «Les Affranchis», que André Antoine fez ouvir no Odéon em uma serie de sete peças não publicadas ainda nem representadas por várias razões. O drama, segundo Gabriel Trarieux, tem todas as qualidades viris, e mesmo os correspondentes defeitos, como certa seccura e falta de emoção; deveria chamar-se «A feira de Cister», visto que a indêa poetica e dramatica é um episodio da vida de uma noviça afastada do convento por um accidente legislativo. Encontra-se ella com Filippe Alquier, um flososo; leem os dois e trabalham juntos, começando a amar-se, e Alquier, que é casado, pretende, pelo divorcio, vir a casar com a rapariga. A proposta repugna á noviça, que a rejeita por conselho da superiôra do seu convento. Em *Marie-Claire* é-nos apresentada uma alma triste ambicionando sair da sua solidão conventual; nos *Affranchis* vemos uma freira que volta casualmente ao «mundo», mas para sêr esmagada por elle. Trarieux elogia

as qualidades scenicas da peça, o brilho do diálogo e a precisão psicologica das scenas e dos caracteres, qualidades bem raras numa estreia e que explicam a ovação com que o drama foi recebido.

### As mulheres e as academias francêsas

Na *Revue des Français* propôs-se a instituição de uma academia de mulheres francêsas. Constituir-se-ia uma sexta corporação do Instituto de França, para mulheres sômente. Essa academia seria patrocinada pelos proprios membros do Instituto, que elegeriam as quarenta primeiras academicas. A isso se reduziria a sua intervenção, e as academicas elegeriam depois successôras aos lugares que fossem vagando. Para tratar do assumpto formaram-se duas comissões de dez membros cada, uma composta de homens e outra de mulheres. Enviaram uma carta circular a todos os membros do Instituto, explicando que muita gente estava anciosa de vêr fundada uma assemblea representando a *élite* das mulheres francêsas nos dominios da arte, da literatura e da sciencia, não esquecendo a caridade e a abnegação, perguntando se approvavam que o Instituto em conjuncto, ou cada membro separadamente, elegessem a primeira Academia, e se o destinatário da carta desejaria tomar parte nessa eleição. Nas respostas, vários declararam absterem-se; um recambiou a carta; outro respondeu em latim; outro declarou sêr o lugar da mulher o *ménage*; outro que fóra da sua especialidade os homens não são competentes para decidir dos meritos das mulheres, etc. Entre os que mostraram simpatizar com a idea contam-se Paulo Beauregard, H. Velschinger, Paulo Hervieu, Compayré, o principe Roland Bonaparte, Estevão Lamy, Emilio Faguet, Rostand, etc.

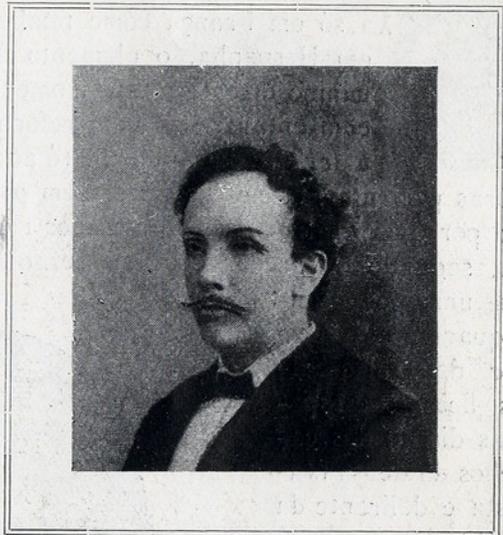
Surgiu ao mesmo tempo o problema se foi nos puros interesses da sciencia que o Instituto decidiu contra a admissão das mulheres, e que a Academia das Sciencias preferiu Branly a Madame Curie. Foi pela razão do bom-senso e da equidade, ou pelo interesse nacional, o qual reside em animar a produção de grandes obras, recompensando os seus autôres? Todos opinaram que o titulo de Academico existe para consagrar os meritos superiôres, e que o merito não distingue sexos. Entretanto, uma Academia separada não contentará naturalmente as mulheres que, como Madame Curie, ambicionam essa alta distincção.

### As novas tendencias na musica

A musica de hoje, segundo escreveu um critico inglêz, é mais complicada, subtil e delicada do que o era no tempo de Bach e Beethoven, mas também de uma bellêza menos espontânea e muito mais difficil de comprehendêr. A *Salomé* de Ricardo Strauss despreza todas as regras de forma e viola todas as tradições das aca-

demias, mas deve notar-se que ella acompanha scenas e traduz acções que se realizaram mais de mil annos antes da adopção da nossa gamma occidental. Em França, Claude Debussy tem escrito sob planos inteiramente novos. Debussy e Vincent d'Indy tentaram fazer com que a melodia exprimisse a verdadeira emoção das palavras—quer dizer, unir por completo o poeta e o compositôr. Na Allemanha é representado um esforço semelhante por Hugo Wolf, Brahms e outros.

Ao que parece, a Inglaterra não temerá soffrer comparação com a Allemanha, que possui em Strauss o seu unico grande compositôr na actualidade, emquanto a França pode ufanar-se de uma escola de compositôres de toda a distincção e interesse. Na primeira d'aquellas nações ha a notar a importante e representativa obra de Edward Elgar; Joseph Holbrooke é talvez o unico compositôr inglêz que possa rivalizar com a popularidade de Sir Edward.



RICARDO STRAUSS.

Ricardo Strauss falou algures na «nova escola progressiva de compositôres inglêzes», d'onde se infere que elle crê num futuro brilhante da musica inglêsa. O merito de Cyril Scott tem sido também geralmente apreciado, ainda dos que desaprovam os seus desvios para fóra dos caminhos batidos, e muitos dos seus *songs* obtiveram grande favôr. As suas peças de piano raro agradam à primeira audição. A extraordinária justaposição de várias tonalidades sôa estranhamente aos ouvidos, mas uma vez acostumados a ella, muitos se admiram de que outros compositôres não tivessem descoberto já tão impressionantes effeitos de colorido.

Claude Debussy, de quem já falámos como criadôr de uma nova linguagem musical, considera Scott como um dos mais raros artistas da actual geração.



ão só em França como também em Hespanha, o elemento feminino discute n'este momento com entusiasmo uma reforma à *toilette* da mulher. Até aqui, leitoras pacientes, as nossas saias teem passado por uma evolução mais ou menos ridicula, segundo o parecer e o bom-senso de cada um; no entanto, quando nos veem falar das saias-calções ficamos estupefactas diante dos caprichos da deusa fantasista e delirante da moda.

Estamos em crer que entre nós não haverá quem a siga neste novo devaneio; apesar de algumas opiniões favoraveis de grandes modistas, a moda certamente não vingará. Não queiramos apropriar-nos da *toilette* masculina; a mulher, mesmo no seu vestuario, deve ser essencialmente feminina; a saia, sendo curta quadrilhe bem, e é suffi-

cientemente pratica. A moda poderá suggerir-nos uma idéa, devemos tirar d'ella uma concepção geral, mas nunca escravizarmo-nos em absoluto. No seu vestuario revela a mulher não só o seu gosto pessoal mais ou menos apurado, como também certo sentimento artistico mais ou menos definido.

Assim, tudo pôde ter no vestuario influencia; as estações correspondem ao rigôr da sua *toilette*, a sua simplicidade revela-se nos enfeites do seu vestido, um dia de sol pede uma *toilette* clara, matizada de flôres, etc.

Março é o mez da esperança, porisso que se começa a sentir o bafo da primavera, os seus dias crescem á medida que uma luz mais brilhante nos vivifica fazendo-nos esquecer os dias de um triste inverno. Assim também as pelles, os vestidos pesados, vão cedendo logar aos tecidos leves, aos chapéus floridos. Com





*toilettes* da primavera. Alem d'outras vantagens sobre a seda, têm a seu favôr a facilidade com que pode ser lavado. A novidade está na variedade de côres, de uma doçura de tons que se prestam a um vestido do mais lindo effeito. Temos visto alguns cortes que são do mais accentuado bom gôsto. Mencionaremos um de *voile* azul *royale*, com barra preta sobre o qual uma leve cercadura de *forget-me-not*. Outro ainda em beije, salpicado de rosinhas e acabando por uma risca de setim preto. Para vestidos de recepção ha tecidos primorosos, sempre cobertos de gaze formando tunicas. Musselina sobre setim de qualquer côr produz uma doçura de effeito verdadeiramente apreciavel. As rendas são sem-

a chegada da primavera, em que os raios do sol nos convidam a passeio, nenhuma *toilette* é tão apropriada como o vestido ligeiro de saia e casaco. Não nos podemos abster de o repetir, visto que está sendo de tal fôrma generalizada essa fôrma, que nenhuma mulher que se saiba vestir pôde usar outra *toilette* na rua.

O casaco curto continua sendo o modelo mais recente; tende a encurtar tanto mais que, sêgundo as ultimas informações recebidas, o bolero volta como a mais moderna feição da moda. Comquanto o bolero seja um feittio bastante gracioso, sobretudo para meninas, devemos convir que nada ha de mais pratico do que um casaco.

O bolero já obriga a um cinto, mais um accessorio á *toilette*. Voltando aos casacos, são elles de uma simplicidade encantadôra, de uma sobriedade de enfeites tal que lhe poderemos chamar o verdadeiro genero inglês. As saias *corselets* continuam a usar-se com grande vantagem para as blusas. Começam a apparecer lindos tecidos de algodão, alguns de tão bom gôsto, de tal leveza e brilho que se recommendam como preferiveis ás sedas.

O *voile* será o tecido da moda para as



A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE**.

pre apropriadas para estas *toilettes*, sendo a renda de Veneza a que está mais em realce na presente occasião. As rendas com contas metalicas e bordadas a ouro ou prata, tambem estão sendo favorecidas, e os entremeios do mesmo gôsto são em geral recobertos de musselina de seda. O cardinal, o verde musgo e o gris são as côres favoritas para a proxima primavera. O primeiro destes tons deverá ser guardado de prata afim de atenuar um pouco; quanto ao verde e ao gris poderão ser enfeitados no mesmo tom mais carregado. Os vestidos de linho vão ser o successo da estação mais quente.

### Receitas uteis

Para conservar as flôres frescas, deite-se um pouco de alumen na agua.

Para tirar nodoas de café em fazendas claras: lavá-las com uma gemma d'ovo dissolvida em agua tépida, com umas gottas d'alcool.

Para limpar galão dourado ou prateado: esfregá-lo muito bem com miolo de pão quente.

O sal é muito util para a alimentação, sobretudo das crianças: facilita a digestão e purifica o sangue.

As fotografias sujas de moscas limpam-se com benzina e magnezia calcinada.

Para tirar o cheiro do peixe e o das cebolas d'uma frigideira, deite-se dentro uma pequena porção de vinagre e leve-se em seguida ao lume a aquêcêr.

Nunca secar o calçado perto do lume quando húmido: rompêr-se-ia assim com facilidade. Pô-lo numa corrente de ar é a unica maneira de o secar sem lhe causar damno.

Para tirar nodoas de tinta já secca experimente-se esfregar com leite até que a nódoa desmereça, renovando a applicação até a nódoa desaparecer de todo. Depois esfregue-se com ammónia para tirar a gordura do leite.

Para lavar a cabeça é muito bom o borato de soda.

Para lavar flanela branca, empregar agua em que se tenha cozido feijão branco, passando depois por várias aguas até que fique completamente limpa.

Para tirar manchas de vinho, fruta e assucar em fazendas claras, humedecer a nódoa e juntar algumas góttas d'ammoniac.

Para limpar os tapêtes, esfregá-los com um panno embebido em ammónia dissolvida em agua. Este processo dá brilho ás côres, enquanto as fôlhas de chá, que geralmente se usam, as fazem desmerecêr.

Para lavar todas as cousas de cosinha, deite-se um pouco de soda na agua; *mas não se empregue o processo para objectos de aluminio.*

Para limpar feltro branco empregae um pouco de lixa fina, com a qual esfregareis até tirar toda a sujidade, renovando a lixa quando já inutil.

